

VIVÊNCIAS MATEMÁTICAS
A Construção de Conhecimentos
no Cotidiano de um Pedreiro

Michele Nazaret de Almeida

Juiz de Fora
2008

Michele Nazaret de Almeida

VIVÊNCIAS MATEMÁTICAS

A Construção de Conhecimentos no Cotidiano de um Pedreiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Adlai Ralph Detoni

**Juiz de Fora
2008**

(Espaço destinado ao Termo de Aprovação)

Resumo

Este trabalho pretende compreender como o conhecimento matemático é construído por trabalhadores da construção civil, no exercício de suas funções num canteiro de obras. Para isso, busca questionar o modelo de conhecimento que vem se constituindo como pensamento hegemônico há tanto tempo, o modelo cartesiano/ocidental, com o intuito de constituir um olhar crítico sobre ele. Pautando-se na compreensão do conhecimento como construção que acontece nas práticas sócio-culturais, essa pesquisa procura compreender como um trabalhador da construção civil constitui seus conhecimentos matemáticos em situações de trabalho ao mesmo tempo em que se constitui na pessoa que é. A pesquisa se pretende afim com a perspectiva Etnomatemática, já que essa vertente da educação matemática possibilita novos olhares sobre a educação e sobre a matemática, na tentativa de compreender o conhecimento como um modo que as pessoas possuem de se constituir no mundo, diante da realidade a qual vivenciam. A pesquisa pretende se constituir em uma abordagem qualitativa, pois busca compreender como o fenômeno se constitui para aqueles que o experimentam, seus modos de significá-lo, as concepções que dele têm.

Palavras-chave: Etnomatemática, conhecimento matemático, práticas sócio-culturais, construção civil.

Abstract

This work aims to understand how the mathematical knowledge is built by employees of the construction, in the exercise of its functions in a gantry works. To do this, search questioning the model of knowledge that has been constituted as hegemonic thought long, the model Cartesian/Occidental in order to be a critical eye on him. Guiding up in the understanding of knowledge as construction is happening in the socio-cultural practices, such research seeks to understand how an employee of the construction build their mathematical knowledge in situations of working at the same time that is the person who is. The research is to be related with the prospect Ethnomathematics, since this aspect of mathematics education allows new visions on education and on the math, in an attempt to understand the knowledge as a way that people have to be in the world, ahead of reality which experience. The research seeks to be an qualitative approach, because search understand how the phenomenon is constituted for those that experience, their modes of mean it, the concepts that have it.

Keywords: Ethnomathematics, mathematical knowledge, practices socio-cultural, civil construction.

Agradecimentos

À minha família, pelo apoio constante, pela dedicação e incentivo durante toda essa caminhada, acreditando e me fazendo acreditar que o sonho era possível.

Ao Marcelo, meu primeiro leitor, por caminhar ao meu lado, me incentivando nos momentos em que tudo parecia perder o sentido e a vontade de desistir parecia imensa.

Ao Adlai, por contribuir para que eu me constituísse pesquisadora, aceitando minhas limitações e por acreditar que essa pesquisa era possível.

À Sônia, por me mostrar que a Educação Matemática é um caminho possível e por buscar sempre incentivar em cada um suas possibilidades.

Ao João, que, com sua simplicidade cativante, foi capaz de me mostrar tanto do existir humano.

Sumário

Primeiros Momentos.....	8
Idéias Surgindo.....	11
Como Penso o Conhecimento.....	17
Etnomatemática e Conhecimento.....	25
Caminhos da Pesquisa.....	31
Os Pedreiros.....	37
Vivenciando a Pesquisa de Campo.....	40
Compreendendo a Pesquisa de Campo.....	54
Agrupando os Apontamentos da Pesquisa de Campo.....	72
Finalizando.....	89
Referências.....	95
Anexos.....	97

Primeiros Momentos

O conhecimento matemático que circula entre os saberes escolares teve suas bases construídas notadamente em um contexto específico: o mundo grego, no qual se buscava constituir uma razão como forma de compreensão dos acontecimentos, com o objetivo de predizê-los. Nesse cenário, onde as idéias dominantes eram as dos filósofos da época áurea, o conhecimento matemático seria um dos responsáveis pela produção das explicações dos fenômenos do universo. Apesar de passados tantos séculos desde a construção de grande parte desses conhecimentos, ainda vem sendo difundida a idéia de que esse saber matemático deva ser propagado como a forma absoluta de conhecimento, especialmente no contexto escolar.

Durante minha graduação já me sentia incomodada com o fato de a matemática escolar ser tão desvinculada da realidade, pois acredito que uma das maneiras de se aprender é através da busca de soluções para as questões surgidas na realidade vivida, que não é só imediata, mas também histórica e cultural. E acredito que essas questões surgem se os problemas forem vivenciados, se configurando no cotidiano das pessoas, pois, conforme D'Ambrósio “toda atividade humana resulta de motivação proposta pela realidade na qual está inserido o indivíduo através de situações ou problemas que essa realidade propõe” (1990, p.6).

Ao me tornar professora do ensino fundamental, comecei a me questionar sobre como eu poderia trabalhar o conhecimento matemático de forma mais significativa com meus alunos, para que eles pudessem ver correlação entre a vivência da matemática no contexto escolar e sua vivência fora da escola, pois penso que o contexto escolar e a vida não são duas esferas estanques de relações, que devam ser vivenciadas de maneira desvinculada. Além disso, os próprios alunos não são pessoas diferentes em cada uma dessas situações. Suas vivências históricas e culturais os constituem nos alunos que são. Ao freqüentarem a escola eles não deixam de ser tudo aquilo que são fora do ambiente escolar, mas continuam a ter suas convicções e modos de se posicionar no mundo.

Buscando, então, mostrar aos meus alunos possibilidades de vivenciar o conhecimento matemático ampliando o contexto escolar, procurei encontrar alguma situação que poderia estar presente no cotidiano deles na qual o conhecimento matemático se constituísse. Por meio de algumas conversas e de uma situação em sala de aula que será descrita mais adiante, fui descobrindo que alguns alunos tinham pais que trabalhavam como pedreiros ou outras profissões ligadas à construção civil, e utilizavam cálculos matemáticos no seu dia-a-dia.

Em muitos casos essa vivência matemática dos pais acaba por se apresentar também aos filhos, pois esses conhecimentos passam a fazer parte da cultura familiar. As conversas sobre questões de trabalho são comuns com os filhos, ou na presença deles. Sendo assim, os filhos de pedreiros acabam sendo impregnados por essa cultura matemática própria de um canteiro de obras, possuindo, então, uma outra vivência matemática, diferente da escolar.

Partindo dessa situação, comecei a me questionar sobre a maneira de construção do conhecimento matemático nos canteiros de obras. Há, sem dúvida, várias formas de conhecimentos que circulam nesse espaço, mas os pedreiros, que lidam com eles, geralmente são pouco escolarizados, não tiveram qualquer formação teórica e são muito capazes de resolver problemas matemáticos complexos em seu trabalho.

Diante disso, comecei a me questionar sobre os modos de constituição desses conhecimentos. Se, em muitos casos, não foi dentro de um ambiente escolar que os pedreiros vivenciaram esses conhecimentos, como é que eles os constroem e os manejam com tanta habilidade? Em muitos casos, como já pude constatar em situações nas quais observei esses profissionais atuando, os conhecimentos são passados de pais para filhos, pois muitos, desde jovens, começam a acompanhar os pais no trabalho nos canteiros de obra, apesar disso não se constituir uma regra. Surgiu-me, então, o interesse em compreender como esses conhecimentos se constituem em situações próprias do trabalho, como são difundidos entre os profissionais e também os significados que são a eles atribuídos por esses trabalhadores. Sendo assim, me propus a realizar uma pesquisa que buscou compreender como o conhecimento matemático é construído numa situação de trabalho, no exercício da função de pedreiro.

A investigação por mim proposta consistiu, como partida, em buscar compreender como o conhecimento matemático é construído pelos trabalhadores da construção civil, pedreiros e mestres-de-obras, que geralmente possuem pouca escolaridade e ocupam uma posição pouco favorecida na nossa sociedade, mas que fazem uso constante do conhecimento matemático em situações de trabalho.

Para melhor empreender essa investigação busquei dialogar com a Etnomatemática. Meus primeiros contatos com essa vertente da educação matemática, que ocorreram durante minha graduação, me despertaram grande interesse por melhor compreender seus princípios e idéias. Uma dessas idéias, com a qual identifico minha pesquisa, é o modo de ver o conhecimento como uma construção que acontece nas práticas sócio-culturais, nas relações cotidianas. Outro aspecto que faz da Etnomatemática importante referencial é a sua busca da valorização de práticas sócio-culturais que sempre permaneceram em posição inferior na

estrutura social, que são muitas vezes deslocadas pelos grupos dominantes detentores do saber matemático científico, sendo até mesmo invalidadas como forma de transmissão pedagógica de conhecimento.

As vivências pelas quais transitamos nos tornam aquilo que somos, pois por meio delas é que constituímos nosso modo de questionar o mundo, de nos posicionar diante dele. Aquilo que somos está repleto de marcas dos caminhos que trilhamos, pois cada vivência deixa em nós vestígios que contribuem para a formação de nossas idéias e modos de pensar. Não há meios de se desvencilhar disso. Penso, então, ser de grande importância mostrar algumas partes do meu caminhar, que deixaram marcas profundas, levando-me ao lugar onde estou, encaminhando-me em direção à pesquisa que realizei.

Idéias Surgindo

Pensar matematicamente a realidade em que vivemos faz parte de nossa vida, nas mais diversas situações do dia-a-dia: nas compras em um supermercado, na organização dos objetos dentro de um armário, no ato de estacionar o carro, na execução de receitas culinárias, entre tantas outras. Ou seja, a construção da matemática ocorre a todas as pessoas, não sendo somente uma atividade consagrada aos “gênios”.

Já no ambiente escolar conforme o que vivi, o conhecimento matemático se constitui, geralmente, como um conjunto de técnicas para resolução de diversos problemas que têm pouca ou nenhuma relação explícita com a vivência dos alunos. Essas técnicas, em sua maioria, são pedagogicamente ultrapassadas, um amontoado de fórmulas sem qualquer sentido para os alunos, podendo fazer com que eles se distanciem do conhecimento matemático, pois não estabelecem qualquer relação de pertença com aquilo que é veiculado pela escola e também não se sentem familiarizados com essa forma de conhecimento apresentada. Com isso, muitos alunos se tornam apáticos e entediados dentro da sala de aula, pois a matemática apresentada não faz qualquer sentido diante da realidade que eles vivenciam.

Sendo assim, o conhecimento matemático que circula pelo cotidiano não possui reconhecimento nem visibilidade dentro do ambiente escolar. Os conhecimentos matemáticos construídos nas situações do dia-a-dia não possuem validade diante das técnicas transmitidas pela escola. A matemática praticada pelos alunos, por sua família, por sua comunidade para atender às suas questões cotidianas, para solucionar os problemas do dia-a-dia está pouco vinculada à matemática escolar que muitas vezes lhes é imposta como a forma absoluta de saber. Muitos professores rejeitam as construções matemáticas que seus alunos trazem para a escola, seus modos próprios de lidar com as situações propostas, mantendo assim os saberes cotidianos afastados do ambiente escolar. Com isso, perdem os professores e os alunos. Os professores porque poderiam tornar suas aulas mais significativas, trazendo para o dia-a-dia da sala de aula conhecimentos que circulam pelo cotidiano, dando algum sentido aos saberes no contexto escolar, promovendo a integração entre o conhecimento formal e aquele dos alunos. Quanto aos alunos, esses perdem porque não possuem qualquer estímulo para interagir com o conhecimento e se sentem cada vez mais distanciados desse saber, que gradualmente vai se tornando mais inacessível.

Essa visão de conhecimento matemático, desvinculada da realidade, foi por mim experienciada já durante meus anos de escolarização na educação básica, pois me sentia incomodada com o fato de o ensino da matemática escolar – suas práticas, suas escolhas – ser tão inquestionável na sua infalibilidade, na sua grandiosidade, impondo-se como uma verdade absoluta, “como dois e dois são quatro”, num emaranhado de técnicas aparentemente sem sentido. Eu podia perceber que a matemática escolar era desvinculada da realidade e que esses conhecimentos tinham (e ainda têm) pouca aplicabilidade na vida cotidiana, pois muitos conteúdos trabalhados pelos professores só faziam sentido no campo da própria matemática, sem produzir qualquer significado para o que fosse exterior a ela.

Apesar disso, mesmo sabendo que aqueles conhecimentos trabalhados não teriam sentido fora da matemática escolar, não possuindo qualquer interação com o meu cotidiano, sentia-me atraída por listas gigantescas de exercícios, mesmo que fossem quase todos iguais. Existia uma beleza em tudo aquilo que me atraía. E talvez por isso eu tenha escolhido o curso de Matemática como opção profissional, pois assim estaria em contato mais direto com a disciplina de que tanto gostava.

Durante a graduação um movimento foi acontecendo em mim, pois tive a possibilidade de conhecer diferentes maneiras de se conceber a matemática e também sua prática escolar. Entre as diferentes maneiras me dei conta de que havia aquela que a concebia como uma ciência exata, logicamente organizada, a-histórica, pronta e acabada e, por isso, no contexto escolar a ênfase era dada à simples transmissão desse conteúdo, que devia ser universalizado, aprendido por todos da mesma maneira, ao mesmo tempo, privilegiando a matemática pela própria matemática, pela sua beleza intrínseca. Do outro lado, havia a concepção de que ela era uma ciência viva, dinâmica, sendo construída histórica e socialmente pelas pessoas e, por isso, na escola a ênfase era dada aos modos de construção do conhecimento pelos alunos, numa relação dialógica entre estes e o professor.

Dentre essas diferentes maneiras de se conceber a matemática, aquela com a qual me identifiquei foi a apresentada por Ubiratan D’Ambrosio. Segundo esse autor, o conhecimento matemático é algo construído socialmente, algo que as pessoas criam para satisfazer às suas necessidades de sobrevivência e de transcendência (D’AMBROSIO, 2005). Sendo assim, fui percebendo que aquilo que eu considerava como sendo *a* matemática era somente uma entre as diversas formas de se relacionar matematicamente com o mundo. Diante disso, venho entendendo o conhecimento matemático como sendo dinâmico, se constituindo nas vivências, permeando os caminhos trilhados. Com isso, questiono a tentativa de instituição de uma única

forma de saber e de fazer matemática, absolutizando um conhecimento que está presente no cotidiano de todos, já que se constitui nas práticas sócio-culturais.

Ao me tornar professora do ensino fundamental, sempre busquei permanecer atenta à percepção que meus alunos tinham diante dos conteúdos matemáticos trabalhados. Em determinada atividade por mim proposta me surgiram as primeiras indagações que depois me levariam à questão norteadora dessa pesquisa. Sugeri aos meus alunos que calculassem a área de um possível jardim através de um croqui, no qual havia as medidas das dimensões no desenho e uma escala para que fossem feitas as conversões. Muitos alunos protestaram, dizendo que a atividade era muito complicada e de difícil resolução. Diante disso, sugeri que pedissem ajuda em casa, aos pais ou a alguém que pudesse colaborar. Foi quando alguns me disseram que os pais poderiam ajudar porque eram pedreiros e saberiam resolver o problema. Mas, diante do retorno que meus alunos deram dessa atividade, parece não ter havido participação de seus pais pedreiros na sua resolução, pois a atividade havia sido feita segundo o modelo proposto pela matemática escolar.

Essas falas de meus alunos suscitaram em mim uma questão de interesse profissional meu: como esses pais pedreiros, que na maioria das vezes possuem pouca escolarização, poderiam ajudar seus filhos na resolução de tal problema utilizando seus conhecimentos práticos do cotidiano do trabalho? E, a partir daí, outra inquietação foi se fazendo: como esses pais construíram esses conhecimentos nas suas situações do dia-a-dia, nas suas atividades de trabalho? Partindo desses questionamentos, minha vontade de melhor compreender as construções do conhecimento matemático ganhou novas indagações, tornando-se mais concreta.

Decidi, então, seguir caminhos que pudessem me conduzir na busca dessa compreensão. Transformei essas inquietações em um projeto de estudo, o qual foi apresentado ao curso de Mestrado do qual participei, desenvolvendo-as por meio de uma pesquisa na qual pretendia investigar como o conhecimento matemático é construído pelos trabalhadores da construção civil em situações de trabalho, no desempenho de suas funções.

Leituras realizadas durante a graduação também tiveram importante contribuição na formulação da questão norteadora dessa pesquisa. Dentre elas cabe destacar as relacionadas a temas da educação matemática, mais especificamente sobre Etnomatemática. Essa vertente da educação matemática teve suas origens em meados da década de 70, quando o educador Ubiratan D'Ambrosio cunhou esse termo para designar um programa que visa compreender como o conhecimento matemático é gerado, organizado e transmitido por diferentes grupos culturais (D'AMBROSIO, 1990), sendo que o autor considera como grupo cultural crianças

de uma mesma faixa etária, determinada classe de trabalhadores, moradores de um mesmo bairro, entre outros. Diante disso, comecei a me interessar por entender como são constituídas as matemáticas dos diferentes grupos, que buscam atender às necessidades daqueles que as construíram, sejam elas tanto de sobrevivência como de transcendência. Pensando ser o conhecimento produzido por diferentes grupos que estão inseridos em diversos contextos, acredito que essa produção apresente particularidades que mostram as influências que a realidade impõe. Sendo assim, entendo que conhecimentos produzidos em contextos diferentes não deveriam ser comparados nem hierarquizados, mas sim valorizados e validados por se constituírem como uma resposta aos anseios daqueles que os construíram.

Mais adiante, me deterei com maior atenção em mostrar alguns aspectos da Etnomatemática que acredito poderem contribuir para a construção da minha pesquisa, que pretendeu compreender como o conhecimento é construído nas práticas sócio-culturais.

O trabalho dos pedreiros, embora seja de grande relevância na constituição das sociedades, possui pouco reconhecimento social e financeiro. Consoante a isso, seus conhecimentos são pouco valorizados e possuem pouca visibilidade diante do conhecimento matemático formal, representado no ambiente de trabalho pelos engenheiros e arquitetos. Os saberes dos pedreiros são considerados, no máximo, exóticos, diferentes, de uso local, não possuindo reconhecimento, respeito e validade, principalmente entre aqueles que possuem um saber institucionalizado, proveniente de uma instituição formal de ensino. Talvez essa desvalorização seja devida ao fato desses conhecimentos se basearem no empírico, na experimentação, possuindo uma fundamentação não formalizada, mas fundadas em outros processos de construção teórica que não os estabelecidos por instituições de ensino. Por isso não são validados como forma de conhecimento pelo saber científico, já que para as pessoas que o reconhecem dessa forma, matemática seria somente o que pode ser demonstrado racionalmente, por meio de um encadeamento lógico de idéias.

Em diversas situações pude ter contato com pedreiros trabalhando, seja em uma reforma em casa, seja numa obra na vizinhança. Muitas vezes pude observar que eles possuem um conhecimento que “só de olhar” já sabem quanto de cimento, areia ou qualquer outro material será necessário para fazer determinado serviço. Diante disso, pude ir percebendo que grande parte dos conhecimentos por eles construídos são provenientes de atividades cotidianas e não necessariamente de uma escolarização, pois se constituem na prática, por mim considerada como um todo complexo, no qual se relacionam aspectos sociais e culturais, além de tantos outros. Sendo assim, considero que os saberes dos pedreiros se

constituem nas práticas sócio-culturais e, por isso, devem ser considerados nesse todo complexo, sofrendo as influências que a realidade oferece.

Mas, como já foi dito anteriormente, esses conhecimentos não possuem visibilidade e aceitação diante dos saberes formais difundidos pela maioria das instituições de ensino. Parece que por serem saberes que se constituem diante de situações práticas, nas quais é necessário literalmente “pôr a mão na massa”, não têm o mesmo valor social que os saberes construídos em gabinetes, onde as pessoas se isolam do mundo e se cercam de livros. Para mim, dentro do que já expus como intenção de pesquisa, seria interessante promover uma visibilidade, que poderia acontecer por meio de uma integração dos diferentes saberes e das diversas formas de construção do conhecimento matemático, sem a intenção de hierarquizá-los nem compará-los. Também penso que seria válido promover e propagar a compreensão de que os saberes matemáticos são construções humanas, cheias de vida e de tudo aquilo que as pessoas são e vivenciam. Desse modo, os conhecimentos não poderiam ser desvinculados das práticas cotidianas, pois é nelas que eles seriam constituídos. Além disso, como as pessoas estão inseridas numa realidade da qual não há como se desprender, os conhecimentos se constituem no emaranhado das práticas sócio-culturais.

Considerando então o que foi apontado, entendo que o conhecimento trabalhado pelas escolas não poderia ser considerado como a forma absoluta de saber matemático, pois se cada grupo cultural é capaz de construir um conhecimento para si satisfazer, não faz sentido um determinado conhecimento se sobrepôr aos demais. Dessa maneira, a hegemonia do conhecimento difundido nas escolas estaria relacionada ao fato de ele ter sido construído por um grupo que ainda possui o domínio sobre os demais: a sociedade do homem (masculino) branco, europeu e heterossexual.

Entendendo que uma das funções da escola deveria ser a de mostrar aos alunos que existem outras formas de conhecimento, que a matemática por ela usualmente ensinada é somente uma maneira de construção desse conhecimento e que esses diferentes saberes deveriam ser integrados no ambiente escolar, iniciei um trabalho de pesquisa em vista de compreender possibilidades dessa maneira de ver a educação matemática se fazendo.

Como já foi mencionado, tenho a Etnomatemática como inspiração teórica para a minha pesquisa. Ao procurar entender como certos grupos culturais utilizam sistemas matemáticos alternativos ao ocidental (científico, formal) na resolução de seus problemas cotidianos, a Etnomatemática busca a ampliação e o aprimoramento desses sistemas para o fortalecimento da identidade cultural das pessoas como autônomas e capazes. Ou seja, o que ela busca é a valorização de práticas culturais que sempre foram deslocadas pelos grupos

dominantes que detêm o saber matemático científico para uma posição inferior na estrutura social, sendo muitas vezes invalidadas pelos sistemas formais de transmissão de conhecimento.

É importante destacar que a pesquisa Etnomatemática tem a preocupação de recuperar histórias presentes e passadas de distintos grupos culturais, e ainda “há um especial interesse em dar visibilidade às histórias daqueles que têm sido sistematicamente marginalizados por não se constituírem nos setores hegemônicos da sociedade” (KNIJNIK, 2002, p. 164). Mas não é somente dar visibilidade, mostrar que esses conhecimentos existem, mostrar o quanto as classes menos privilegiadas são capazes de construir conhecimento. Também é necessário procurar inserir esses grupos, suas formas de construir, organizar e difundir o seu conhecimento matemático, no intuito de também promover sua visibilidade social.

Diante de tudo que foi exposto, a constituição do conhecimento se apresentou como uma questão de relevância para o desenvolvimento dessa pesquisa, pois busquei compreender o modo como se constitui o conhecimento matemático para os trabalhadores da construção civil. Desse modo, apresento a seguir meu entendimento sobre a constituição do conhecimento.

Como Penso o Conhecimento

Os modos como as pessoas vivenciam o mundo mostram, muitas vezes, a forma como elas compreendem a realidade na qual estão inseridas e também seu modo de se posicionar diante dela. Várias vezes, ao enfrentar as mais diversas situações, são criadas formas de conhecimentos próprias, que não se enquadrariam nos padrões definidos pelas instituições formais de ensino. Essas vivências podem se constituir em situações nas quais o que se busca é compreender a realidade vivida e responder a questões que permeiam o viver humano. E essa busca se configura como uma constante ao longo da história humana. Desde os tempos mais remotos, buscava-se encontrar formas de compreender a configuração do mundo, os fenômenos que nele ocorriam e toda sua dinâmica. Observando e questionando a realidade na qual estavam inseridas, as pessoas criavam modos de responder às suas inquietações, de acordo com suas crenças, seus valores e sua organização sócio-cultural, surgindo assim os conhecimentos como uma maneira mais articulada de responder a essas inquietações. Sendo assim, vários modos de conhecimento foram se constituindo ao longo dos tempos.

A organização social do mundo em diferentes grupos que possuem maneiras próprias de compreender e de lidar com a realidade na qual vivem proporcionou uma grande diversidade de formas de conhecimento. Diante disso, a possibilidade de existir um único modo de produzir respostas para as dúvidas humanas, uma única maneira de se compreender o mundo seria reduzida, pois a diversidade já se fazia presente desde o princípio. Como compreender que certo tipo de planta florescia após uma determinada configuração dos astros no céu? Cada grupo criava diferentes modos de compreender e explicar esse evento. Alguns poderiam tê-lo atribuído às divindades, outros, a alguma causa misteriosa, mas o que importa ressaltar é que existiram diferentes maneiras de compreender e explicar esse mesmo fenômeno, de acordo com o meio no qual os diferentes grupos estavam inseridos e de acordo com os seus anseios e perspectivas diante das situações que o mundo propunha.

Mas essa diversidade de maneiras de compreender o mundo e os fenômenos que nele ocorrem foi sendo suprimida por algumas formas de conhecimento que passaram a ser consideradas socialmente as maneiras “corretas” de se conhecer. Muitas formas de conhecimento foram abandonadas, e até mesmo culturas foram exterminadas, porque não se constituíram como o grupo que exercia o domínio do saber e do poder político. Essa supressão, na verdade, ocorria com um sentido de domínio político, e se dava mais na esfera

do reconhecimento do que na extinção completa da diversidade. As culturas inca, maia e asteca se constituem como um exemplo de formas de compreensão e organização do mundo que foram ignoradas, sendo praticamente exterminadas por aqueles que dominaram o território americano. A conquista e colonização do território brasileiro constituem outro exemplo de dominação dos povos e imposição das formas de conhecimento do grupo colonizador. Os povos que habitavam o Brasil, os ameríndios, tiveram suas formas de compreender o mundo suprimidas pelos conhecimentos dominantes do europeu. O que restou dos conhecimentos indígenas acabou por ser considerado crendice, mito. Quantos indígenas não tiveram que abandonar seus costumes, suas crenças, seus modos de compreender o mundo para se adequar às formas impostas pelos colonizadores... Tiveram que se vestir, cobrir o corpo e sua história para atender a um valor moral que pertencia à cultura do branco, mas que para eles, não tinha sentido...

Mas, conforme apresentado em Certeau (2005), é possível perceber que durante a colonização do território americano os povos que o habitavam conseguiam criar meios de driblar os hábitos e costumes que lhes eram impostos como verdade, usando-os de modo diferente do esperado. Embora eles se adaptassem aos valores culturais impostos pelos colonizadores, eles conseguiam imprimir algo de pessoal nessas práticas, criando com isso novas formas de conhecimento e cultura.

Diante da supremacia de determinada forma de compreender o mundo e, conseqüentemente, de uma única forma de conhecimento, a crença na superioridade de determinada cultura sobre as demais foi difundida como verdade absoluta. A visão eurocêntrica de mundo, incluindo sua influência na constituição do conhecimento, foi uma forma de pensamento que assumiu a hegemonia incontestada durante muito tempo. O eurocentrismo foi sublinearmente defendido por muitos pensadores, que acreditavam na supremacia da Europa diante das demais regiões do mundo, especialmente das regiões recém colonizadas das Américas. Dentre eles, é possível destacar Alexander von Humboldt, que, na sua obra *Cosmos*, reforça a idéia de que o território europeu se constituía como a região de onde saíam os germens da civilização, pois a Europa era mais favorável aos progressos da razão (D'AMBROSIO, 2005, p. 14). Nesse modelo de constituição das idéias, no qual reinava a forma absoluta de se conceber o conhecimento, Descartes ocupava uma posição destacada, pois a concepção cartesiana de conhecimento refletia o domínio do pensamento eurocêntrico. O Método por ele proposto se baseava num modelo de razão pautado na racionalidade matemática, por meio da qual qualquer pessoa seria capaz de alcançar o conhecimento – ou aquilo que Descartes considerava cognoscível –, alcançar uma verdade mais final, se

utilizando dos princípios das demonstrações matemáticas, num encadeamento lógico de idéias. Ao expor seus quatro preceitos do método, Descartes afirma:

Essas longas séries de razão, todas simples e fáceis, que os geômetras costumam utilizar para chegar às suas mais difíceis demonstrações, tinham-me dado a oportunidade de imaginar que todas as coisas com a possibilidade de serem conhecidas pelos homens seguem-se umas às outras do mesmo modo e que uma vez que nos abstenhamos apenas de aceitar por verdade qualquer uma que não o seja, e que observemos sempre a ordem necessária para deduzi-las umas das outras, não pode existir nenhuma delas a que não se chegue no final, nem tão escondida que não se descubra (DESCARTES, 1999, [original 1637], p. 50).

Sendo assim, o conhecimento e a verdade cartesianos seriam acessíveis a todos que trilhassem o caminho proposto pelo Método. O modo de compreender o mundo estaria, então, pautado no modelo de pensamento matemático, através da sua racionalidade. A Matemática, ou o que era chamado de matemática na época, passa a ter um papel de grande destaque, pois seria por meio dela que se atingiria o conhecimento das coisas do mundo. A frase de Galileu Galilei expressa o significado que essa ciência adquiriu: “A Matemática é o alfabeto com o qual Deus escreveu o universo”. Desse modo, o conhecimento matemático da época, aquele que foi difundido pelos gregos, era considerado como responsável pela maneira de se compreender o mundo e o que nele acontecia. A cosmologia era pautada na Matemática. Aquilo que escapasse a essa ciência, na forma como ela era concebida, era anulado. Segundo esse modelo de explicação, só seria conhecimento válido aquele que pudesse ser demonstrado de maneira lógica. A razão cartesiana deveria guiar todos os pensamentos, pois só através dela se chegaria a uma única verdade. Haveria, portanto, somente um caminho em direção a essa verdade absoluta, que também era infalível.

No sistema escolar a Matemática ainda aparece como uma forma de conhecimento que se pretende universal, visto que os professores esperam que todos os alunos desenvolvam o conhecimento matemático baseado no raciocínio lógico, trilhando um único e verdadeiro caminho para se chegar às verdades matemáticas. Inclusive, essa postura de muitos professores possui reconhecimento social, pois ainda hoje se acredita que o trabalho com a matemática desenvolvido nas salas de aula deva ser pautado no modelo da racionalidade cartesiana e que as escolas teriam mesmo a função social de transmitir esse conhecimento matemático.

Nas últimas décadas essa forma de conhecimento, baseada no pensamento matemático cartesiano, tem sofrido críticas e tem se deparado com crises. A universalidade do conhecimento matemático tem sido questionada, pois ao considerar que todas as formas de conhecimento deveriam ser pautadas pela razão, Descartes afirma que todos seriam dotados dessa mesma razão, ou seja, ela seria universal. Há vários vieses que criticam isso. Um deles, no que me interessa nessa pesquisa, expõe que ao se defender a universalidade da razão, os fatores sociais e culturais não são levados em conta, ou seja, os valores, as tradições, os conhecimentos construídos com o intuito de se compreender o mundo e os fenômenos que nele acontecem são desconsiderados, suprimindo-se assim as diferentes formas de pensar. Seria possível que os ameríndios, vivendo em outros países, possuindo outros costumes, compartilhando outra cultura operassem na mesma racionalidade que os europeus, que viviam sob condições culturais absolutamente diferentes?

Como já foi dito anteriormente, acredito que o conhecimento surge da busca pela compreensão do mundo, que acontece de modo diferente para grupos culturais distintos. Com a universalização do conhecimento matemático cartesiano, outras formas de matemática foram abandonadas, porque não se enquadravam naquele modelo de racionalidade proposto. Uma mostra desse abandono ocorre no cotidiano das salas de aula, quando um aluno é impedido de expor suas maneiras de contar, em nome de algum algoritmo hegemônico balizado historicamente na ciência. A crise que atravessa o modelo cartesiano vem se constituindo justamente como uma tentativa de resgatar esses conhecimentos abandonados, validando-os diante dos saberes formais, proporcionando-lhes visibilidade, integrando-os aos diversos sistemas de conhecimento e de explicação do mundo.

Considerando que cada grupo se constitui num emaranhado de situações que envolvem valores sócio-culturais, históricos e políticos, entre tantos outros, acredito que os conhecimentos produzidos não podem ser alheios a isso. Os diferentes grupos criam modos próprios de compreender a realidade que vivenciam, de acordo com suas convicções. Além disso, esses modos de compreender o mundo que caracterizam as diferentes culturas não são estanques, mas estão num processo constante de transformação, mudando conforme mudam os anseios das pessoas (D'AMBROSIO, 2005, p. 19). Essa dinâmica cultural faz com que haja, a todo tempo, interação entre as pessoas, promovendo assim o diálogo de suas formas de conhecimento e também das diferentes culturas. Nessa interação acontece um movimento dos modos de compreensão, mesclando valores, contribuindo para o aparecimento de novos conhecimentos.

Entendendo, então, o conhecimento matemático como uma dinâmica, acredito que ele se constitui num constante modificar-se, de acordo com as necessidades e anseios dos grupos sócio-culturais. Desse modo, penso que a instituição de determinada forma de saber e de fazer matemática como a única não poderia ser aceita, já que o conhecimento é relacional¹, acontecendo nas práticas sócio-culturais.

O conhecimento, segundo o ciclo proposto por D'Ambrosio (1999), afirma-se na idéia de que essa construção acontece nas vivências, de maneira dinâmica:

a realidade [entorno natural e cultural]
informa [estimula, impressiona]
indivíduos e povos

que em conseqüência geram conhecimento
para explicar, entender, conviver com a realidade
e que é organizado intelectualmente,
comunicado, e socializado, compartilhado
e organizado socialmente,

e que é então expropriado pela estrutura de poder,
institucionalizado como sistemas [normas, códigos],

e mediante esquemas de transmissão e de difusão,
é devolvido ao povo mediante filtros [sistemas]
para sua sobrevivência e servidão ao poder. (D'AMBROSIO, 1999, p.106)

O conhecimento segundo o ciclo mostrado acima também salienta a questão da sua institucionalização, pois mostra que, embora ele se constitua na interação com a realidade, acaba sendo expropriado pelas estruturas de poder, para manter a ordem pré-estabelecida. Mesmo que as pessoas sejam capazes de construir conhecimento, de organizá-lo e de difundí-lo, ele precisa passar por um filtro (uma instituição escolar, uma universidade), que irá validá-lo, para poder então ser devolvido à sociedade, mas de acordo com os valores impostos pelas classes dominantes. Aqueles que produzem conhecimentos acabam ficando subjugados ao domínio dos que avaliam esses conhecimentos, determinando se devem ou não ser difundidos, para que possa ser mantida a estrutura de poder já existente.

¹ Segundo D'Ambrosio, embora o conhecimento seja gerado individualmente, é no encontro com o outro que se dá o fenômeno da comunicação. Por meio dela é que as pessoas enriquecem as informações percebidas na realidade vivida, compartilhando assim seus conhecimentos. Sendo assim, o conhecimento se constitui na relação com o outro, é relacional. (D'Ambrosio, 1999)

Além da sua universalidade, a infalibilidade do conhecimento matemático cartesiano também tem sido colocada em questão. Como é possível que determinada forma de conhecimento possa dar conta de todas as maneiras de se pensar matematicamente, se os diferentes modos de pensar estão inseridos em contextos sócio-culturais distintos? O que é considerado verdade em uma cultura pode não ter o mesmo significado em outra. O próprio conceito de verdade é uma construção, não é estanque. O que acontece muitas vezes é que essa “verdade” acaba sendo incorporada como se fosse algo que sempre esteve ali, que existe desde o princípio. Essa é a noção de verdade presente no pensamento cartesiano, a qual Nietzsche critica:

O que é verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas (NIETZSCHE *apud* CLARETO, 2003, p. 5-6).

Sendo assim, aquele conceito de verdade, característico do pensamento matemático cartesiano, deveria ser questionado na sua grandiosidade, para que se abram possibilidades de novos modos de compreender as formas de conhecimento matemático que se constituem no cotidiano, no viver humano. Promovendo esse questionamento, as diferentes formas de se conceber verdade poderiam dialogar, sem buscar a imposição de qualquer delas. Até mesmo o significado da palavra verdade deveria entrar em discussão. O que podemos chamar de verdade para determinado grupo sócio-cultural? Assumo que ser verdade é fazer sentido, é ser coerente com os valores estabelecidos por esse grupo. Além disso, aquilo chamado de verdade hoje, pode não ser verdade amanhã, pode não fazer nenhum sentido no futuro. Aquilo que é verdadeiro em determinado contexto pode se transformar em ilusão em outro. A verdade deveria ser vista não como algo pronto e acabado, mas sim como uma forma de responder a uma questão específica em um determinado contexto cultural, num processo dinâmico.

Uma maneira de questionar o modelo cartesiano surge pela Etnomatemática, pois essa vertente da educação matemática compreende o conhecimento se constituindo nas situações cotidianas que as pessoas vivenciam. Apoiando-me na Etnomatemática, entendo que o conhecimento é produzido nas relações cotidianas, sendo atravessado por todos os fatores que

constituem a realidade na qual as pessoas estão inseridas. Desse modo, não haveria possibilidade de imposição de determinada forma de conhecimento, exterior àquilo que é vivenciado. A sua construção estaria atrelada a valores constituídos nos mais variados grupos sócio-culturais, sendo por eles validados, pois surgem das suas questões vividas.

Para a Etnomatemática os conhecimentos não são universais, nem universalizáveis, pois há uma diversidade de conhecimentos presentes nos diferentes grupos sócio-culturais. A relevância do contexto sócio-cultural é fortemente marcada nas diferentes formas de conhecimento.

Ao encarar a construção do conhecimento como prática sócio-cultural, novos modos de se conceber a forma imposta como verdade absoluta podem surgir. Quando determinada forma de conhecimento e de cultura são impostos a determinados grupos sócio-culturais, nem sempre o uso que se faz desse conhecimento ou dessa cultura é exatamente aquilo que os dominadores esperam que aconteça. Em *A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer* Michel de Certeau mostra que um equívoco se fazia presente na colonização dos povos americanos:

Há bastante tempo que se tem estudado que equívoco rachava, por dentro, o “sucesso” dos colonizadores espanhóis entre as etnias indígenas: submetidos e mesmo consentindo na dominação, muitas vezes esses indígenas *faziam* das ações rituais, representações ou leis que lhes eram impostas outra coisa que não aquela que o conquistador julgava obter por elas. (CERTEAU, 2005 [original 1994], p. 39).

Sendo assim, é possível perceber que o uso que se faz da cultura imposta (e do conhecimento) acontece de modo diferente do esperado pelos grupos dominantes, pois os diferentes grupos experimentam de maneira diversa aquilo que lhes é apresentado e imposto como verdade. Nesse uso que os diferentes grupos fazem da cultura dominante surgem novos modos de compreender o mundo e lidar com os fenômenos que nele ocorrem. Há uma riqueza nas suas práticas cotidianas que escapa aos olhos dos que detém o saber hegemônico.

As práticas cotidianas estão cheias de significados que lhes são atribuídos pelos diferentes grupos que vivenciam esse cotidiano. Essas práticas são reinventadas constantemente, como que para atender às necessidades daqueles que a recriam. São as *táticas*, termo usado por Certeau (2005) para designar o uso feito pelas pessoas comuns da cultura do dominador. Essas táticas são modos de usar aquilo que é imposto de modo a driblá-

lo, imprimindo-lhe algo do grupo. Desse modo, penso que não há como somente uma prática se valer como a oficial, devendo servir como fundamento para todas as demais.

Construindo um modo próprio de compreender o conhecimento como uma construção humana, acontecendo de diferentes modos, em todos os lugares, a fim de responder às inquietações que habitam o espírito humano, penso que esse modo de compreender o conhecimento se afina com o pensamento da Etnomatemática, pois essa corrente da educação matemática, conforme já dito anteriormente, também compreende o conhecimento como uma construção que acontece nas práticas sócio-culturais, sofrendo todas as influências que a realidade propõe, sendo um reflexo das vontades e pulsões dos mais variados grupos sócio-culturais.

Sendo assim, apresento a seguir meu modo de compreender as relações existentes entre a Etnomatemática e os conhecimentos constituídos nas práticas sócio-culturais, através da interação entre as pessoas, apontando algumas questões relevantes dessa vertente da educação matemática no tocante à minha pesquisa.

Etnomatemática e Conhecimento

A ciência moderna, encarada como a ciência que pretende ser capaz de explicar, descrever em linguagem matemática, prever os fenômenos do universo, ou seja, generalizar, vem enfrentando uma crise que coloca em questão sua universalidade. Por muito tempo se acreditou e se propagou a idéia de que a Matemática era um conhecimento desenvolvido, ou mesmo descoberto, por poucas mentes privilegiadas, sem sofrer qualquer influência do meio no qual estavam inseridos aqueles que o constituíam. Desse modo, outras formas de construção do conhecimento matemático não eram consideradas dignas de serem chamadas de Matemática, acabando por ser nomeadas como crendices, mitos e até mesmo superstições. As construções dos vários grupos sócio-culturais que apresentavam outras matemáticas, cuja racionalidade não era pautada no modelo matemático ocidental (modelo cartesiano), acabavam sendo mantidas à parte pelas instituições representantes do conhecimento matemático formal e, na maioria das vezes, eram (e ainda são) inferiorizadas, marginalizadas e até mesmo abandonadas pelos grupos detentores dos saberes formais institucionalizados.

A crise pela qual passa esse modo de conceber a matemática vem promovendo alguns questionamentos, procurando mostrar que outras construções matemáticas podem surgir em diversas situações, não sendo o conhecimento matemático privilégio de poucas mentes brilhantes. Desse modo, esse conhecimento vem sendo concebido por alguns pesquisadores, especialmente aqueles da abordagem Etnomatemática, como uma construção sócio-cultural, que reflete o modo como as pessoas se posicionam no mundo, como encontram soluções para os problemas com os quais se deparam no meio onde estão inseridos, ou seja, como algo que reflete seus valores, seus costumes e sua cultura (D'AMBROSIO, 2005). Além disso, esse conhecimento se constitui nas mais diversas situações cotidianas, entre elas, um canteiro de obras.

Compreendendo o conhecimento matemático como uma construção sócio-cultural e acreditando que ele se constitui como verdade no contexto em que foi produzido, penso ser os conhecimentos matemáticos construídos por pedreiros em canteiros de obras um exemplo de saberes que, embora afastados de instituições detentoras dos saberes formais, são capazes de solucionar os problemas que a realidade da obra propõe. Se os conhecimentos produzidos pelos pedreiros são capazes de lhes fornecer meios de lidar com as situações surgidas no trabalho diário, promovendo sua solução, eles se configuram como válidos nesse contexto.

Mas, embora haja a construção de conhecimento nas mais diversas situações, muitos desses saberes são abandonados simplesmente porque não foram elaborados em instituições formais de ensino ou em universidades, conforme já apresentado anteriormente. O que ocorre, muitas vezes, é a imposição do modo de pensamento institucionalizado, sem a preocupação com a compreensão que os diferentes grupos possuem sobre isso. Mesmo que os pedreiros usem um triângulo de medidas 60, 80 e 100 centímetros para verificar se as paredes estão ortogonais, de nada adiantaria a tentativa de imposição do Teorema de Pitágoras como uma verdade absoluta, pois talvez não seja verdade no contexto desses trabalhadores o uso desse teorema em situações diferentes da apresentada, se é que eles sabem que aquele triângulo por eles usado satisfaz à relação pitagórica. Penso que mais interessante seria buscar compreender o que significa para os pedreiros o uso desse triângulo, se outro triângulo também poderia ser usado, a fim de entender como determinado conhecimento se constitui diante da situação na qual ele é utilizado. Cada grupo cultural constrói conhecimentos, não só matemático, na intenção de satisfazer suas necessidades diárias, seja para resolver problemas do cotidiano, seja para ajudar a compreender o mundo. Uma vertente da educação matemática que pode colaborar na compreensão do conhecimento matemático da forma exposta é a Etnomatemática.

Ao elaborar o Programa Etnomatemática o educador matemático Ubiratan D'Ambrosio argumenta que utilizou o prefixo *etno* num sentido mais amplo, não se restringindo somente à raça. Para o autor,

etno se refere a grupos culturais identificáveis, como por exemplo sociedades nacionais – tribais, grupos sindicais e profissionais, crianças de uma certa faixa etária etc. –, e inclui memória cultural, códigos, símbolos, mitos e até maneiras específicas de raciocinar e inferir. (1990, p. 17-8).

Penso que essa ampliação do prefixo *etno* é essencial para a melhor compreensão das propostas da Etnomatemática, pois se *etno* se referisse somente à etnia, seria uma tarefa um tanto árdua identificar um grupo étnico diante de tanta diversidade que se pode perceber.

Ao compreender que os diversos grupos culturais constroem o seu conhecimento matemático, a Etnomatemática coloca em questão seu caráter que se pretende único, absoluto, levando assim ao questionamento da sua universalidade. Sendo a matemática uma construção sócio-cultural, existem diferentes maneiras de se relacionar matematicamente com o mundo,

já que há tantos grupos culturais distintos. Desse modo, não seria possível que determinada forma de conhecimento se sobrepusesse às demais, pois cada conhecimento teria sua validade no contexto em que foi construído.

A Etnomatemática não possui uma conceituação pronta. Não existe um conceito definitivo e definido sobre o que seja esse programa. Segundo D'Ambrosio (*apud* Knijnik, 1996) a própria definição de Etnomatemática está sendo construída por meio das investigações empíricas e teorizações que diferentes pesquisadores envolvidos neste movimento realizam (KNIJNIK, 1996, p. 25). A conceituação é provisória, constituindo-se no conjunto de todas as concepções que os diferentes pesquisadores têm dado ao termo. Acredito que esse fato possa ser um reflexo das idéias que constituem o pensamento da Etnomatemática, pois a conceituação dessa corrente da educação matemática se apresenta de maneira dinâmica, assim como o conhecimento matemático é por ela concebido.

Mas alguns pontos sobre a Etnomatemática merecem destaque. Alguns autores tecem críticas sobre as propostas do Programa Etnomatemática. Dentre essas críticas é possível destacar a feita por Wendy Milroy (*apud* KNIJNIK 1996, p. 31), sobre o “paradoxo” da Etnomatemática. A autora argumenta sobre a possibilidade de alguém que foi escolarizado dentro da matemática formal (ocidental) conseguir ‘ver’ alguma outra forma de matemática que não se pareça com a matemática que lhe é familiar. De fato, podem existir aqueles pesquisadores que, assumindo uma posição etnocêntrica, pautando-se somente na racionalidade cartesiana, não conseguem ‘ver’ nada de matemática além daquilo que estão acostumados a chamar de Matemática. Mas aqueles pesquisadores que buscam olhar para o conhecimento produzido buscando compreender como ele foi construído, quais os significados que ele possui para aqueles que o construíram, buscando compreender como esse conhecimento se insere no contexto das necessidades do grupo, certamente conseguirão, e têm conseguido, ir além da matemática formal, enxergando outras maneiras de lidar matematicamente com o mundo, outras racionalidades.

Esse ponto crítico é interessante para quem é professor de Matemática, como eu, e lida com esse paradoxo quando assume uma postura de compreender os modos próprios que os alunos têm de construir conhecimento matemático. Ao se deparar com as soluções alcançadas por seus alunos aos problemas que são propostos dentro da sala de aula, o professor tem a possibilidade de, nesse momento, ‘ver’ outras matemáticas acontecendo, que não se pautam pela racionalidade cartesiana. Basta procurar compreender como foram construídas as soluções para esses problemas, através do diálogo com os alunos. Assumindo essa postura, o professor mostra sensibilidade para enxergar outras construções matemáticas acontecendo,

outras racionalidades se constituindo. Na questão por mim proposta nessa pesquisa, não pretendi me pautar pela matemática na qual fui formada, o modelo ocidental, mas busquei compreender como o conhecimento matemático se constitui para os trabalhadores que criam modos diferentes de lidar com situações, muitas vezes matemáticas, vividas no cotidiano de uma obra.

Meu especial interesse por essa questão é imediato, pois penso que um pesquisador em Etnomatemática deveria fazer um mergulho na maneira de pensar do grupo que pretende pesquisar, buscando não se pautar pela sua maneira de pensar, por suas concepções de matemática, seja ele escolarizado dentro do modelo formal ou não. Não caberia a ele julgar quais conhecimentos seriam melhores ou piores, já que conhecimentos não são comparáveis dentro da perspectiva do pensamento etnomatemático. A pesquisa em Etnomatemática pretende compreender o modo como as pessoas constroem o seu conhecimento matemático, independentemente se esse conhecimento se baseia no modelo de racionalidade cartesiana ou não.

O “paradoxo” da Etnomatemática pode estar sendo relacionado ao fato de alguns pesquisadores em Etnomatemática usarem a sua própria concepção de matemática como gabarito para a matemática do grupo que pretendem pesquisar, fazendo algumas associações equivocadas, como por exemplo, ao olhar para uma cesta feita de tiras de palha produzida por determinado grupo cultural e dizer que ali há aspectos do conhecimento matemático cartesiano, pois são formados determinados ângulos entre essas tiras. Nesse caso, a matemática que o pesquisador julga estar presente na cesta seria baseada na concepção de matemática formal, pautada no pensamento ocidental. Ao olhar para essa cesta, o pesquisador estaria buscando elementos da matemática dominante, na tentativa de justificar sua universalidade, pois mesmo aqueles que não tiveram acesso a essa forma de conhecimento seriam capazes de produzi-la.

Outra questão da Etnomatemática que merece ser considerada é a tentativa de torná-la um instrumento da prática pedagógica. Alguns pesquisadores vêm realizando pesquisas em determinada comunidade, buscando compreender como o conhecimento matemático é construído naquele contexto, como é difundido e aplicado nas suas atividades cotidianas. Depois de realizada a pesquisa, buscam fazer a implementação desse conhecimento no currículo escolar da comunidade, a fim de valorizá-lo e até mesmo de validá-lo. Acredito que ao tentar essa implementação corre-se o risco de isolar a comunidade no seu modo próprio de pensar, pois poderia acontecer o abandono do conhecimento matemático ocidental para substituí-lo pelos conhecimentos locais. Penso que não seria conveniente substituir a

matemática formal, mas sim integrar as diferentes formas de conhecimento para que o grupo que teve seus saberes marginalizados possa também “adquirir o conhecimento produzido pela matemática acadêmica, estabelecendo comparações entre o seu conhecimento e o conhecimento acadêmico, analisando as relações de poder envolvidas no uso destes dois saberes” (KNIJNIK, 1996, p. 46).

Essa é uma dimensão da Etnomatemática enquanto prática pedagógica que deve ser considerada: a sua dimensão política. Talvez esse seja um dos aspectos mais significativos de um currículo que se pretende baseado nos saberes matemáticos de determinada comunidade. É necessário que a matemática ocidental (que representa o conhecimento do dominador) esteja presente nesse currículo, pois aqueles que tiveram (e ainda têm) seus conhecimentos suprimidos também devem conhecer essa matemática do dominador, para compreender a estrutura de poder na qual estão envolvidos, onde há a tentativa de imposição de determinada forma de pensar, de conhecer, e, assim, conseguir ferramentas para compreender a realidade que os envolve e para fortalecer seus valores, dentro de seus anseios políticos e sócio-culturais. É importante que os grupos que tiveram seus conhecimentos suprimidos conheçam as formas dominantes de saber, para que assim possam criar meios de combater essa supressão e buscar caminhos que levem à valorização de seus conhecimentos.

Ao pensar a Etnomatemática enquanto prática pedagógica poderia haver o risco de confundi-la com a simples transposição de situações cotidianas para a escola, supondo que assim a aprendizagem aconteceria de maneira mais significativa para os alunos, pois os conhecimentos estariam inseridos no contexto vivenciado por eles. Mas, como mostra Walkerdine (2004) em seu artigo *Diferença, Cognição e Educação Matemática*, transferir uma situação cotidiana para o contexto escolar pode levar a uma falsa idéia de contextualização. No referido artigo a autora fala sobre crianças que realizam operações matemáticas em situações cotidianas de venda, das quais dependem a sua sobrevivência e de sua família, e que muitas vezes não conseguem realizar as mesmas operações no contexto escolar, sendo por isso consideradas deficitárias em relação às outras crianças e até mesmo incapazes de aprender. Walkerdine (2004) argumenta que a questão fundamental é a transferência de contexto, pois ao importar uma situação cotidiana para dentro da escola é necessário estar atento para as diferenças que envolvem uma mesma situação quando ela é realmente vivida e quando ela é encenada para produzir um falso contexto. Crianças que trabalham para ajudar a família *precisam saber* fazer contas porque talvez disso dependa a sua sobrevivência. Talvez dentro do ambiente escolar elas não sejam capazes de realizar as mesmas operações porque aí não há uma situação verdadeira, pois, na realidade, elas não

estão vendendo nada. Mesmo que se tente reproduzir uma situação de venda dentro da sala de aula, os “mercadinhos”, presentes em algumas práticas escolares, muitas crianças poderão apresentar dificuldades em realizar as operações, porque talvez uma ida ao mercado não faça parte de sua vivência.

Sendo assim, considero uma questão de grande relevância para a pesquisa em Etnomatemática buscar compreender como as situações se constituem no contexto em que acontecem. Tentar transferir uma situação do dia-a-dia para a escola esperando que assim os alunos tenham mais sucesso poderia se tornar uma armadilha, pois corre-se o risco de classificar os alunos como incapazes de resolver determinadas situações, sendo que na verdade, no contexto escolar elas não são vivenciadas de fato, já que foram transferidas sem levar em conta a mudança de contexto. Essa é uma questão que implica minha pesquisa, pois não pretendo, após a observação das situações vividas no canteiro de obra, importar para sala de aula algumas dessas situações, para produzir uma falsa contextualização, a fim de que meus alunos apliquem determinados conteúdos matemáticos anteriormente trabalhados. Essa não se constitui como uma intenção da minha pesquisa. Acredito que ela poderá me tornar mais sensível para perceber outras maneiras de construção do conhecimento matemático acontecendo dentro da sala de aula, outras racionalidades que não a cartesiana se constituindo no ambiente escolar.

Diante de tudo isso, propus-me a realizar uma pesquisa junto a trabalhadores da construção civil, a fim de compreender como eles constroem o conhecimento matemático em suas situações de trabalho, no dia-a-dia de uma obra. A perspectiva Etnomatemática se constituiu como um alicerce para a pesquisa, pois as questões que investiguei estão relacionadas com a produção de um conhecimento matemático alternativo ao ocidental. Enfrentei desafios, como o “paradoxo” da Etnomatemática, apontado por Wendy Milroy, mas ao longo da pesquisa surgiram caminhos libertando o meu olhar dessa matemática na qual me constituí, tornando-o aberto para captar as outras maneiras de pensar o mundo através do conhecimento matemático.

Caminhos da Pesquisa

Por tudo que desenhei até agora, meu interesse se concentrou em compreender como as diferentes formas de conhecimento matemático se constroem diante de situações cotidianas. Desse modo, me propus a investigar como o conhecimento matemático se constrói na prática cotidiana de pedreiros em situações de trabalho, onde ele se faz necessário. Também tinha o interesse de compreender quais os significados seriam atribuídos a esses conhecimentos pelos pedreiros, nas situações surgidas nos canteiros de obras.

Ao propor uma pesquisa que procurou compreender como acontece a construção do conhecimento, minha intenção não foi quantificar esse fenômeno, pois para mim ele ainda se apresentava, e ainda se apresenta, complexo e incompreendido, e não saberia as categorias a serem mensuradas. Além disso, penso que a quantificação buscaria uma generalização, uma uniformidade, um padrão, o que levaria a acreditar que de fato existe um modelo ideal a ser seguido. Como entendo que não existe uma única maneira de se expressar matematicamente no mundo, de se constituir conhecimento matemático, a quantificação não caberia nessa pesquisa. Essa visão fica mais crítica quando a base teórica de olhar o conhecimento matemático é a Etnomatemática, já que ela propõe que cada grupo culturalmente distinto constrói o seu conhecimento, que é capaz de lhe satisfazer em suas necessidades, no seu contexto sociocultural.

Adotei, pois, uma abordagem qualitativa à pesquisa em que me investi. Nessa maneira de pesquisar o que se procura é compreender o fenômeno estudado sob o ponto de vista dos sujeitos investigados, suas impressões, suas perspectivas, os significados que atribuem a esse fenômeno, pois são eles que vão apontar seus momentos ao pesquisador, isto é, categorizar seu olhar. Não há a intenção, e acredito que nem a possibilidade, de se observar o fenômeno de maneira isolada, separado da realidade na qual está inserido. Penso que o fenômeno se constitui na totalidade dessa realidade, pois os pedreiros não se desprendem de tudo o mais que vivem, deixando suas vidas do lado de fora dos canteiros de obras, como que suspensos sobre a realidade para poderem exercer suas funções. Não há delimitação de fronteiras entre as diversas esferas da vida cotidiana dos pedreiros. O próprio fenômeno se constitui como realidade e sofre todas as influências que esta possa exercer sobre ele e sobre os sujeitos que nela atuam. E ainda, no caso que pretendi investigar, a problemática do fenômeno se instaura na imbricação de uma matemática profissional – e suas práticas ensinadas de geração em

geração – e uma outra matemática tradicional que de alguma maneira escapa a todas as pessoas, principalmente àquelas que passaram pouco tempo na escola. Todas as circunstâncias surgidas na interação dos sujeitos com o fenômeno, que possuem um horizonte comum, devem ser consideradas no momento da investigação, da busca do entendimento.

No caso da investigação por mim proposta, não caberia apenas captar a maneira como os pedreiros solucionam os problemas que envolvem cálculos matemáticos no trabalho. Havia uma grande quantidade de circunstâncias que também mereceriam ser consideradas com o intuito de compreender o fenômeno. Procurei também buscar compreender como esse conhecimento matemático se desenvolveu, se foi da maneira formal, por meio de uma instituição escolar, ou se foi na prática, com o auxílio de algum colega ou parente que possam ter lhe mostrado como resolver as situações de trabalho, buscando talvez uma relação com a linguagem que perpassa pela difusão desse conhecimento. Também se poderia investigar se existe alguma relação entre a construção desse conhecimento e a convivência desses trabalhadores entre si e com os engenheiros, responsáveis pela obra, a necessidade de se aprender para permanecer no emprego entre tantas outras circunstâncias que poderiam surgir no contato com os sujeitos investigados.

Na abordagem qualitativa que empreendi não havia preocupação entre causa e efeito, pois não pretendia ir a campo para confirmar hipóteses anteriormente elaboradas, mas sim para entender como os sujeitos vivenciam determinadas situações e que significados atribuem a elas. Mas isso não significa que pretendia ir a campo desprovida de uma questão norteadora da pesquisa, sem nenhuma pergunta que pudesse direcionar o meu olhar. Essa se constitui como uma recomendação para a realização de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que também sugere que essa questão deva existir, para que encaminhe as investigações na busca de compreender o fenômeno pesquisado, mas podendo ser reformulada, se isso se fizer necessário diante das percepções captadas.

Outra recomendação apontada pela pesquisa de abordagem qualitativa é que o pesquisador não deve ter o seu olhar embaçado pelas suas concepções sobre o fenômeno, mas sim um olhar que tente ao máximo se despir de todo e qualquer pré-conceito, buscando captar o modo de compreender dos sujeitos, a maneira como eles vivenciam a situação investigada. O que se pretende é tentar olhar para o fenômeno a partir da ótica dos sujeitos que dele participam, focando o seu mundo.

Na abordagem qualitativa, a minha pesquisa procurou ter um cunho etnográfico, uma vez que buscou compreender o fenômeno em seu contexto cultural e social, através das

relações que os sujeitos têm com o conhecimento matemático em suas atividades práticas, no cotidiano de seu trabalho.

A pesquisa etnográfica se caracteriza como um modo de pesquisar próprio da Antropologia, que busca compreender como os sujeitos pesquisados atribuem significados às situações vividas, ao modo como eles se manifestam no mundo, a fim de conhecer a realidade social. (VICTORA, KNAUTH & HASSEN, 2000, p. 53). Nesse procedimento metodológico, a idéia central é que os comportamentos humanos só podem ser compreendidos se for tomado como referência o contexto em que eles se constituem. A etnografia busca a interpretação do fenômeno estudado a partir dos significados a ele atribuídos pelos seus praticantes, pelos sujeitos que nele atuam. Uma vez que pretendia “pertencer” ao ambiente de pesquisa, essas condições estiveram juntas e dadas à minha percepção.

Essa forma de pesquisa se afina com a Etnomatemática, já que esta busca dar visibilidade aos sujeitos construtores do conhecimento matemático, mostrando que existem diferentes formas de se fazer matemática e que essas formas se integram ao contexto no qual os sujeitos estão inseridos. Para a Etnomatemática, cada grupo cultural constrói maneiras de compreender o mundo que os cerca, sendo a matemática uma dessas maneiras. Desse modo, como a etnografia é a escrita de uma cultura e a Etnomatemática a matemática de uma cultura, cabe uma interação entre as duas, a fim de se poder compreender como determinado grupo cultural constrói o seu conhecimento matemático, ou se apropria do conhecimento da cultura dominante, re-significando-o, dando a ele outros usos, outras possibilidades (CERTEAU, 2005).

Durante a pesquisa, na convivência com os sujeitos pesquisados, obtive informações por meio de conversas, que foram posteriormente analisadas, na tentativa de alcançar a compreensão que os sujeitos têm da construção do conhecimento matemático em suas situações de trabalho. A realidade a ser investigada foi considerada por mim como um todo complexo, não devendo, por isso, ser dividida em partes, pretendendo-se com isso compreendê-la com mais facilidade. Sendo assim, os dados foram captados de maneira escrita, observacional e através dos relatos dos entrevistados.

Foi de grande importância vivenciar com os sujeitos da pesquisa a execução das tarefas do dia-a-dia, porque não bastaria simplesmente ouvir os pedreiros relatarem como resolveram os problemas matemáticos surgidos no seu trabalho. Foi necessário também observar como eles se envolveram nesses problemas, pois a prática não é, e nunca será, inteiramente explicitada na fala. As respostas dadas não conseguem representar o vivido, seja porque os entrevistados não querem desagradar o pesquisador, seja porque não queiram se

sentir inferiorizados diante de um saber que eles possam julgar ser inferior ao saber constituído na academia.

Para realizar a pesquisa, fiz uso de entrevistas, encaminhadas como conversas intencionadas, onde busquei questionar como os pedreiros constituíram os saberes matemáticos que eles utilizam no dia-a-dia, os significados que esses conhecimentos possuem para eles, e tantas outras questões. Também busquei manter uma convivência com esses pedreiros, me inserindo numa obra de engenharia, interagindo com eles na execução de suas tarefas nas quais o conhecimento matemático se constitui e também em tantas outras que circulam em um canteiro de obras. Além disso, procurei manter, no início da pesquisa, um diário de campo, para o registro das observações e considerações a serem feitas durante o trabalho de apreensão do que foi relevante para a compreensão do fenômeno. Mas, após as primeiras visitas, esse diário foi abandonado, porque parecia constituir-se como um instrumento que me afastava dos sujeitos da pesquisa, pois percebi que eles ficavam um tanto inquietos diante das anotações que eu fazia após algumas de suas falas.

O diário de campo é um documento no qual devem ser registrados todos os detalhes captados no cotidiano dos sujeitos pesquisados, os acontecimentos considerados relevantes, com o intuito de apreender também os sentimentos que estão por trás desses acontecimentos. O registro das impressões que o pesquisador teve do local de pesquisa deve ser feito no diário no momento inicial, pois aquilo que causa estranhamento no início pode se tornar algo comum com o passar do tempo. As conversas, mesmo parecendo pouco significativas também devem ser registradas, anotadas, pois talvez nesse discurso estejam implícitas idéias importantes, que possuem grande significado para os sujeitos da pesquisa. (MALINOWSKI, 1984).

As entrevistas foram realizadas para ouvir os sujeitos, suas impressões sobre a construção do conhecimento matemático, suas idéias, seus sentimentos. Por se tratar de entrevistas semi-estruturadas, os sujeitos foram convidados a falar mais livremente, sem ter que responder a perguntas diretas, sendo que não foi meu interesse enquadrar as respostas dentro de determinadas categorias, já que não pretendia criar modelos comparativos entre o seu modo de constituir conhecimento matemático e o modo de constituição considerado oficial. Embora não houvesse perguntas diretas, procurei construir um roteiro, para não correr o risco de me distanciar demasiadamente do objetivo da entrevista. Mas, conforme se encaminharam as conversas, esse roteiro foi sendo modificado ou até mesmo abandonado, a fim de melhor aproveitar os dados que foram surgindo.

Como não existe a neutralidade do pesquisador (VICTORA, KNAUTH & HASSEN, 2000), o fato de que minha presença alterou o ambiente observado e, com isso, o próprio fenômeno e as pessoas que nele atuam, foi considerado. Essa alteração promovida deve ser considerada como um importante dado da pesquisa, já que essa se pauta numa abordagem que acredita que o fenômeno estudado se constitua a partir da realidade na qual se insere, sofrendo todas as influências que essa realidade propõe.

Desse modo, para realizar a pesquisa de campo, me inseri em uma construção civil, em duas situações diferentes, durante alguns meses. Durante esse tempo, procurei interagir com o pedreiro e seus ajudantes, buscando compreender que conhecimentos matemáticos eles constituem nas atividades do dia-a-dia da obra, na resolução de situações que essa realidade lhes propõe e também buscando compreendê-los enquanto pessoas que constituem aqueles conhecimentos. Como a pesquisa não se constituiu como uma etnografia de fato, na qual o pesquisador se insere completamente na comunidade ou grupo o qual pretende pesquisar, não me inseri na comunidade na qual os pedreiros vivem, mantendo somente meu trabalho na escola do bairro, pois o fenômeno que pretendi pesquisar se encontrava mais evidente no local de trabalho. Mas isso também não significa que não estive disposta a compreender como se dão suas relações cotidianas fora do canteiro de obra.

Cabe destacar que os trabalhadores da construção civil, que se constituíram como sujeitos dessa pesquisa, geralmente não possuem formação técnica para o exercício de suas funções, mas são capazes de resolver situações que envolvem cálculos matemáticos não tão simples. Conforme Carraher, Carraher e Schliemann

os mestres-de-obras têm uma profissão altamente complexa, em que executam cálculos das mais diversas maneiras, além de organizar e planejar o trabalho dos pedreiros, carpinteiros etc. e lidar com as dificuldades no relacionamento de engenheiros e trabalhadores e dos trabalhadores entre si (CARRAHER, CARRAHER & SCHLIEMANN, 1988, p.103).

Devido ao fato da pouca escolaridade, vejo que essa classe é, muitas vezes, marginalizada em nossa sociedade. Por isso a Etnomatemática se fez norteadora da minha pesquisa, pois esta busca dar visibilidade às atividades matemáticas realizadas pelas classes menos favorecidas de nossa sociedade.

Portanto, a pesquisa que busquei desenvolver, ao procurar compreender como os trabalhadores da construção civil constituem conhecimentos matemáticos na sua prática do

dia-a-dia, no trabalho, se afina com a abordagem qualitativa como opção metodológica. Dessa maneira, explicito de que forma as informações obtidas no trabalho de campo foram analisadas, pois busquei dar voz aos sujeitos pesquisados, procurando mostrar que seus conhecimentos são válidos, pois são produzidos em um contexto no qual se fazem necessários, sendo capazes de atender às necessidades daqueles que os produziram.

Os Pedreiros

Buscando compreender melhor o grupo que acompanhei em suas atividades diárias de trabalho, procurei, por meio de uma pesquisa, alguns dados que fossem capazes de mostrar alguns aspectos da profissão de pedreiro.

A origem das atividades ligadas à construção civil está associada às transformações ocorridas no modo de organização dos seres humanos. Quando estes deixaram de ser nômades, começando a se fixar em um lugar, tiveram necessidade de construir um local seguro no qual estivessem protegidos dos perigos que a vida oferecia. Surgiam, assim, as primeiras habitações. Com o passar do tempo, esse operário rudimentar foi redesenhando seu modo de trabalhar, se especializou e se profissionalizou fazendo do uso de pedras e tijolos uma arte para construções físicas das cidades.

A construção civil é um setor que possui grande importância na economia do país, sendo responsável pelas construções que muitas vezes são vistas como sinônimo de desenvolvimento e crescimento econômico. Além disso, é empregadora de grande quantidade de mão de obra.

No trabalho realizado por Claudia Glavam Duarte, intitulado *Etnomatemática, currículo e práticas sociais no mundo da “construção civil”*, no qual a autora buscou “examinar como eram produzidos saberes matemáticos em práticas sociais desenvolvidas nos canteiros de obra e analisar as possíveis implicações curriculares que podiam ser inferidas a partir desses modos de produção” (DUARTE, 2004, p.195), a autora mostra várias dimensões do mundo da construção civil. Seus entrevistados geralmente iniciaram cedo na profissão e têm orgulho disso. Um deles até mesmo diz que seu destino era ser pedreiro e, se tivesse freqüentado a escola, poderia ter se desviado desse destino. Além disso, consideram seu trabalho árduo, mas não no sentido de que seja penoso, mas sim que necessita muita dedicação, muito esforço, até mesmo coragem. Ao comparar seu trabalho com o realizado por engenheiros e mestres-de-obras, os pedreiros são até um pouco irônicos, dizendo que estes possuem um trabalho mais “leve”, pois está mais voltado para a parte teórica.

Uma questão que merece atenção ao realizar uma pesquisa com trabalhadores da construção civil é a relacionada aos saberes que circulam pelo canteiro de obras. Muitas vezes os conhecimentos construídos por esses profissionais possuem pouco valor e têm pouca visibilidade diante dos conhecimentos difundidos pelas instituições detentoras dos saberes

hegemônicos, como as escolas e as universidades, mas entre os pedreiros esses saberes são amplamente difundidos e validados. Essa pouca visibilidade que os conhecimentos utilizados por essa classe na execução de seu trabalho possui talvez seja devida à forma como eles foram construídos, pois na sua maioria, são transmitidos pelos pais ou algum parente próximo que iniciou o profissional no ofício ou então são construídos empiricamente, através da experimentação.

Embora, na maioria das vezes, os profissionais da construção civil não possuam formação técnica especializada para o exercício de suas funções, os conhecimentos por eles construídos proporcionam a resolução de problemas complexos no dia-a-dia de uma obra. Há uma grande inventividade nas resoluções construídas pelos pedreiros. Um exemplo disso é o mostrado por Duarte (2004), na qual um pedreiro, por apresentar dificuldades na resolução de divisões com “números grandes”, cria um modo de calcular a medida da metade de uma parede. Para isso, ele tomou uma ripa visivelmente maior que a metade dessa parede. A seguir, posicionou a ripa em uma das extremidades da parede, fazendo uma marca com giz no final dessa ripa. Procedeu igualmente na outra extremidade. No final, mediu o intervalo entre as duas marcas de giz, determinando assim o ponto médio entre as extremidades da parede. Assim o pedreiro ficava livre de realizar divisões com “números grandes”. Essa capacidade de criar soluções para os problemas que surgem no trabalho mostra que nem sempre o conhecimento formal, institucionalizado se torna tão indispensável, pois mesmo diante de situações que exigiriam esses conhecimentos, os pedreiros conseguem criar meios de driblar a “falta” deles usando a criatividade, característica que é imanente a todas as pessoas.

Sendo assim a profissão de pedreiro não se resumiria somente em um “levantar paredes”, mas sim em um emaranhado de situações nas quais se faz necessário, além da inventividade, a diplomacia para lidar com os demais trabalhadores que constituem uma obra de engenharia.

As profissões de mestre-de-obras e pedreiro são vitais para a construção civil e permitem especialização nas fases de acabamento ou de estruturas. Os mestres-de-obras são responsáveis pela coordenação dos trabalhos num canteiro de obras, servindo de intermediário entre o engenheiro ou arquiteto e os operários. Acompanham a construção e reforma de toda a parte estrutural e de acabamento de prédios, sejam eles comerciais ou residenciais, controlando o fluxo dos serviços, recebendo e checando materiais e cuidando da qualidade da obra. Coordenam os trabalhos de pedreiros, serralheiros e outros profissionais da construção civil na execução do serviço de acordo com plantas desenhadas por engenheiros e arquitetos ou diagramas e desenhos elaborados por decoradores. Os pedreiros e serralheiros são os

profissionais responsáveis pela execução da obra, são eles que fazem as fundações, erguem as paredes e montam as estruturas da laje, de ferro e de outros metais. Enfim, são profissionais responsáveis pela construção não só de casas e prédios, mas também são construtores de conhecimentos, que merecem ser validados e valorizados, porque são conhecimentos construídos para solucionar situações que a realidade do trabalho lhes propõe, onde se fazem necessários.

Vivenciando a Pesquisa de Campo

A pesquisa de campo se constituiu para mim como um grande desafio, pois por meio dela eu estaria vivenciando uma situação totalmente nova, desconhecida, que provocava em mim expectativas e também receios. Havia a dificuldade de se encontrar uma obra onde pudesse realizar a pesquisa e um pedreiro que aceitasse minha presença. Além disso, as dúvidas sobre o encaminhamento das questões pesquisadas também se faziam presentes. Nesse emaranhado de situações e sentimentos foi se constituindo minha pesquisa de campo.

Na tentativa de mostrar alguns dos tantos momentos vividos nessa pesquisa de campo, a seguir, apresento minhas impressões sobre ela e também as circunstâncias nas quais foi se desenrolando, com todas as suas particularidades.

A busca por um local onde pudesse realizar a pesquisa

Pelo fato da idéia da pesquisa ter surgido numa situação dentro de sala de aula, com meus alunos, me interessei por realizar a pesquisa no bairro em que trabalhava, pois acreditava que talvez pudesse estar mais próxima da realidade que meus alunos vivenciavam, tanto no que se refere ao local como também no que se refere às suas convivências cotidianas. Sendo assim, na tentativa de encontrar um pedreiro e uma obra no bairro onde pudesse realizar minha pesquisa de campo, concluí que a ajuda de meus alunos seria indispensável, pois para eles a tarefa de encontrar alguém na região que pudesse ser colaborador de minha pesquisa seria mais fácil, já que minha relação com o bairro está restrita somente à minha função como professora na escola, tendo pouca convivência com o entorno escolar, conhecendo somente alguns pais que participam da vida escolar de seus filhos.

Decidi, então, perguntar aos meus alunos se algum deles conhecia um pedreiro que estivesse trabalhando ali no bairro. Num primeiro momento, meus alunos estranharam minha pergunta. Indagaram-me se eu estava querendo fazer uma construção ou uma reforma. Depois de explicar do que se tratava, para minha satisfação, uma aluna, Marcela, me disse que sua avó, D. Nenê, estava começando a construir uma casa, e se dispôs a me ajudar, promovendo

um encontro com o pedreiro. Marcamos um dia para que eu visitasse a obra, depois de ter pedido permissão para o pedreiro e também para a sua avó, que era a proprietária da obra.

A primeira visita à obra

No dia marcado, estava lá eu, ansiosa diante de uma situação totalmente nova, envolta em todos os receios e temores que essa situação me proporcionava. Várias dúvidas percorriam meus pensamentos: “Seria aceita como pesquisadora numa obra?”, “Como me comportar num ambiente que me parecia de certo modo hostil, por ser predominantemente masculino?”, “Seria eu capaz de captar as sutilezas presentes nas conversas, atitudes e comportamentos dos meus entrevistados?”... Essas eram algumas das angústias que me acompanhavam enquanto eu, junto com minha aluna Marcela que me mostraria o caminho até a obra, caminhava pelo bairro, por caminhos até então desconhecidos de uma paisagem pela qual eu transitava todos os dias... Esse simples caminhar pelo bairro já me trouxe algumas sensações. As construções, algumas mais humildes, outros nem tanto, as ruas estreitas, as pessoas sentadas nas calçadas... Fui criando outro modo de perceber aquele bairro, aquelas pessoas que ali viviam.

Chegando à obra, fui apresentada à D. Nenê, a dona da casa e da obra, a avó de Marcela. Uma senhora muito simpática, que devia ter por volta dos seus 60 e poucos anos, que me deixou à vontade para ficar na obra o tempo que quisesse. Sua cordialidade me deixou mais tranqüila, pois um dos meus temores era a possibilidade de não ser bem recebida pela proprietária da obra. Antes de ir à obra, ela fez questão de que eu entrasse em sua casa, que descansasse um pouco, bebesse um copo de água. Conversamos durante alguns minutos e ela me disse que estava construindo essa casa pra que a família de sua neta pudesse ali morar, para ficar mais perto dela. Disse também que a construção estava sendo feita com dificuldade, pois os gastos eram muitos. Depois disso, Marcela me levou até a parte de cima, onde era a obra, a qual se tinha acesso através de uma escada improvisada. Ela me apresentou para o pedreiro, João, dizendo que eu era a sua professora de Matemática. Este me recebeu com gentileza, mas não desceu do andaime no qual estava trabalhando. Como Marcela já havia combinado com ele que naquele dia eu iria lá, não houve tanta surpresa de sua parte.

Nesse primeiro momento, expliquei a João sobre o meu trabalho, sobre a pesquisa que pretendia realizar. Disse-lhe que era aluna da universidade, que tinha interesse por compreender as situações vividas no dia-a-dia da obra nas quais o conhecimento matemático

se constituísse. Conversei com ele durante alguns minutos, tentando deixar claro que eu não estava lá para ensinar nada, muito menos para corrigir alguns de seus modos de lidar com o conhecimento matemático. Bem pelo contrário. Disse que estava lá simplesmente para observar seu trabalho, na tentativa de entender como o conhecimento era por ele desenvolvido nas situações que ali surgissem. Julguei importante deixar bem claro para ele que não estava lá para “dar palpite” no seu trabalho, mas sim para, até mesmo, aprender com ele. Depois dessa conversa, ele disse que eu poderia ficar à vontade e que também poderia interrompê-lo a qualquer momento para perguntar o que quisesse.

A obra consistia num segundo andar que estava sendo feito sobre a casa de D. Nenê. Era um espaço não muito grande, que estava dividido em três quartos, uma sala, uma cozinha e um banheiro, além de uma pequena varanda na frente da casa. Os quartos eram todos pequenos, mas João me disse que uma das exigências da futura moradora da casa, a filha da D. Nenê, era de que fossem feitos três quartos, porque ela possui um casal de filhos e queria que eles tivessem quartos separados. Além disso, a varanda, que também era outra exigência, provocava uma diminuição da área a ser construída, pois foi “perdido” aproximadamente um metro na frente do terreno. Essa varanda se estendia por toda a frente da casa, sendo ligada à parte interna por uma porta que seria colocada na sala. A cozinha também não tinha grandes dimensões, assim como o banheiro e a sala. A caixa de água da casa de D. Nenê estava no meio da obra, mas João me disse que ela seria retirada dali no dia seguinte e que seria colocada na parte de cima do terreno, sobre um barranco. A presença da caixa por um lado causava incômodo, pois atrapalhava a passagem, mas por outro lado, facilitava, pois os ajudantes pegavam água para a obra diretamente dentro da caixa.

Nessa minha primeira visita, João estava levantando as paredes, utilizando tijolo furado. As paredes que faziam o contorno da casa já estavam quase todos até o alto. Somente a do fundo da obra ainda estava sendo levantada. As paredes que faziam as divisas entre os cômodos estavam pela metade. Havia um andaime feito de tábuas, que era desmontado quando precisava ser mudado de parede, por causa do pouco espaço para sua locomoção. João estava sobre o andaime, terminando de subir essa parede do fundo. Apesar da minha presença, ele continuou sobre o andaime fazendo seu trabalho.

Havia dois ajudantes, dois adolescentes, trabalhando como serventes. Eu conhecia a ambos, pois um deles era ex-aluno da escola onde trabalhava e o outro havia sido meu aluno durante uma parte do ano letivo, mas abandonou os estudos. Os dois rapazes eram responsáveis pela mistura da massa, pela entrega de material para João, que estava sobre o andaime, além de buscar tijolos, cimento e areia que ficavam na parte de baixo da casa.

Era um dia de muito calor, mês de março, e os raios do sol incidiam diretamente sobre todos que estavam na obra. Esse sol chegou mesmo a me incomodar, pois ao conversar com João eu ficava olhando diretamente para o sol. Comecei a conversar com João a fim de me ambientar na obra. Isso foi um pouco facilitado porque já conhecia os ajudantes. Como já disse anteriormente, fiz questão de deixar bem claro que minha intenção lá não era questionar o modo de trabalho praticado por aquele pedreiro, mas sim compreender como o conhecimento matemático se constituía nas situações que ali eram vivenciadas.

Pude perceber que minha presença causou um estranhamento não somente no ambiente da obra, mas também na vizinhança, pois muitas pessoas saíram nas janelas quando viram que eu estava na obra. Os próprios ajudantes também ficaram mais “expansivos” depois que eu cheguei, conversando a todo momento com os vizinhos, como se estivessem querendo chamar atenção deles para a obra, para que me vissem. Essa situação já era previsível, pois não é comum ter uma mulher numa obra, num ambiente predominantemente masculino.

Fiquei a maior parte do tempo somente observando o trabalho. Nas poucas conversas que tivemos nesse primeiro dia, João me falou sobre os instrumentos utilizados na construção civil, que seriam o esquadro, prumo, entre outros. Depois disso, começou a me contar sobre suas experiências em outras cidades, dizendo que o reconhecimento social e financeiro em outros lugares era maior do que em Juiz de Fora, pois já trabalhou em cidades do estado do Rio de Janeiro, como Macaé, e nesses lugares era melhor remunerado e o trabalho possuía mais reconhecimento. Disse também que o pedreiro que trabalha como autônomo em Juiz de Fora não consegue ganhar muito e não tem muitas perspectivas de prosperar. Mas, apesar disso, diz gostar muito do seu trabalho, mas que prefere as partes elétrica e hidráulica. Disse que uma obra tem muitos imprevistos, que não há como prever o tempo exato de execução, e que ele faz tudo, desde a base até os acabamentos, entregando a obra pronta.

Fiquei na obra por aproximadamente duas horas, até o término das atividades daquela tarde. Depois de terminado o trabalho daquele dia, João disse aos ajudantes que juntassem o material, organizassem as ferramentas, para que tudo estivesse pronto para o dia seguinte. Quando terminaram de organizar tudo no andar superior, levaram parte do material, como um saco de cimento que ainda estava pela metade e as ferramentas para a parte de baixo, guardando tudo dentro da casa de D. Nenê. Desci junto com eles, mas fiquei por mais alguns minutos conversando com a dona da obra, enquanto João e os ajudantes foram embora. Logo depois também fui embora, finalizando o meu primeiro dia de visita à obra.

A segunda visita à obra

Passados dois dias, fui novamente à obra, para acompanhar, durante mais uma tarde, o trabalho realizado. Chegando ao local, pude ver que as paredes já estavam quase todas levantadas, pois somente duas ainda estavam pela metade. Fazia muito calor, e os raios do sol incidiam diretamente sobre nossas cabeças. Esse foi um dos fatores que me incomodou bastante, assim como na visita anterior. João estava assentando tijolos numa parede da parte interna da casa, na divisão entre a cozinha e um quarto. Começamos a conversar e ele foi me falando sobre a dificuldade de fazer aquela parte da parede na qual estava trabalhando. Era um encontro das paredes, que formavam um T. Ele me disse que nesse lugar havia sete pontos nos quais havia a necessidade de usar o prumo, que a cada tijolo colocado era necessário verificar se a parede estava ficando nivelada. Falando sobre os instrumentos de trabalho, a conversa se encaminhou para comentários sobre a Maçonaria, que apresenta como símbolos o esquadro e o compasso. João começou a me contar sobre algumas experiências que teve em outros trabalhos, em outras cidades. Um ponto que me pareceu ser importante para ele é o fato de estar trabalhando em contato com a comunidade, para pessoas que ele conhecia desde pequeno. Isso, segundo alguns comentários feitos por ele, me pareceu ser algo que o motivava a trabalhar nessa profissão.

Nesse dia, uma sexta-feira, tanto João como seus ajudantes estavam mais animados, pois era o dia do pagamento. Eles até fizeram alguns comentários entre si, dizendo que o melhor dia da semana para se trabalhar era a sexta-feira. O trabalho era o mesmo: levantar paredes, assentar tijolos.

Um imprevisto: a obra paralisada

Após três visitas à obra de D. Nenê, fui informada que essa seria paralisada temporariamente, pois D. Nenê pretendia ir construindo aos poucos, já que os recursos não eram muitos. Nesse momento, fiquei um tanto preocupada, pois precisava continuar minha pesquisa, precisava continuar acompanhando uma obra, a fim de conseguir informações que pudessem me auxiliar na empreitada a que me propunha.

Durante esse tempo em que a obra ficou parada, entrei em contato com João, pois seu ajudante, que até então era meu aluno, havia me informado que o pedreiro estava fazendo um trabalho na casa de sua tia e que, talvez, eu poderia ir acompanhar seu trabalho lá.

A meu pedido, meu aluno conversou com sua tia sobre a possibilidade de eu acompanhar a obra, pois precisava continuar minha pesquisa. Ela concordou com minhas visitas, desde que João aceitasse. Como já havia conversado com ele a respeito, não tive problemas. Mas, apesar disso, algumas questões me afligiam, já que teria que retomar a pesquisa em outro lugar, numa outra obra.

Combinei, então, em fazer uma visita a essa nova obra, que consistia numa reforma de uma cozinha, para lá continuar minha pesquisa.

Uma nova obra: a reforma da cozinha

O outro local no qual pude dar continuidade à minha pesquisa também se localizava no bairro onde eu trabalhava. Os mesmos receios que tinha ao visitar a primeira obra também caminhavam comigo enquanto procurava o endereço no qual João estava trabalhando. Chegando ao local indicado, me deparei com uma escadaria, na qual havia duas ou três casas. A casa de D. Nice, na qual eu realizaria a pesquisa, era a última e ficava escondida atrás das outras. Subi as escadas, chegando à área de serviço da casa. Havia bastante material de construção nesse espaço, como areia, cimento e azulejos. Logo que cheguei João veio me receber e disse que era pra ficar à vontade. D. Nice também veio conversar comigo e eu expliquei a ela os motivos da minha visita, meus interesses com a pesquisa. Ela foi gentil e disse que, desde que João não se incomodasse, eu poderia ficar ali o tempo que fosse necessário. Outro ajudante, chamado Leandro, estava trabalhando com João nessa obra. Os rapazes que haviam trabalhado na obra de D. Nenê deixaram de ajudá-lo, mas João não me informou por qual motivo.

A obra consistia na reforma de uma cozinha, que havia sido parcialmente desmanchada e seria reconstruída. O trabalho de João seria, então, refazer essa cozinha. Mas não era somente refazer as paredes, mas sim redesenhar a cozinha, que teve sua área aumentada. Ele fez o novo desenho da cozinha, mudando a porta de lugar, pois, segundo ele, onde ela estava não proporcionava ventilação e iluminação adequadas. Além disso, sugeriu que fossem colocados seis tijolos transparentes em uma parede na qual não havia nenhuma

janela. Com isso “a cozinha ia ficar mais clara”. Uma preocupação de João que se fez sempre presente foi a busca pelo melhor aproveitamento possível do espaço. Havia na cozinha, antes da reforma, um fogão à lenha, que acabou sendo retirado para que fosse melhor aproveitado o espaço, pois no seu lugar seriam colocados a pia e também os armários.

Nessa minha primeira visita, já encontrei a cozinha em fase adiantada, pois algumas mudanças, como a retirada do fogão à lenha, já haviam sido feitas. João estava arrumando o teto, pois segundo ele me informou, havia uma caída no centro, sendo o teto mais baixo no centro da cozinha e mais alto nas laterais. Ele, que estava sobre um andaime improvisado montado com latões sobre os quais havia uma porta velha, jogava massa no teto, na tentativa de tampar alguns buracos que existiam. Ele me disse que estava usando uma massa grossa, mas que depois passaria uma massa mais fina pra finalizar o serviço. Um ajudante, Leandro, servia-lhe a massa necessária para esse trabalho.

Nesse dia, conversamos sobre a diferença entre fazer uma obra a partir de um terreno no qual não tem nada, “começando do zero” e uma obra como essa, que era uma reforma, na qual era necessário refazer algo que já existia. João me disse que achava melhor fazer uma obra desde o começo, ainda mais quando ele tinha a possibilidade de criar, de inventar as coisas. Já numa reforma, por mais que pudesse mudar algumas coisas, a estrutura teria que ser mantida. Mas, apesar disso, seu empenho no trabalho parecia ser o mesmo. Ele estava muito interessado em “arretar” o teto, para que ficasse mais fácil no momento de assentar os azulejos na parede, pois na sua junção não deveria haver grandes diferenças no nível, para que os azulejos encaixassem bem sem ficar tortos. Ao realizar essa tarefa, João disse que era muito cansativo esse trabalho de ter que ficar jogando massa pra cima, pra arrumar o teto, porque espirrava no olho e também provocava muitas dores no corpo.

Nesse dia, no momento em que João e seu ajudante foram tomar um café, começamos a conversar e ele me relatou como foi que começou a trabalhar como pedreiro. Ele me disse que começou a trabalhar com um irmão, que também era pedreiro. Mas não queria simplesmente ajudar o irmão. Queria mesmo era fazer o serviço, queria criar. O que parece tê-lo atraído nessa profissão foi a possibilidade de criar, de inventar, segundo ele mesmo disse. João me contou que sempre procurava ir se aperfeiçoando, que comprava algumas revistas especializadas, de onde poderia tirar algumas idéias. Ele me pareceu bastante interessado na profissão que escolheu, pois segundo ele, foi mesmo uma escolha, porque ele diz gostar de ver “as coisas se transformando”. Nessa conversa, ele também me falou que durante um tempo, ele enjoou de ser pedreiro e foi trabalhar numa confeitaria, serviço do qual também gostava, porque podia criar.

Ao retornar ao trabalho, continuamos conversando por um bom tempo. O ajudante, Leandro, estava retirando um basculante da parede, pois no seu lugar seria colocada uma janela. João continuava tentando nivelar o teto. Conversamos por um tempo e ele foi me contando sobre suas experiências em outros serviços que executou, sobre as dificuldades em lidar com algumas pessoas que acham que o trabalho de pedreiro tem que ser feito rápido, como se fosse fácil e simples. Também me falou sobre o comportamento que algumas pessoas têm, achando que somente porque contrataram um serviço podem explorar o pedreiro, exigindo que ele faça mais do que foi combinado, não sendo devidamente remunerado por esses serviços extras. O trabalho continuava o mesmo: João tentando nivelar o teto.

Permaneci na obra por cerca de duas horas e depois fui embora, antes mesmo de João encerrar as atividades daquele dia.

A segunda visita à reforma da cozinha

Passados dois dias da primeira visita, retornei à obra para acompanhar mais uma tarde de trabalho. João já havia começado a assentar os azulejos da parede. Começamos a conversar sobre as dificuldades de se trabalhar com azulejos, os recortes e os desenhos. João me disse que antes de assentar os azulejos era necessário medir as paredes na qual esses seriam assentados. Para isso, ele media a altura da parede e também seu comprimento e depois descontava o espaço que ficaria entre os azulejos. O espaço restante era dividido pela medida dos azulejos. Após essa medição, João analisou em qual lugar deveria ficar o recorte, ou seja, as peças cortadas, para que ficasse, segundo ele, o mais escondido possível. O local escolhido foi próximo ao chão.

Como o recorte ficaria próximo ao chão, João começou a assentar os azulejos a partir de uma altura de aproximadamente 20 centímetros. Para ter uma base sobre a qual começaria seu trabalho, ele prendeu na parede, a uma altura de 20 centímetros, uma ripa por todo o comprimento da parede e a partir daí começou a assentar os azulejos. O trabalho era repetitivo, pois ele colocava a massa sobre a peça que seria assentada e também sobre a parede. Então, colocava o azulejo na parede, batendo no mesmo para que ficasse bem colocado.

Enquanto ia assentando os azulejos, João comentou sobre as dificuldades em se trabalhar com os diferentes tamanhos de azulejo, pois segundo ele, as peças menores eram

mais fáceis de se assentar, porque o risco de ficarem bolhas de ar entre a peça e a parede era menor. Já as maiores, como a que estava sendo usada nessa obra (cujas dimensões eram de 43 cm por 33 cm), exigiam maior atenção, pois poderiam se formar bolhas de ar. Por isso ele batia várias vezes em cada peça que assentava. Mas, por outro lado, com as peças menores o trabalho rendia menos, enquanto que com as maiores o trabalho parecia ser mais rápido.

Nesse dia, em uma conversa, João falou sobre os diferentes modos de conhecimento que circulavam entre os profissionais da construção civil. Ao ser questionado se o conhecimento teórico² seria importante num canteiro de obras, ele disse que a teoria é bastante importante, porque através dela o profissional pode ter várias idéias sobre diferentes modos de lidar com o trabalho e também pode ficar mais aberto para criar outros modos de fazer o trabalho. O interessante nessa questão é que João estava se referindo a profissionais como os engenheiros, que fizeram um curso superior. Então, entre esses profissionais e os pedreiros, João considera o conhecimento teórico importante. Mas ao ser questionado sobre o conhecimento teórico de dois pedreiros, João disse que o mais importante é o conhecimento prático³ desses profissionais e não necessariamente o nível de escolaridade. Ou seja, ao se comparar um profissional que possui curso superior com outro que não o possui – um engenheiro e um pedreiro – João considera importante o conhecimento teórico, acreditando ser esse o responsável por novos modos de trabalhar, por novas técnicas. Mas ao se comparar dois pedreiros, João acredita ser mais importante o conhecimento prático desses profissionais.

O que me chamou atenção nessa conversa foi o modo como João lida com os diferentes profissionais da construção civil e o respeito que tem para com eles. Ao dizer que o conhecimento teórico de um engenheiro é importante diante do conhecimento prático de um pedreiro, João parece estar hierarquizando as diferentes formas de conhecimento ou até mesmo os profissionais. Um engenheiro pode até mesmo ter mais conhecimento teórico que um pedreiro, mas também é necessário levar em conta todo o conhecimento prático que um pedreiro possui. Acredito que os diferentes modos de conhecimento que circulam entre engenheiros e pedreiros não deveriam ser hierarquizados, mas sim complementados, pois muitas vezes um engenheiro não tem a vivência de uma obra como um pedreiro tem e esse não tem o conhecimento das técnicas como aquele. Ao se pensar na complementação dos diferentes modos de conhecimento não se pretende compará-los ou mesmo hierarquizá-los,

² Conhecimento teórico é aqui compreendido como o conhecimento constituído em instituições formais de ensino

³ Conhecimento prático é aqui compreendido como o conhecimento construído pelos pedreiros no dia-a-dia do trabalho na construção civil.

mas sim mostrar que esses conhecimentos podem conviver de forma harmônica num ambiente de trabalho.

Nesse dia João me contou sobre sua trajetória escolar e também sobre sua trajetória de vida, histórias que se complementam. Falou sobre sua infância difícil sem pai, que perdera em um acidente quando tinha um mês de vida. Contou sobre as dificuldades encontradas em estudar, pois precisava trabalhar para ajudar no sustento da família. Ele estudou até a quarta série do ensino fundamental, fazendo alguns anos depois o supletivo, mas não chegou a concluir o ensino fundamental. Mas a falta de estudo parece que em nada influenciou seu trabalho e seu desenvolvimento profissional. João tem um grande potencial criativo, que, segundo ele, foi o que o levou a trabalhar na construção civil. A possibilidade de ver as transformações que essa profissão proporciona foi um dos motivos que o levou a escolhê-la.

Ao ir assentando os azulejos, João seguia fazendo as estimativas dos gastos de massa e também dos azulejos. Ele falava sobre as dificuldades próprias da profissão, dos problemas enfrentados nessa obra que estava executando. Como o teto possuía um desnível, já comentado anteriormente, o encontro desse com a parede também possuía alguns desníveis. Sendo assim, no momento em que os azulejos próximos ao teto foram assentados surgiram alguns problemas, pois o espaço não era o adequado. Então, ele teve que cortar, com uma torquês, uma pequena parte dos azulejos, cerca de um centímetro, para que pudesse encaixá-los no local certo.

Enquanto executava o serviço, João comentou sobre questões da comunidade na qual vivia e trabalhava. Ele pareceu uma pessoa preocupada com o bem estar dos que ali também viviam e também com os jovens que, segundo ele, possuíam muito tempo ocioso e corriam o risco de seguir o caminho das drogas ou da criminalidade. Uma das causas desses problemas que ele apontava está relacionada à falta de estrutura familiar muito presente no bairro. Em muitos casos as famílias eram formadas somente por mães e muitos filhos, sem o apoio afetivo e financeiro dos pais. Além disso, havia pouca preocupação com os estudos, pois muitos não o viam como uma forma de mudar a realidade na qual estavam inseridos. Apesar de possuir pouco estudo, João era capaz de perceber as dificuldades geradas devido a isso. E lamentava o desinteresse dos jovens do bairro e também dos dirigentes locais com essa questão.

O trabalho continuava sendo o mesmo, pois João seguia assentando azulejos nas paredes. Nesse dia, conversamos sobre assuntos diversos, tanto relacionados ao trabalho quanto às questões da vida pessoal de João. Um ponto que merece ser destacado se refere à relação entre aqueles que contratam o serviço de um pedreiro e o profissional. Ele dizia que

muitas vezes as pessoas queriam que o trabalho fosse executado rapidamente e ficavam pressionando o pedreiro. Com isso, muitos profissionais deixavam de executar um serviço de qualidade, para atender às expectativas daqueles que os contrataram. Outra questão também apontada por João se refere ao pouco valor que muitos davam ao seu trabalho. Ele comentou que muitas pessoas se julgavam capazes de executar as tarefas de um pedreiro e por isso remuneravam mal esses profissionais, pois achavam que tudo poderia ser feito rápida e facilmente.

No final desse dia de trabalho João fez uma estimativa do material gasto para assentar os azulejos em uma parede. Para isso, calculou a área da parte da parede na qual foram colocados os azulejos. Ao examinar a quantidade de massa que foi gasta nesse trabalho, ele concluiu que está dentro da média. Ele pareceu sempre estar preocupado com o aproveitamento do material, pois utilizava a massa até o fim e aproveitava as partes que caíam no chão. Era um pedreiro que parecia estar sempre atento às suas funções. Ele recolhia o material e organizava a obra para o dia seguinte, guardando as ferramentas e o material que sobrou. E assim terminava mais um dia de trabalho na obra.

Como João havia terminado as atividades daquele dia, descemos pelo bairro juntos e fomos conversando sobre questões da sua profissão. Ele comentou sobre as novas tendências do trabalho da construção civil. Segundo ele, o foco atualmente não eram construções propriamente ditas, mas sim reformas. Além disso, elas não poderiam parar o local na qual estavam sendo executadas, pois como ele mesmo disse, um hospital não poderia parar por causa de uma reforma. Para esse tipo de atividade ele acreditava que os profissionais deveriam se especializar, procurar por novos caminhos para sua profissão, estar sempre pesquisando novos materiais e novas formas de trabalho. João pareceu se preocupar com essas novas tendências do mercado, pois disse que buscava cada vez mais melhorar a qualidade do seu serviço, para que, quando surgisse uma oportunidade, ele estaria preparado.

O terceiro dia na obra

No dia seguinte retornei à obra. Ao subir as escadas que dão acesso à casa de D. Nice fui surpreendida por uma música alta, um samba, que um dos vizinhos estava ouvindo e que se espalhava por toda a vizinhança.

João continuava assentando azulejos, mas agora já tinha passado para outra parede. Ele já havia terminado o trabalho em uma parede, mas ainda faltavam colocar os azulejos do recorte. Esses só seriam colocados no final, depois que todos os lados já estivessem preenchidos com peças inteiras. Nessa parede em que João estava trabalhando havia uma porta de um armário embutido, que era usado por D. Nice para guardar alimentos. Ao colocar o azulejo ao redor da porta, não havia lugar para apoiar a peça, que começou a deslizar, ficando torta, “abrindo”, segundo linguagem usada por João e seu ajudante. Como não havia apoio, era necessário colocar algo que segurasse o azulejo no lugar. João e Leandro estavam colocando pregos na parte inferior da peça, na tentativa de fazê-la fixar-se. Mas essa medida não fazia com que o azulejo permanecesse no local correto. Então, Leandro sugeriu que se colocasse um prego na parte lateral da peça. Essa medida fez com que o azulejo ficasse no lugar correto. Os dois comemoraram, dizendo que era necessário distribuir o azulejo em vários apoios, para que assim ele se fixasse.

Ao assentar um azulejo que precisava ser cortado para encaixar no local correto, João disse que a marcenaria, o trabalho manual era muito delicado, que deveria ser feito com calma. Disse também que eram necessários muitos cálculos, pois a todo momento era preciso verificar se as medidas estavam corretas, se as peças caberiam no lugar apropriado. Ele comentou sobre outros profissionais, que não tinham essa preocupação e simplesmente iam colocando os azulejos nas paredes, sem se preocupar para qual lado iria ficar o recorte, se iria ficar exposto ou não.

Prosseguimos conversando enquanto o trabalho era executado. João seguia contando sobre suas experiências em outros trabalhos, dizendo que, muitas vezes, os próprios pedreiros queriam fazer todo o serviço rapidamente, sem preocupação com a qualidade do trabalho, mas que ele preferia primeiramente examinar o local onde iria trabalhar, perceber as condições daquilo que iria executar, pois assim, acreditava ele, era possível perceber tudo com mais clareza e também refletir sobre aquilo que iria fazer. A calma diante de uma situação nova de trabalho parecia ser algo imprescindível para ele.

No final da tarde, um amigo de João, que era pintor, chegou lá na obra para conversar com ele. Pela conversa foi possível perceber que ele queria que João fizesse determinado serviço em outro bairro para que ele pudesse pintar. Mas João alegou que estava cansado e também que tinha que terminar o serviço ali. Além disso, o bairro era longe e eram necessárias duas conduções para se chegar lá, o que parecia ser uma questão relevante para João.

Houve um estranhamento da parte desse amigo de João quanto à minha presença, pois, de fato, não é comum encontrar uma mulher numa obra. Ele foi logo me perguntando se eu era arquiteta. Respondi que era professora de matemática e que estava realizando uma pesquisa para compreender o conhecimento matemático que se fazia presente na construção civil. Ele disse que tudo ali era matemática, que não tinha como fugir. Mas que na época da escola ele tinha dificuldade e que ainda tinha uma professora muito brava, que costumava dar varadas nas crianças para que elas aprendessem. Conversamos por alguns minutos sobre as diferenças entre o seu tempo de escola e os tempos atuais. Enquanto conversávamos João e Leandro guardavam as ferramentas, pois mais um dia de atividades na obra estava se encerrando. Despedi-me de todos e segui sozinha pelo bairro.

A quarta visita à obra

Uma semana depois retornei à obra. João já havia terminado de colocar os azulejos em todas as paredes da cozinha. Também já havia colocado o piso. Faltavam somente as partes que seriam colocadas nos recortes, onde não cabia uma peça inteira.

Enquanto subia as escadas que dão acesso à casa de D. Nice, fui surpreendida pelo barulho da maquina, uma ferramenta própria para cortar azulejos. Antes mesmo de chegar à obra já soube que João estava cortando os azulejos. O barulho era quase que ensurdecedor, e cada peça cortada levantava um pouco de poeira, apesar da água que acompanhava cada movimento da ferramenta. Nesse dia, havia um outro ajudante com João, Mário, que havia trabalhado com ele na obra de D. Nenê, pois Leandro o havia “deixado na mão”. Ao falar sobre isso, João chamou atenção para as dificuldades do relacionamento humano, dizendo que em algumas situações é muito difícil lidar com as pessoas. Ele não entrou em detalhes sobre o que ocorrera entre eles.

O trabalho desse dia consistia em cortar os azulejos que seriam encaixados nas partes da parede em que não caberia uma peça inteira, os recortes. João e Mário estavam na parte externa da casa de D. Nice, cortando os azulejos com a ajuda da maquina. Os movimentos eram bastante repetitivos, pois a cada peça cortada João ia à cozinha para verificar se tinha ficado do tamanho correto. Isso era necessário, pois o piso colocado no chão, segundo ele, possuía algumas elevações, características dos desenhos das peças. Essa elevação fazia com que o piso ficasse irregular no seu encontro com a parede. Por isso, cada azulejo tinha que ser

medido individualmente e as diferenças de medidas eram milímetros, mas que, segundo João, seria suficiente para “dar problema”.

Além de ser um trabalho repetitivo, outra questão apontada por João foi a falta de uma estrutura adequada para a execução desse trabalho. Por ser uma obra de pequeno porte e com pouco espaço, não havia condições de se construir uma bancada para colocar o material e as ferramentas para cortar os azulejos. João e Mário executavam todo o trabalho agachados, numa posição incômoda, segundo eles, e que lhes causava dores nas costas.

Durante todo o tempo que permaneci na obra o trabalho continuou o mesmo. Não tive muita oportunidade de conversar com João, pois o barulho era muito intenso. Acompanhei o trabalho por cerca de uma hora e meia, me despedi e fui embora.

Essa foi minha última visita à obra e não cheguei a vê-la concluída. Quanto à obra na qual iniciei a pesquisa, soube, algum tempo depois, por meio de minha aluna Marcela, que havia sido concluída.

Compreendendo a Pesquisa de Campo

Após acompanhar o trabalho de João por um tempo, me vi diante de uma grande quantidade de situações vividas, por meio das quais eu era capaz de vislumbrar caminhos que poderiam me levar a algum modo de compreender a construção do conhecimento. Os vários apontamentos que eu havia feito a partir das falas de João e das observações de seu trabalho, assim como tantas conversas que tivemos me levaram a novas vivências, surpreendendo, assim, meus anseios de pesquisadora. Cabia-me agora a difícil tarefa de buscar uma melhor compreensão de tudo que foi dito, na tentativa de interpretar essas tantas conversas, buscando assim uma melhor maneira de compreender as contribuições que João trouxera para o desenrolar dessa pesquisa.

Apresento a seguir, algumas dessas conversas transcritas em ordem cronológica. Logo após cada transcrição há meu entendimento sobre o que foi dito. Muitas dessas falas apontaram para questões comuns, que foram posteriormente separadas em grupos, auxiliando assim a compreensão do fenômeno estudado. As transcrições na íntegra foram anexadas ao final desse trabalho.

As falas precedidas pela letra M são minhas e aquelas introduzidas pela letra J são de João. Em alguns momentos, seu ajudante, Leandro, também faz alguns comentários, sendo suas falas aqui precedidas pela letra L.

M: A parte elétrica vai abrindo depois, pra fazer?

J: Tem que dividir, né, achar os pontos, da forma que dê menos volta possível.

João parece buscar uma otimização do material e também do espaço. Ao dizer que a parte elétrica tem que ser colocada “da forma que dê menos volta possível” percebo que ele tem uma boa percepção de distribuição, de aproveitamento e organização do espaço.

J: (...) aí, depois, no futuro, quando eles tiverem a cobertura em cima, aí se quiser abrir desse lado aí, aí faz uma escada por fora aí, pra ir na cobertura. Ou faz uma escada por fora. Aí tem opção, né?

João fala sobre a construção de uma escada para um possível terceiro andar. Ele projeta possíveis locais onde essa escada poderia ser construída, de acordo com a vontade dos proprietários. Nessa situação é possível perceber que ele discute a topologia da obra, também

visando o melhor aproveitamento do espaço. Ele consegue se projetar em um espaço que ainda não se constituiu para buscar seu melhor uso.

J: Ali é uma casa que ficou enorme, não conseguiram acabar, faz anos já, e ficou uma casa assim que você tem que passar todinho dentro da casa pra ir na casa de cima. (...) Você entra pela sala ali, tem que atravessar a casa todinha, ir até a cozinha, pra chegar lá em cima.

Ao mesmo tempo em que João busca a otimização do espaço, ele é capaz de criticar um trabalho onde não há seu aproveitamento adequado (que ele assim considera). É o que se pode perceber quando ele fala sobre uma casa, na qual há uma construção no segundo andar, existindo somente uma escada nos fundos da casa de baixo. João chama a atenção para o fato de que para ir ao andar superior é preciso atravessar toda a casa inferior, interferindo assim na privacidade de todos os moradores.

J: Eu trabalhei no Granbery ali, que sofrimento... lá na última rua lá em cima... Um frio, mas frio mesmo... Num silêncio... Aquele lugar ali, muito deserto... Um dia parecia que era dois... Fica tudo muito parado...

João aborda a questão da relatividade do tempo. Como seu trabalho estava sendo executado num lugar frio e solitário, o tempo passava devagar, pois ele disse que cada dia parecia ser dois. Isso pode apontar para o sentimento que ele tem diante do seu trabalho. João não parece estar somente preocupado em executar o seu serviço, pois se assim fosse, ele somente iria se preocupar com os acontecimentos da obra e não estaria preocupado com a passagem do tempo. O seu trabalho não se constitui somente no espaço, mas também no tempo.

M: Engraçado, a gente não vê mais muita coisa com aquele outro tijolo, aquele que não é desse tipo furado, aquele tijolo mais fininho assim.

J: Aqui em Chácara, Rio Pomba, mais pro norte, né, ainda tem usado desse.

(...)

M: Ele é mais caro que o desse tipo? [mostrando o furado que é usado na obra]

J: Aqui na cidade é. Mas no interior assim é mais barato. Mas é muito trabalho, né?

M: Ah, esse aqui rende muito mais, né?

J: Agora, a vantagem, a vantagem dele, assim o pessoal do interior aí, que trabalha com ele, fazem casa de um ou dois andares, é porque aquela terra, tabatinga que fala, né?

Aquele barro que dá no brejo, né, aquele barro ali se chega e amassa ele... faz com terra mesmo... porque ele segura bem, economiza cimento, né? (...) Tem que ter uma mão boa pra trabalhar com ele. (...) Um pedreiro que trabalhar cinco horas assentando aquele tijolo, quando chegar e pegar esse aqui [riso] rapidinho faz...

Nessa conversa, João mostra seu conhecimento sobre sua profissão, sobre o material utilizado no seu trabalho diário. Além disso, fala com propriedade sobre o aproveitamento desses materiais, sua qualidade e seu rendimento. Esse fato aponta na direção do que é constituir-se pedreiro, pois ele faz questão de deixar claro que entende daquilo que está falando, que sabe se posicionar diante dos diversos materiais que podem ser utilizados no seu dia-a-dia do trabalho. Um pouco do que João quer mostrar é que sabe ser pedreiro, que não está preocupado somente em executar o seu trabalho, mas possui uma visão mais ampla das questões que circulam dentro de uma obra, questões essas relativas ao material que está sendo utilizado.

A escolha do uso de determinado tipo de tijolo e não de outro pode estar associada a diversos fatores, entre eles a questão do rendimento e também do preço a ser pago por esse material. No momento da escolha se faz presente um conhecimento matemático que se adapta às condições tanto do empregador quanto do próprio pedreiro. Apesar do tijolo de maior rendimento ter um preço mais acessível, possui menos resistência. O tijolo que possui maior resistência rende menos e tem um preço maior. Nesse caso, o conhecimento matemático pode auxiliar na avaliação de qual material será utilizado.

João, como responsável pelo desenvolvimento de todos os aspectos da obra, possui condições de, por meio desses conhecimentos, escolher qual material deve ser utilizado de acordo com a intenção de seu cliente.

J: Trabalhei com um camarada, ele era capitão... do exército, aposentado. (...) Não sei se de tanto ele trabalhar nisso, aí ele começou a fazer a casa lá, chamou um pessoal pra trabalhar, e ele ficava o dia todo na obra. (...) Só queria produção, produção, ficava andando dentro da obra, de um lado pro outro. A gente não podia conversar não. (...) Aí, fechei a semana, falei “Ó, tchau”.

Nessa conversa pude perceber que João aprecia a liberdade no ambiente de trabalho para poder conversar com os colegas enquanto realiza as atividades da obra. Ao não concordar com o comportamento do empregador mostra seu ponto de vista, desligando-se do trabalho onde há uma vigilância constante. A decisão de trabalhar ou não em determinado serviço está relacionada ao fato do empregador ser ou não uma pessoa com a qual a relação

patrão/empregado flui de maneira mais agradável, segundo o ponto de vista de João. Está em suas mãos o poder da escolha. Esse poder de escolha leva a outras reflexões: um pedreiro como João, que é um profissional autônomo, não possui carteira assinada, e por isso não está amparado por leis e direitos trabalhistas como décimo terceiro salário, férias, aposentadoria, entre outros. Ele é livre para escolher onde quer trabalhar, mas, por outro lado, não possui direitos de trabalhador garantidos por lei.

J: Ontem aqui foi a maior luta aqui. O pessoal daquela casa lá embaixo, subiram lá e ficaram lá todo o tempo que eu tô trabalhando eles tão de olho em mim aqui. E aponta dedo, e cochicha...Aqui em Juiz de Fora tem disso...

Embora João goste do contato com a comunidade, ele reclama do comportamento de alguns vizinhos da obra que ficam vigiando seu trabalho. Sua posição me pareceu conflitante, pois em alguns momentos diz que é muito bom trabalhar em meio à comunidade, onde todos se conhecem, mas também diz que não há incentivo à cultura, pois as pessoas que têm algum poder no bairro não fazem nada para ocupar os jovens, para tirá-los das ruas. Mesmo gostando da comunidade, possui uma visão crítica dela.

J: Aqui em Juiz de Fora tá muito difícil de trabalhar, é o que te falei, a ansiedade das pessoas... Aí o cara corre, corre e faz um monte de coisa errada...Aí pra frente só vai dando problema... Lá no Granbery o cara vem, colocou o gesso, esqueceu de passar a fiação [leve riso]. Logo do hall de entrada, na escada, né... Escada, quanto mais você desce, mais alto vai ficando o teto. E tinha que colocar luz lá. Ah, o cara nervoso: “Ah, João, quebra o galho aí...”. Fui ver pra ele... Fui na cozinha, fiz um furinho lá no canto da parede, bem discreto, pra ninguém ver...Do outro lado, do lado de fora, fiz um buraco um pouco maior, que cabia minha mão. E fiz um gancho, peguei um arame, fiz um anzol nele... fiz um anzol, e fiquei ali, só no tato assim, até pescar o fio. A hora que eu pesquei, puxei ele. Aí trouxe, abri o canto do gesso, puxou a lâmpada. Aí, a gente tem que trabalhar assim... Muita calma... Nessa hora assim, tem que pôr a cuca pra funcionar... São coisas que... assim... não tem curso...

Nessa conversa, João aponta várias questões relativas à sua profissão. O primeiro ponto possível de destacar é a questão da ansiedade das pessoas que contratam um pedreiro. Na maioria das vezes, segundo seus relatos, as pessoas esperam que o serviço seja executado rapidamente, seja porque consideram a atividade simples, seja porque talvez não dêem o devido valor ao trabalho. Essa ansiedade pode prejudicar o desenvolvimento do trabalho, pois na ânsia de querer terminá-lo rapidamente, o pedreiro pode cometer alguns erros, como o

mencionado no relato acima. João preza sempre a calma no momento de desenvolver qualquer atividade na obra, pois ela pode ser a garantia de serviço bem executado.

Outro ponto que cabe destacar nesse relato é o que mostra o modo como João lida com as adversidades surgidas no dia-a-dia de uma obra. Ao se deparar com uma situação imprevista, que poderia prejudicar o desenvolvimento do trabalho, ele cria modos de lidar com isso, como ele mesmo diz “tem que pôr a cuca pra funcionar”. Esses modos que ele cria de lidar com as diversas situações são formas de conhecimento, não só matemático, que se fazem presentes no seu trabalho. Esses conhecimentos são demonstrações do que é se constituir pedreiro, dos modos de fazer de um profissional que consegue se posicionar diante do diverso, do imprevisível.

M: (...) Essa questão que você falou do desenho que você fez... você chegou a fazer, você fez mesmos os desenhos?

J: Primeiro eu tirei o perímetro, né? E fui pra casa. Tirei a diferença do esquadro, coloquei no papel. Ai fui jogando os cômodos. Coloquei o corredor nessa posição [mostra a posição que ficaria o corredor]. Ai coloquei o banheiro ali onde tá. Não ficou bom. Depois coloquei o banheiro pro outro lado de cá, não ficou bom. Ai coloquei o corredor nessa mesma posição aqui e o banheiro também. Nossa! Ai foi ficando cada vez pior... Ai eu comecei da varanda de novo. Ai essa foi a melhor opção.

João é um pedreiro que também faz o desenho (a planta) da obra na qual vai trabalhar. Na sua fala é possível perceber elementos matemáticos, quando ele diz que “tira o perímetro” e que “tira a diferença do esquadro”. É nítido que ele tem conhecimento matemático de medidas, pois faz o desconto necessário, para ter a medida real na qual vai construir.

A sua técnica parece não ter um padrão, pois ele diz que vai “jogando os cômodos”. Não parece que há um esquema a ser seguido, a não ser a quantidade de cômodos que serão construídos.

João diz que na primeira tentativa não ficou bom. Além disso, ele falou que queria organizar a disposição dos cômodos de modo que não se pudesse ver toda a casa ao se entrar. Na segunda tentativa ele disse que ficou ainda pior. O que ele fez foi desmanchar todo o desenho e começar tudo novamente. Segundo ele, o melhor jeito encontrado foi o que estava sendo construído. Ele tem uma percepção da matemática presente nos desenhos, na distribuição dos cômodos nos espaços da obra. A própria idéia de distribuição já está carregada de significado matemático. Esse é um aspecto da construção civil que provoca grande entusiasmo em João, porque ele disse que se tiver um esquadro e uma mesa, está feliz

J: Quando eu trabalhava com o Eduardo, nossa, era um bônus. A gente chegava, trocava uma idéia, não tinha problema. (...) Se eu tivesse um projeto dum engenheiro aqui, que tivesse que fazer, também não tinha dificuldade nenhuma, problema nenhum.

O trabalho de João muitas vezes não se restringe somente à construção propriamente dita. Em muitos trabalhos ele também é responsável pela criação do projeto do imóvel a ser construído. Nesses momentos, ele evoca toda a sua criatividade e se realiza na profissão. Mas ele também mostrou disponibilidade para trabalhar em um projeto que foi elaborado por um engenheiro. A relação de poder existente entre engenheiros e pedreiros parece ser estabelecida de modo amigável, sem imposição do ponto de vista do “mais estudado”. Em muitos momentos João mostra ter grande respeito pelos engenheiros com os quais trabalhou, ressaltando que eles possuem “o conhecimento da faculdade”. Apesar disso, também reconhece que o seu próprio conhecimento, constituído na prática do dia-a-dia da obra, pode se juntar ao conhecimento dos engenheiros, fazendo com que a integração desses conhecimentos conduza a uma melhor execução dos trabalhos na construção civil.

M: É... Uma coisa é você ter o papel, ter o espaço, o papel e fazer, né. Outra coisa é você ter que aproveitar o que já tá pronto, e mexer em alguma coisa...

J: Agora, às vezes, você pega uma reforma, um ambiente pequeno, vai caber menos, que você tem que aproveitar o espaço...

Nessa conversa, João mostra como a situação de uma reforma pode se constituir em um campo de problemas, pois nem sempre o espaço disponível para ela é capaz de conter tudo aquilo que o cliente deseja. Ele mostra a necessidade de se aproveitar o espaço, a fim de satisfazer a vontade do cliente.

João busca compreender toda a organização do espaço disponível para seu trabalho, promovendo sua otimização em vista de conseguir fazer aquilo que lhe é pedido. É possível retomar aqui a questão da divisão do espaço no qual ele tinha que construir a casa onde a pesquisa foi iniciada. Embora o espaço não possuísse grandes dimensões, ele teve que fazer três quartos, pois assim exigia a proprietária e cliente. Ao fazer o desenho da casa, ele fez conforme lhe havia sido recomendado, se esforçando ao máximo para atender a cliente, sem prejudicar o desenvolvimento do seu trabalho.

João mostra-me cada vez mais o que é ser pedreiro, como se organizam o trabalho, as relações que nele existem, os modos de lidar com os conhecimentos e com os problemas que ocorrem no dia-a-dia de uma obra. É possível vê-lo se constituindo pedreiro em suas falas, gestos e modos de lidar com a sua profissão.

J: Eu e o Leandro [o ajudante] fomos lá no São Pedro... é... lá perto da igreja. A dona pediu pra fazer uma escada, um metro e cinqüenta de largura, quatro degraus, pra cimentar uma área lá, só que pequena. (...) Aí o homem chegou e inventou mais um monte de coisa pra fazer. (...) Se a gente desse mole, né, Leandro, ia ficar lá mais um tempo...

L: É exploração que isso chama. (...) Na hora de contratar o serviço que vai fazer é de um jeito, quando chega lá começa: “Faz isso aqui pra mim...”. Aí você fica sem jeito de cobrar...

Nessa conversa entre João e seu ajudante Leandro é possível perceber certa insatisfação quanto ao contrato de trabalho, que quase sempre é somente verbal. Muitas vezes, segundo seus relatos, o que é combinado verbalmente com o empregador não é respeitado no momento da execução do serviço. Na maioria dos casos, há sempre mais serviço que deve ser executado sem ter sido anteriormente combinado. Leandro chega mesmo a dizer que isso é exploração e até sugere que deva ser feito um registro escrito sobre o trabalho que será executado, como se fosse uma forma de contrato. João diz que o empregador está “de malandragem”, pois no momento em que combinam determinado serviço, e também o seu pagamento, ele fala somente sobre parte do serviço, como que para justificar o pagamento que será feito. Mas no momento em que se começa a trabalhar, outros trabalhos vão aparecendo, mas o pagamento combinado continua sendo o mesmo. A sugestão de Leandro de se fazer um registro do serviço combinado sugere até mesmo uma ruptura com a cultura difundida entre a maioria dos pedreiros, para os quais a palavra tem o valor de um contrato escrito.

M: João, mas como foi que você começou a trabalhar como pedreiro?

J: Ah, eu comecei assim, eu gostava, né, sempre gostei... de ver as coisas transformando, mudando... Aí, falei, vou mexer com isso. Foi espontâneo, né? (...) Aí comecei a trabalhar assim fazendo alguma coisa lá em casa, depois comecei a trabalhar com meu irmão, a ajudar ele, né... Eu estava ajudando ele, mas falava: “Ó, eu não vim aqui pra te ajudar não. Eu vim pra fazer.” Aí dali eu deslanchei e fui embora. Quanto mais eu fazia, mais queria fazer.

João, ao relatar como foi que começou a trabalhar na construção civil, já num primeiro momento, desfaz a idéia de que seguiu essa profissão porque não conseguiu outro ofício ou porque seguiu a profissão do pai. Seu interesse pela construção civil foi “espontâneo”, como ele mesmo diz. Partiu de uma vontade dele próprio, ao ver que era possível transformar os diferentes materiais, mudar aquilo que existe. A criatividade e inventividade parecem ser

traços marcantes do trabalho de João. Ele deixa claro que a opção pela construção civil não aconteceu de forma determinante na sua vida, pois não foi levado pelas circunstâncias a escolher essa profissão, mas optou por ela por vontade própria, sendo talvez guiado por uma característica que lhe é particular: a criatividade. Numa conversa, ao falar sobre os desenhos que costuma fazer das obras que vai construir, ele disse que se tiver um esquadro e uma mesa, está feliz. Isso ressalta o prazer que ele tem em criar. Até mesmo quando quis mudar de profissão, ele buscou um trabalho no qual a criatividade também era elemento principal: uma confeitaria.

O constituir-se pedreiro, no caso pesquisado, conforme é possível perceber nos relatos de João, passa por questões como a criatividade e a vontade de ser um profissional da construção civil. Não é simplesmente circunstancial. Além disso, ele tem interesse em se aprimorar na sua profissão, pois, conforme relatado, busca se atualizar por meio de revistas especializadas e também por meio de cursos. É possível perceber que ele é mesmo pedreiro por vontade própria.

J: Esse negócio é bacana, tem que usar a imaginação. Você pega um lugar pra trabalhar, começa a imaginar, a criar... (...) Eu sempre tive essa opinião: se é pra mudar, tem que mudar. Ficar no mesmo eu não vejo graça. Ainda mais na construção civil, né, a questão financeira é uma coisa muito puxada, né. Às vezes a pessoa quer uma coisa nova, tem que ser novo, tem que ter mudança. (...) Quem fica no mesmo fica muito simplório.

João mostra sua opinião sobre o trabalho da construção civil, apontando para o que é ser pedreiro. Inovação e mudança são dois aspectos que por ele são amplamente valorizados nos trabalhos executados. Ele justifica, de certo modo, a inovação, dizendo que há um gasto financeiro significativo e os clientes querem ver mudança, querem ver seu dinheiro bem empregado. Além disso, ele mostra que a capacidade de inovação é uma qualidade que deve ser parte da constituição do ser pedreiro. É possível perceber que João não se constitui somente como um profissional executor de determinadas tarefas, mas sim como um profissional que busca melhorar a qualidade do trabalho oferecido a cada tarefa executada, atento às mudanças que possam surgir, aos novos recursos, aos novos materiais. Ou seja, ele interage com seu trabalho, com o serviço que está sendo executado. Acredito que isso seja um traço de sensibilidade presente em um profissional a que muitas vezes está associada a imagem de rusticidade e de insensibilidade diante do trabalho executado.

J: Quando eu viajava pro Rio [de Janeiro], nos outros lugares, eu ficava observando muito as arquitetura antiga, né, portuguesa, eu ficava observando. Que eles são ricos em detalhes. Eu tava lá, naquela igreja que tem em Petrópolis, que tem naquela praça... Tem uma igreja lá (...) Muita ponta as torre. Muita ponta. Ela é escura, e as torres foi feita em areia. Pedra e areia. Gente, mas que coisa linda! Muito detalhe, o cara trabalhou muito ali. É uma coisa que eu fico admirando, fico impressionado de ver. (...) A coisa mais linda e sem contar a altura. Uma torre daquela na altura que tá... eu fico assim imaginando... é... o equilíbrio, que tem a base, né, e a perfeição, né, só com nível e prumo.

João mostra interesse pela arte presente no seu trabalho. Ele não é um mero “levantador de paredes”, mas é capaz de apreciar a beleza que existe na construção civil. Ao citar uma igreja que viu na cidade de Petrópolis – RJ, ele tem sensibilidade para perceber sutilezas de detalhes presentes no trabalho arquitetônico. Ele se diz admirado com a beleza daquilo que vê. Além disso, conhece as dificuldades enfrentadas por aqueles que construíram essa igreja, pois os recursos existentes na época eram muito restritos, assim como os materiais utilizados.

Esse é outro aspecto que poderia levar a compreender como João se constitui pedreiro. Não é somente realizando o trabalho pesado do dia-a-dia de um canteiro de obras que um trabalhador se constitui pedreiro, mas também demonstrando sensibilidade para compreender a obra realizada como algo belo, como algo que foi construído por mãos humanas, enfrentando todas as circunstâncias que surgem nas mais diversas situações de uma construção. Desse modo, o trabalho executado pelo pedreiro acaba por se constituir como algo que de certo modo expressa aquilo que o pedreiro é e sente. É uma espécie de humanização do trabalho da construção civil, que não passa somente pela sua execução, mas também pela relação direta do pedreiro com sua obra, com seu trabalho, se constituindo como parte dele.

J: Num trabalho lá no Bom Pastor, tava lá trabalhando tranqüilo, fazendo de tudo pra... pra fazer o melhor pra dona da casa lá, né. (...) Ai o dono ficou tão empolgado com o negócio que pediu pra botar umas ardósia lá na porta da casa dele. (...) Eu só falei: “Ó, tira essa planta daí, senão vai sujar tudo...”. (...) Ai ele foi lá e tirou. (...) De repente, chega a irmã dele... “Aí, você pega aquelas plantas e embala, viu?” (...) Eu falei: “Não vou pôr nada não.” Ela ficou doida! “Isso é seu trabalho. Vai pegar aí e embalar.” Na maior amolação. “Pra mim você não trabalha!”. Eu falei: “Nem se a senhora pagar bem eu vou lá!”

Nessa fala de João é possível perceber a indignação da sua parte diante da postura arrogante da irmã do cliente, que tenta lhe impor a execução de um serviço que não era

necessariamente de sua responsabilidade. É possível perceber que ele não executa o serviço no momento em que este lhe é solicitado de modo impositivo devido mais ao fato de ter sido exigido com arrogância e rispidez do que por ter sido considerado um serviço que não era de sua responsabilidade.

João diz que a irmã do seu cliente o desrespeitou, que foi grosseira com ele, que pela primeira vez respondeu com grosseria a uma mulher. Ele também diz que o cliente se desculpou pela irmã, argumentando que ela estava passando por alguns problemas. Parece que João se sentiu de fato ofendido com a situação, criticando aqueles clientes que acreditam poder exigir que o pedreiro execute qualquer atividade por eles determinada somente porque estão pagando. Apesar de tudo isso, ele consegue driblar a situação com tranquilidade, num tom até mesmo de brincadeira, pois, ao terminar o serviço, diz para a irmã de seu cliente que já estaria livre para poder trabalhar pra ela.

J: O principal do azulejo é ele inteiro, né.(...) Isso é questão de milímetro, mexe um pouquinho com milímetro já dá um problema danado.

Ao falar sobre o assentar azulejos, João mostra preocupação com as medidas ao dizer que “mexe um pouquinho com milímetro já dá um problema danado”. A matemática se faz presente nessa fala, pois a medida é algo de extrema relevância nessa situação. O uso da matemática (medição, quantificação) se coloca até mesmo como um elemento que pode fazer a diferença no trabalho. Essa matemática pode passar de aliada a vilã, dependendo do uso que dela se faz. Um cálculo mal executado, um espaço mal observado podem levar a problemas na obra, como o desperdício de material. Aparecem nessa situação aspectos quantitativos e também qualitativos, pois o conhecimento matemático presente nesse contexto está relacionado à quantidade de material utilizado e também ao seu aproveitamento em função do espaço disponível. João aparenta domínio sobre essa situação, pois parece ser capaz de analisar esses diversos aspectos.

João também apresenta preocupação com a colocação de azulejos no sentido de utilizar a maior quantidade possível de peças inteiras. Ele sabe que isso pode contribuir para a qualidade de seu trabalho, pois comenta que alguns colegas não se preocupam com a posição do recorte e vão simplesmente “jogando” os azulejos na parede. A preocupação com a colocação de peças inteiras na parede também está relacionada com a estética da obra, outro ponto que parece ser importante para ele. Conforme já mencionado anteriormente, João não se constitui somente como um pedreiro preocupado com o levantar paredes, mas também alguém que possui sensibilidade suficiente para admirar a beleza daquilo que faz. A estética da obra

também é importante. Não basta ser uma construção funcional. Tem também que possuir algo de belo.

M: Essas coisas também não têm o que faça aprender senão a prática, né? [me referindo ao trabalho de assentar azulejos]

J: É o trabalho artesanal, manual, né? Vai aprendendo na prática mesmo. Tem a teoria, o lado teórico, né, mas tem coisa que... é só fazendo.

(...)

M: Um engenheiro, uma pessoa que estudou, você acha que se ele fosse fazer isso [assentar azulejos] ele faria de um jeito mais fácil? (...)

J: O conhecimento didático ele é... ele é importante sim. E muito, não é pouco não. A pessoa acaba que fica com a cabeça mais aberta. (...)

M: Se fosse um engenheiro, por causa dele ter estudado, se ele fosse fazer um serviço manual desse será que ele faria de um jeito diferente...? Com um método mais prático?

J: Olha, geralmente, o engenheiro formado, ele tem as práticas, as técnicas que ele aprende na universidade, né. Tem também os que faz doutorado, vai pra fora, faz curso, participa de palestra, assim... as próprias empresas, né, essas empresas de material, faz essa palestras, né. (...) Então aprende e com o conhecimento dele dos estudos, né, ele próprio vai criando também, né.

M: Mas assim, por exemplo, entre dois pedreiros, um que tenha estudado e um que não tenha, você acha que faz diferença?

J: Ai depende da prática do que não tiver estudado, né.

M: Às vezes a prática supera o conhecimento da escola.

J: Isso... Vai de uma coisa também chamada dom, habilidade, entendeu?

Essa conversa com João mostra vários pontos relevantes sobre o que parece ser seu modo de compreender as diversas formas de conhecimento que circulam pelos espaços da construção civil. Num primeiro momento, ao ser questionado sobre a importância do conhecimento constituído em instituições de ensino diante do conhecimento constituído na prática profissional, João parece acreditar que o conhecimento dos profissionais que possuem curso superior, que ele chama de “didático”, é importante, pois através dele um engenheiro poderia criar um método mais prático para executar os trabalhos da construção civil. Parece que há da parte de João um respeito pelos conhecimentos desses profissionais, mas desde que se trate de um profissional considerado hierarquicamente superior a ele, pois quando se trata de um pedreiro, assim como ele, o que ele julga ser relevante é a prática do profissional.

Interessante perceber que João reconhece o conhecimento de um engenheiro, validando-o como um potencializador da criatividade, pois segundo ele, “a pessoa acaba que fica com a cabeça mais aberta.”. Como já foi ressaltado anteriormente, a criatividade é algo que ele considera de extrema importância no trabalho da construção civil. Já na comparação com outro pedreiro, o que parece importar para João é o conhecimento prático do profissional, independentemente do estudo. Além disso, ele considera a necessidade de se possuir dom pra lidar com o trabalho artesanal.

O que chama a atenção nessa conversa é a maneira com que João lida com os diferentes modos de conhecimento que circulam numa obra e também o modo como ele os compara. A hierarquia existente na construção civil se revela na compreensão que ele tem dos conhecimentos que circulam entre engenheiros e pedreiros. Comparando-se pedreiros com engenheiros, os conhecimentos destes prevalecem sobre os daqueles, pois ao estudar, os engenheiros têm mais capacidade de criar, de inventar novos métodos. Há, dessa forma, a prevalência dos conhecimentos constituídos numa instituição de ensino ou em algum curso oferecido a esses profissionais. Mas comparando-se pedreiros entre si, João mostra que essa forma de conhecimento não é tão relevante, pois o conhecimento constituído na prática diária pode ser capaz de complementar o desconhecimento de determinados modos de compreensão que são difundidos nas escolas e faculdades. Além de hierarquizar as funções entre os diferentes profissionais, João também hierarquiza os conhecimentos.

J: Eu trabalhei com um engenheiro, a gente trabalhou junto por aí. Aí ele chegou lá na obra e tinham contratado um decorador lá. Aí o decorador (...) começou: “Vamos puxar essa parede pra cá, vamos fazer isso, fazer aqui...”. O engenheiro foi ficando jogado. (...) Aí ele pegou e falou assim: “Ó, eu tô indo embora, (...), não volto mais aqui...”. E não voltou mais lá não.

João reclama da interferência de um decorador no trabalho da construção civil. A presença desse outro profissional proporciona um outro desenrolar no trabalho que está sendo executado, pois mais uma pessoa começa a ter voz de decisão dentro da construção. O engenheiro se sente mais ameaçado do que o pedreiro, pois num primeiro momento a voz de decisão seria somente daquele. Tanto é que o engenheiro chegou a abandonar a obra e até mesmo a desistir da profissão. O que parece estar presente nesse relato é a relação existente entre os diversos profissionais da construção civil e a relação de poder que há entre eles. Ao perceber que os projetos propostos pelo decorador estão sendo aceitos e executados, o

engenheiro vê sua posição de decisão ameaçada por alguém que não é considerado tão capaz, pois segundo João, “construção civil todo mundo sabe.” (ou acha que sabe).

Também é possível ver em algumas conversas com João que o incomoda o fato de que muitas vezes aparecem pessoas em seu trabalho dizendo como ele deveria fazer determinadas atividades, pessoas essas que muitas vezes não têm qualquer relação com a construção civil. Em alguns casos, até mesmo o empregador faz algumas sugestões, principalmente quando quer que o trabalho seja executado rapidamente.

J: Condomínio... Fui trabalhar num condomínio, o pior pitaco que você encontra: o advogado do condomínio. Ele começa a inventar um monte de palhaçada pra fazer o dele, né? Aí ele começa que entende disso, entende daquilo, então aí é o primeiro obstáculo: o advogado do condomínio. Ele faz de tudo mesmo pra arrebentar. O síndico quer levar o dele também... é um atrapalhando o outro. Então aí já tá uma barreira... Tem que ter muita habilidade pra conseguir sair...

Esse relato retoma a questão apontada anteriormente, das relações de poder existentes no trabalho com os diversos profissionais presentes na construção civil. João, ao trabalhar num condomínio, encontra como barreira o síndico e o advogado do condomínio, que, segundo ele, querem mostrar serviço. Ele parece se incomodar com o fato desses profissionais quererem se intrometer no seu serviço, dando ordens sobre determinadas atividades que eles, na verdade, não sabem como devem ser desenvolvidas, somente para mostrar que eles detêm certa forma de poder diante do trabalhador da construção civil. É até mesmo uma questão de valores sociais, pois socialmente, acredita-se que um advogado e um síndico tenham mais conhecimentos que um pedreiro.

As relações de poder que permeiam a construção civil apontam para questões amplamente difundidas na sociedade, pois muitas vezes conhecimentos de pedreiros são desqualificados diante de conhecimentos de outros profissionais, simplesmente porque aqueles não possuem nenhuma forma de certificação. Um advogado ou um síndico têm, teoricamente, uma certificação para seus conhecimentos. Com isso, sentem-se no direito de desqualificar o trabalho de um pedreiro. Além disso, o que João aponta é a questão da tentativa de “mostrar serviço” desses profissionais, que poderiam estar tomando essa atitude para de alguma forma justificar seus salários ou simplesmente para mostrar o poder que exercem sobre o pedreiro.

J: (...) O engenheiro estudou bem a matemática, não só a matemática como a física também, né. Então ele dentro da construção civil se ele tem uma facilidade e a disponibilidade pra criar... então aí vai juntando, né. Ele vai mudando o jeito de trabalhar, vai juntando...

João traz novamente a idéia da criatividade como uma das principais características do trabalhador da construção civil, seja um pedreiro ou um engenheiro. O que ele salienta é que um engenheiro, por ter estudado Física e Matemática, tem maior condições de criar, desde que tenha disponibilidade para isso. Segundo ele, é necessário que o engenheiro faça uso das habilidades constituídas por meio do estudo a fim de melhorar sua prática diária no trabalho da construção civil. Ele vai “juntando, vai mudando o jeito de trabalhar”. Sendo assim, não é necessária somente a habilidade para desempenhar as funções no trabalho nem tampouco o conhecimento construído em uma instituição de ensino. O que deve haver também é a vontade de criar e a disponibilidade para isso. O engenheiro deve estar aberto às novas possibilidades que o trabalho do dia-a-dia num canteiro de obras lhe propõe. Não basta somente conhecimento sem a plasticidade para se adaptar a novos posicionamentos.

M: Você estudou até quando?

J: Ai...

M e J: [risos]

J: Agora você me pegou! Agora você me pegou, cara...

(...)

J: Mas, então, foi essa vida aí, sabe. Essa vida aí. Essa vida que foi acontecendo assim... Acho que pelo fato de eu não ter tido um pai, pela vida de esforço, eu larguei tudo por um projeto: queria ter uma família que eu não tive, entendeu? Aí acabei... podia ter esperado mais um pouco. Aí fui sugado. Fui totalmente sugado. Aí foi embora todas as oportunidades que eu tive, de fazer cursos... Eu tinha começado a fazer um curso de pátina... Alguma coisa eu peguei, outras não. Aí tava indo bem, sabe? Aparecia um monte de oportunidade eu pegava e jogava pro alto. Aprendi a ser independente muito cedo.

João, numa longa conversa, conta sobre sua vida, sobre as dificuldades pelas quais passou. Ele perdeu o pai muito cedo, quando ainda era bebê. Com isso, a família ficou um pouco desestruturada, pois a mãe teve que se responsabilizar sozinha pela criação dos filhos. Talvez por isso, ele tenha estudado pouco, até a quarta série, tendo feito um tempo depois supletivo, mas não chegando a concluir o ensino fundamental.

Apesar de não ter frequentado a escola por muito tempo, João se interessa por estar sempre se atualizando na sua profissão, pois disse que busca melhorar a cada dia seu modo de trabalho, já que dessa forma acredita que poderá conseguir maior reconhecimento de seus clientes. Ao que parece, a falta de estudo não trouxe prejuízos para ele, no que se refere ao exercício de suas funções como pedreiro, já que é capaz de construir o desenho da obra a qual vai executar, conforme já mencionando anteriormente. Também executa os cálculos necessários com precisão, fazendo inclusive estimativas sobre a quantidade de materiais que serão gastos e o tempo de execução de determinada atividade. A falta de estudos pode ser um problema no que se refere ao reconhecimento financeiro do seu trabalho. Se tivesse um “diploma”, seria melhor remunerado para desenhar seus projetos, administrar uma obra. Como João salienta a criatividade como uma das características principais do trabalho na construção civil e essa característica não parece estar diretamente ligada ao estudo, a falta desse não interfere negativamente na execução dos trabalhos.

João considera o estudo em instituições de ensino importantes, pois em alguns momentos ele ressalta que um engenheiro, que fez um curso superior, pode ter um maior potencial criativo, pois o estudo pode abrir novas possibilidades de uso de determinados materiais. Mas ao ser questionado sobre a importância do estudo em relação a novos métodos de trabalho ao se comparar dois pedreiros, ele ressalta que a importância, nesse caso, é a experiência, ou seja, o conhecimento constituído na prática profissional dos pedreiros. Assim, segundo João, o modo de execução de determinada tarefa da construção civil está relacionado, em alguns casos, à prática do pedreiro que executa essa tarefa. Se for um pedreiro experiente, essa tarefa pode ser executada de um modo mais simples e rápido. Caso seja um pedreiro com menos experiência, a tarefa pode se apresentar mais complexa.

Sendo assim, apesar de possuir pouco estudo institucionalizado, João apresenta uma erudição que lhe é particular. Ele tem conhecimento das atividades que realiza e tem um modo próprio de se constituir pedreiro, que lhe caracteriza. Ele não encara a sua profissão como algo que sempre esteve pré-determinado. Ele escolheu ser pedreiro. Essa foi sua opção, e não sua falta de opção. Seu modo de se posicionar diante da vida o constitui pedreiro, pois “foi essa vida aí, sabe. Essa vida aí. Essa vida que foi acontecendo assim...”.

J: Isso tem que pensar tudo antes de fazer o serviço, tem que calcular tudo. Puxei o defeito pra cá, aí coloquei a porta aqui, porque aqui é um canto morto, né, assim ninguém vai perceber isso aí. Mas se eu não olho isso e começo a colocar azulejo na parede, vem fazendo, chego aqui, aí não tem mais jeito.

João faz um estudo prévio do espaço com o qual vai trabalhar. Apresenta preocupação com seu melhor uso e também com o seu aproveitamento. Ao mudar a porta de lugar, sua intenção era aproveitar um espaço que antes não era utilizado nem mesmo percebido, o que ele chama de “canto morto”. Com a mudança, a cozinha ganhou novo formato, parecendo até mesmo que era maior. Além disso, ele tenta disfarçar os defeitos da construção, como os recortes dos azulejos. Sua preocupação é colocar os recortes o mais escondido possível, pois como ele mesmo disse, “o importante do azulejo é ele inteiro”.

É interessante observar a preocupação que João tem com os espaços onde trabalha. Além de procurar o maior aproveitamento e o melhor uso, há também a preocupação com a estética da obra que está sendo realizada. Ele não quer que seu trabalho exponha os pequenos defeitos que possam surgir, como o recorte dos azulejos. Ele sabe que isso pode ser um diferencial que valoriza o seu trabalho e também sabe que a não observação desses detalhes poderia provocar transtornos, ocasionando erros que talvez não pudessem ser posteriormente corrigidos.

J: Fui uma vez lá no Granbery, fazer um trabalho, aí a dona me chamou, né. Eu fui consertar o banheiro pra ela, que lá tinha dois degraus. Um do lado de fora e um do lado de dentro do box. Não sei qual era o problema lá, acho que eles tava cansado. O degrau tinha uns trinta centímetro de altura... e também pra trocar uma porta que não abria direito por causa do armário. Ela me chamou lá pra quebrar esses degraus, corrigir o azulejo que tinha quebrado, né... Aí pega: “Quanto você vai cobrar por isso aí?” Pedi uma merreca, cara. Pedi uma merreca pra ela por esse serviço. Não pagava nem o transporte das ferramentas. Aí ela foi lá na cozinha e buscou uma marreta dessas maior aí [João mostrou a marreta que estava em um canto da cozinha]. “Ah, deixa eu te mostrar minha marretinha aqui. Deixa eu te mostrar minha marretinha... Não, tá muito caro. Isso aí eu quebro. Não dá nem um dia de serviço.” Ah, eu queria ver a intimidade dela com a marreta...[risos] Eu falei: “Ah, a senhora pode ficar à vontade aí.” (...) Mas é essas coisas que você encontra por aí...

João reclama da desvalorização do seu trabalho, pois muitos se acham capazes de executar um serviço, mesmo que não tenham noção de como devam proceder. Por ser um trabalho que exige força física, muitos acham que isto basta para que ele seja executado. Essa parece ser uma questão que incomoda bastante João, pois em outro relato ele também expõe sua insatisfação diante da concepção que muitos têm do trabalho dos pedreiros. Muitas pessoas acham que podem opinar sobre ele e também executá-lo, simplesmente por ser um trabalho no qual parece ser somente a força física a exigência.

J: Muita calma nessa hora.. Vou tentar um ponto aqui pra ajudar... tá abrindo pra lá, por causa da espessura da massa, entendeu?

L: Você bota ele na cabeça, aí em cima, escora ele...

J: É melhor... Aí menino!!!! Distribuído, né... Vamos distribuir... Ficou bom...

L: Ficou!

A situação que se configura aqui é a seguinte: João e Leandro estão colocando azulejos em volta de uma porta. Nesse local, o azulejo fica escorado somente de um lado, pois do outro, é o batente da porta. Por isso, do lado do batente, a azulejo começa a “abrir”, ou seja, não se fixa no lugar e escorrega. João e Leandro tentam escorar o azulejo sustentando-o somente pela sua parte inferior. Como percebem que isso não faz com que a peça se fixe, Leandro sugere que coloquem pregos na lateral do azulejo, próximo ao batente da porta. Com isso, o azulejo se fixa, pois seu “peso” fica distribuído em vários pontos de apoio. Escorando em vários pontos o azulejo se sustenta. Sua fala mostra essa compreensão: “Distribuído, né...”.

J: No ramo da construção civil, o tempo inteiro se você quiser fazer tem serviço. (...) Geralmente na construção civil cada um puxa prum setor. E tudo é válido... Talvez o cara não consegue fazer isso, mas de repente em outro setor ele vai render mais...

Nesse diálogo, João parece querer ressaltar a versatilidade dos profissionais da construção civil, pois diz que sempre há serviço, nos mais diversos setores, seja na marcenaria, na montagem das ferragens, entre outros. Além disso, parece não desvalorizar um setor em detrimento do outro, pois segundo ele, “tudo é válido”. Todos os setores da construção civil têm seu espaço e seu valor e os profissionais devem estar preparados para atuar neles. Segundo João, um profissional que não se adapta bem em um setor deve procurar outro, até encontrar aquele no qual consegue melhor desenvolver seu trabalho.

M: João, você tem alguma técnica, alguma coisa pra colocar azulejos ou vai colocando assim...

J: É aquilo que eu te falei, todo o trabalho artesanal, né, aí vai da... mas a técnica entra aí, né, é muita atenção, atenção, prumo, nível, alinhamento, e durante o trabalho você tá raciocinando, né. Toda hora tem que estar medindo, tem que medir assim... Porque igual a maioria do pessoal trabalha, pega uma parede e joga, não quer saber pra que lado vai dar o recorte... Aí pega outra parede e “Ah, vou começar dali” e vai, entendeu? Isso é o que faz

o pessoal tudo aí. O cara pega de pra trabalhar de empreitada, [Trabalhar de empreitada é o modo de trabalho no qual o pedreiro é pago pelo serviço realizado e não pelos dias trabalhados.] né, chega, quer fazer as coisas correndo e vai fazendo. Aí um recorte fica pra lá, o outro ali, e vai fazendo assim sem direção... Ele quer colar o azulejo na parede.

João faz uma análise do trabalho que está executando. Além disso, também mostra que em muitos casos vários profissionais não têm preocupação com a qualidade do trabalho que estão realizando, principalmente quando pegam o serviço de empreitada e querem “fazer as coisas correndo, (...) colar o azulejo na parede”. Mas seu caso parece ser diferente, pois ele diz que a todo momento é necessário raciocinar, medir, usar os instrumentos adequados para a execução do trabalho. É possível perceber que João se preocupa bastante com a qualidade do trabalho de assentar azulejos, principalmente no que se refere ao recorte das peças, que segundo ele, devem ficar o mais escondido possível.

M: Essa peça maior assim é mais fácil de colocar, né? (Me referindo ao azulejo que estava sendo assentado, cujas medidas eram 43cmx33cm). A chance de dar erro é menor... Você vê mais fácil, né... Aqueles menores assim não dá [pra ver]...

J: Pra trabalhar os menores é melhor. Esse aqui, se você aperta aqui, a ponta de lá levanta. Então você tem esse problema. Você tem que trabalhar de acordo.

M: Mas eu acho que pra entortar, esse entorta menos que o outro, né?

J: É. Cada material, né, tem que procurar ter uma certa habilidade, pra aproveitar... Tem que ter muita noção também... noção de distância... de espessura, né... Você olha assim já dá pra ver, se tem que encher mais um pouquinho... Tem uma série de detalhes, né. Chega à tarde a cabeça tá...

Nessa conversa, fica claro o quanto é importante o pedreiro conhecer os diferentes materiais que estão envolvidos no seu trabalho. Ao ser questionado sobre os diferentes tipos de azulejos e sobre as facilidades ou dificuldades de cada um, ele mostra seu conhecimento, pois desfaz a minha impressão sobre aquele material que está usando. Embora eu pensasse que a peça maior fosse de mais fácil manuseio, ele é capaz de responder prontamente que estou enganada, pois a peça menor é que pode ser mais facilmente utilizada. Além disso, ao dizer que “tem uma série de detalhes”, ele mostra que a todo momento está atento ao trabalho que executa, pois chega até mesmo a dizer que no fim do dia “a cabeça está cansada” devido ao esforço feito durante o trabalho.

Agrupando os Apontamentos da Pesquisa de Campo

Diante das interpretações feitas sobre os dados da pesquisa de campo, foi possível perceber que muitas das falas de João possuíam algo de comum, apontando para as mesmas características. Essas características foram por mim organizadas em cinco grupos. A escolha desses grupos foi posterior à interpretação dos apontamentos da pesquisa de campo, pois, conforme já mencionado, não tinha a intenção de ir a campo para confirmar hipóteses.

A pesquisa de campo me proporcionou novas maneiras de olhar para a questão pesquisada, pois ela se encaminhou de modo diverso do que eu pretendia no seu início. A escolha dos grupos se constituiu, então, como um modo de mostrar os caminhos tomados pela pesquisa de campo, que no seu princípio, pretendia compreender o conhecimento matemático que circulava num canteiro de obras e que, no seu desenrolar, encaminhou-se para a compreensão dos modos de construção de conhecimento enquanto constituição do pedreiro na pessoa que ele é.

É evidente que outros grupos poderiam ser constituídos diante dos apontamentos da pesquisa de campo, mas os que aqui são apresentados foram os que se constituíram de modo mais significativo para mim e para minha pesquisa.

1 – Otimização

Uma característica de João que surgiu em vários momentos nas suas falas nas entrevistas é a que se refere ao uso do espaço físico e também dos materiais que são empregados no seu trabalho diário. Ele sempre pareceu buscar a melhor maneira de aproveitar o espaço de trabalho disponível, otimizando-o. Além disso, também buscou fazer um uso racional do material, aproveitando-o sem desperdícios. Essa otimização, tanto do espaço quanto dos recursos, faz João parecer um pedreiro que não somente se preocupa com o trabalho que está executando, mas também com a qualidade desse, pois muitas vezes a qualidade da execução de uma obra não está somente associada à sua beleza, mas também ao bom aproveitamento do espaço e dos materiais disponíveis.

Essa otimização pode ser vista quando João fala sobre as instalações da parte elétrica da obra, para as quais é necessário fazer buracos na parede. Ele diz que *“tem que dividir, achar os pontos, da forma que dê menos volta possível”*. Nessa fala é possível perceber que João conhece o seu trabalho e busca realizá-lo de modo que, tanto o espaço quanto o material, sejam melhor aproveitados. É possível perceber que ele não parece somente preocupado com o gasto do material, mas também com a própria parede, pois se a fiação elétrica não possuir um ordenamento, aquela pode ficar comprometida no seu uso e aproveitamento. A otimização do material também pode se configurar como um diferencial para o trabalho de João, pois o uso adequado dos recursos disponíveis pode favorecer sua relação com aquele que o contratou, já que os materiais usados na obra provieram dos recursos financeiros do cliente.

Em muitos casos, João é um pedreiro que se responsabiliza por toda a obra, fazendo desde o desenho da planta até os acabamentos. Na obra onde a pesquisa se iniciou, ele era o responsável por tudo. Ao falar sobre os desenhos que fez da planta da casa, João apresenta seu modo de lidar com o espaço e com sua distribuição, não deixando de atender às exigências dos proprietários da obra. Ao executar a tarefa de desenhar a planta da casa, João busca otimizar o espaço, pois este não possuía grandes dimensões, e a proprietária exigia que fossem construídos três quartos, uma sala, a cozinha, um banheiro, além de uma varanda, que se estenderia por toda a frente da casa.

Ao executar essa atividade, João parece não seguir um padrão, pois ele mesmo diz que vai *“jogando os cômodos”*. O que parece existir é a intenção de fazer o melhor aproveitamento do espaço existente, sem desagradar aqueles que contrataram seus serviços. Mas essa tarefa, apesar de prazerosa para João, não parece ser de simples execução, pois ele disse que são necessárias várias tentativas até chegar ao que ele considera o mais adequado e melhor. Uma das dificuldades encontradas nessa situação foi a tentativa de conciliar as dimensões do terreno, que não eram muito grandes, com as determinações da cliente.

A questão da otimização dos espaços traz consigo o interesse de João pela organização do lugar no qual executa seu trabalho. O conhecimento matemático aparece como um elemento importante nessa otimização. Ao se buscar o melhor aproveitamento do espaço é necessário compreendê-lo como um elemento matemático, mas não necessariamente conforme a compreensão escolar de espaço, mas sim como um elemento do pensamento matemático que é inerente às pessoas. Há uma sensibilidade matemática em João que o torna capaz de otimizar o espaço, buscando sempre seu melhor aproveitamento, ou seja, ele é capaz de se posicionar nos espaços antes mesmo que eles sejam construídos, vislumbrando suas particularidades e projetando seus usos.

João também parece estar atento à topologia da obra. Ao falar sobre a construção de um possível terceiro andar na obra que está executando, ele projeta várias possibilidades de local para a construção da escada que daria acesso a esse novo andar. Ele é capaz de se projetar mesmo em um espaço que ainda não se constituiu para buscar seu melhor uso e atender à solicitação dos clientes. E esse projetar, além de passar pela otimização do espaço, mostra o modo de João constituir seu trabalho como um campo aberto, passível de mudanças e transformações. Ele possui sensibilidade para se projetar nos espaços pelos quais trabalha, buscando seu melhor uso e aproveitamento. Essa característica também pode ser percebida quanto João se refere à disposição dos cômodos da casa que está construindo, pois disse que pretendia organizá-los de modo que não se pudesse ver toda a casa ao se entrar em um cômodo, mantendo-se assim a privacidade dos moradores.

Outro momento que também aponta para o aspecto topológico do trabalho de João pôde ser percebido quando ele falava sobre uma casa situada próxima à obra que estava executando. Ele comenta que ela foi mal projetada. Tratava-se de uma casa com dois andares independentes, servindo como duas moradias distintas, mas, segundo seus relatos, era necessário atravessar todo o primeiro andar para se chegar à escada de acesso ao segundo andar. Isso provocava incômodo aos moradores dos dois andares, pois a sua privacidade ficava de certo modo invadida pelo trânsito das pessoas.

Enquanto realizava a pesquisa acompanhando o trabalho de João, ele deixou de trabalhar na construção da casa mencionada e foi fazer a reforma de uma cozinha. Uma das diferenças apontadas entre as duas obras foi a questão do espaço. No primeiro caso, havia o espaço vazio no qual seria construída uma casa, com liberdade para criar sobre ele. No segundo caso, já havia um espaço construído que seria somente reformulado. Ao conversarmos sobre a diferença entre uma obra a ser feita a partir de um espaço vazio e sobre uma reforma, João mostra sua preocupação com o aproveitamento do espaço, como pode ser percebido a seguir: “... às vezes você pega uma reforma, um ambiente pequeno, vai caber menos, que você tem que aproveitar o espaço...”. Essa situação pode se configurar como um campo de problemas, pois nem sempre o espaço disponível para uma reforma é capaz de conter tudo aquilo que o cliente deseja. João parece buscar compreender a organização desse espaço, buscando sua otimização a fim de conseguir fazer o que lhe é pedido.

A otimização praticada por João na reforma da cozinha pode ser percebida quando ele comenta sobre a disposição da porta do cômodo, que ele trocou de lugar para que pudesse aproveitar melhor um espaço que não era utilizado e nem mesmo percebido, o que ele chamou de “*canto morto*”. Com a mudança, a cozinha adquiriu novo formato, parecendo até mesmo

ter um tamanho maior. Além disso, o ambiente ficou mais arejado, pois o ar se deslocava pelo cômodo com mais facilidade. Não só a preocupação com o aproveitamento do espaço pôde ser percebida nessa situação, pois além de valorizar o espaço existente, João também procurou esconder as imperfeições próprias do trabalho, como os recortes dos azulejos, pois como ele mesmo disse, “*o importante do azulejo é ele inteiro*”.

Interessante observar a preocupação que João tem com os espaços onde trabalha. Além de procurar o maior aproveitamento e o melhor uso, há também a preocupação com a estética da obra que está sendo realizada. Ele não quer que seu trabalho exponha os pequenos defeitos que possam surgir, como o recorte dos azulejos. Ele sabe que isso pode ser um diferencial que valoriza o seu trabalho e também sabe que a não observação desses detalhes poderia provocar transtornos no trabalho e talvez não tivesse como corrigir os erros cometidos.

Além dos espaços, João procura fazer um uso adequado dos materiais disponíveis na obra. Em várias situações foi possível perceber que ele buscava calcular cuidadosamente a quantidade de massa que seria necessária para terminar o serviço do dia, para que esta não sobrasse e quando havia sobra, ele guardava, para que pudesse ser aproveitada no dia seguinte. Até mesmo as sobras de massa que caíam quando se assentava os azulejos eram recolhidas para que fossem novamente aproveitadas. Não foi percebido desperdício de nenhum material.

A otimização pareceu ser uma característica do trabalho de João, tanto no que se refere aos espaços nos quais trabalha quanto aos materiais utilizados. Essa marca do seu trabalho reflete o modo como ele lida com as atividades que executa, sempre se preocupando em fazer o melhor uso dos recursos que lhe são disponíveis. O não desperdício dos materiais poderia até mesmo se constituir como um diferencial do seu trabalho, pois é possível ao cliente perceber que seu investimento está sendo bem aproveitado.

2 – Existencialidade

João, em muitas situações, pareceu ser um pedreiro que está muito além de um simples levantador de paredes. Em várias conversas ele expõe seu modo de se posicionar diante do mundo, do seu trabalho e das pessoas. Há momentos em que questões existenciais, nas quais

João fala sobre suas experiências vividas, podem ser percebidas em suas falas, nos modos de lidar com o seu trabalho.

Questões existenciais permeiam o viver humano. Os modos de lidar com situações que a realidade propõe e impõe podem refletir maneiras de vivenciar a existencialidade. Os modos como são concebidos a passagem do tempo e também da vida mostram como cada um compreende o mundo no qual está inserido. João parece ter uma compreensão da vida como fluida, se constituindo a cada dia, por meio de cada ação praticada. Não parece haver de sua parte uma concepção de vida como algo pronto, determinado, mas as situações vão se constituindo enquanto são vividas.

O não determinismo de João diante da vida remete a pensamentos de Nietzsche. Esse pensador aborda questões relativas à formação humana como ato de constituir-se enquanto pessoa, de tornar-se o que se é, mas um tornar-se que nunca chega a uma forma final, estando em constante mudança. O existir não seria somente um estar no mundo, mas sim um constituir-se no mundo, interagindo com aquilo que a realidade oferece. Os caminhos trilhados no viver assumiriam um papel importante nesse processo de tornar-se quem se é. Não haveria caminhos prontos, que deveriam ser seguidos a fim de se chegar a um eu absoluto, a um conhecimento absoluto. Nas palavras de Nietzsche, temos:

Por muitos caminhos diferentes e de múltiplos modos cheguei eu à minha verdade; não por uma única escada subi até a altura onde meus olhos percorrem o mundo. E nunca gostei de perguntar por caminhos, – isso, ao meu ver, sempre repugna! Preferiria perguntar e submeter à prova os próprios caminhos. Um ensaiar e perguntar foi todo o meu caminhar – e, na verdade, também tem-se de aprender a responder a tal perguntar! Este é o meu gosto: não um bom gosto, não um mau gosto, mas meu gosto, do qual já não me envergonho nem o escondo. “Este – é meu caminho, – onde está o vosso?”, assim respondia eu aos que me perguntavam “pelo caminho”. O caminho, na verdade, não existe! (NIETZSCHE *apud* LARROSA, 2005, p. 46)

Essas palavras remetem ao modo como João segue sua vida, buscando sempre o melhor modo de se posicionar na sua profissão, que ele não considera como algo pronto e acabado, mas sim em constante transformação. Sua concepção da vida e do mundo permeia o seu ser pedreiro, deixando marcas nos trabalhos que executa.

Em uma das visitas à obra, durante uma longa conversa na qual João conta parte da história de sua vida, desde a infância, fala das dificuldades que teve de enfrentar. Talvez por

ter perdido o pai muito cedo, quando ainda era um bebê, ele teve poucas chances de aproveitar as oportunidades surgidas, tendo parado de estudar cedo, não chegando a concluir o ensino fundamental. Apesar das dificuldades enfrentadas, João não pareceu ser uma pessoa que se escondeu atrás dos desafios que a vida lhe ofereceu, mas os encarou de frente.

A escolha pela profissão de pedreiro foi para João talvez uma forma de expressar sua existencialidade, pois ele justifica sua escolha dizendo que sempre gostou de ver as coisas se transformando. A vontade de manifestar seu modo de estar no mundo o impulsionou em direção à construção civil. E esse modo de estar no mundo passa pelo ato de criar, de buscar algo novo e diferente. A criatividade presente no trabalho de João não se resume ao fato de encontrar soluções para os problemas vivenciados na obra, mas vai além. Sua criatividade está vinculada ao ato de criar diante da realidade que a vida oferece. Mesmo diante das adversidades que a vida lhe ofereceu ele foi capaz de transformar seu caminhar. Ele chega mesmo a dizer que “... *tem que mudar. (...) Quem fica no mesmo fica muito simplório*”. Para ele, construção civil significa mudança, transformação, que também pode ser transformação da vida, já que sua opção pela profissão foi “espontânea”. A vontade de mudar a vida, de transformar a realidade pode ter levado João a essa profissão. Sua escolha não aconteceu de forma determinante, pois ele não foi levado pelas circunstâncias a escolher essa profissão. A construção civil foi sua opção e não falta de opção.

A vida parece não ter se configurado a João como algo que já estivesse pré-determinado, como um caminho que já estivesse traçado, bastando apenas segui-lo. A vida fora se configurando conforme era vivida, de maneira fluida, mas constante. Os caminhos percorridos eram construídos no caminhar, na medida em que as situações iam se configurando. As dificuldades enfrentadas pela ausência do pai deixaram marcas em sua vida, pois os lados emocional e financeiro da família foram abalados. Segundo seus relatos, João tornou-se “independente” muito cedo, começando a trabalhar ainda muito jovem, pensando que “*tava pronto pra encarar a vida*”. Como ele não teve pai, tinha o desejo de constituir família, o que, segundo ele, foi seu erro, pois um relacionamento quase destruiu sua vida. Tentando viver aquilo que não teve na infância, uma família, João perdeu muitas oportunidades na vida, deixando de lado possibilidades de melhorar seu trabalho.

Uma situação que aponta para questões existenciais na vida de João pode ser percebida quando ele fala sobre um trabalho que estava executando no bairro Granbery, numa das últimas ruas, na parte mais alta do bairro. Ele aborda a relatividade do tempo ao dizer que lá era muito deserto, e que “*um dia parecia que era dois...*”. Com essa frase é possível perceber que o interesse de João está além da simples execução do seu trabalho, pois se assim

fosse, a passagem do tempo não teria tanta relevância. O seu trabalho não se constitui somente no espaço, mas também no tempo.

A vontade de transformar os materiais e os ambientes que João apresenta fazem dele uma pessoa que busca interagir com a realidade na qual vive, por meio do seu trabalho criador. A inovação presente nas atividades que executa mostra sua intenção de buscar novos modos de trabalho, novas maneiras de trabalhar o material disponível na construção civil. Em uma conversa, João conta que construiu uma máquina para fabricar tijolos usando isopor e pó de pneu. Ele mesmo foi o responsável por todo o desenho do projeto e chegou a fabricar alguns tijolos. Por falta de uma parceria para investir, acabou desistindo de construir esses tijolos, mas não desistiu da idéia de procurar novas formas de aproveitar os recursos disponíveis na execução de seu trabalho.

Sendo assim, é possível perceber que João possui um modo particular de viver a sua profissão, pois sua constituição enquanto pessoa transita pelo seu constituir-se pedreiro. O modo como sua vida profissional se desenrola traz em si características próprias do seu modo de viver, como a criatividade e a sensibilidade presentes no seu trabalho diário no canteiro de obras.

3 – Questões da profissão: o constituir-se pedreiro

Vários são os momentos em que João mostra sua habilidade na profissão, tanto no que se refere à prática profissional quanto ao que se refere aos materiais utilizados na obra. Essas questões profissionais apontam para o que é ser pedreiro, pois o modo como João se posiciona diante das mais diversas questões que sua profissão propõe explicita o pedreiro que ele é, em constante (trans)formação.

Um momento no qual é possível ver João atuando como quem entende da profissão é quando ele fala sobre os diferentes tipos de tijolos (o maciço e o furado) e seus usos. Ele mostra seu conhecimento sobre sua profissão e sobre o material usado no trabalho diário, falando com propriedade sobre o aproveitamento desses materiais, sua qualidade e seu rendimento. Isso aponta em direção ao constituir-se pedreiro, pois ele faz questão de deixar claro que entende daquilo sobre o que está falando, que sabe se posicionar diante dos diversos materiais utilizados no dia-a-dia do seu trabalho. Ele ainda é capaz de dizer os locais onde cada tipo de material é utilizado, os preços que são praticados em diferentes cidades e também

o material com o qual é feito o tijolo e a resistência que esse lhe garante. Um pouco do que João parece mostrar é que sabe o que é ser pedreiro, não estando somente preocupado com a execução do seu trabalho. Ele possui uma visão mais ampla das questões relativas ao material que está sendo utilizado na obra, sabendo argumentar sobre a relação entre o seu rendimento e o preço praticado no mercado.

Em outro momento, enquanto João assentava os azulejos, ele fala sobre os diferentes tipos de azulejos e cerâmicas que são usadas na construção civil. Ele comenta sobre um tipo de peça quadrada, de um metro de lado. Segundo seus relatos, trabalhar com essa peça exige muita habilidade, pois *“se você coloca ele na parede tem que ficar muito perfeito”*. Além disso, ele fala sobre a beleza dessas peças, mostrando sua sensibilidade para perceber que a estética do seu trabalho também deve ser considerada. Essa fala aponta para o interesse que João tem pela diversidade de materiais com os quais pode trabalhar, mostrando que entende do dia-a-dia do trabalhador da construção civil. Também mostra que para constituir-se pedreiro não basta somente executar um bom trabalho, mas é necessário estar atento àquilo que há de novidade no setor da construção civil.

Além de se preocupar com a diversidade de materiais disponíveis com os quais ele poderia vir a trabalhar, João também apresenta interesse pelos novos mercados que estariam surgindo no campo da construção civil. Segundo seus relatos, a tendência atual do mercado seria buscar profissionais que se especializaram em determinado ramo, para que pudessem executar de forma satisfatória os serviços que lhe fossem solicitados. Além disso, ele aponta para a tendência de se fazer reformas em imóveis, ao invés de se construir outros novos, pois em casos como um hospital ou um condomínio, não seria possível paralisar as atividades para que um pedreiro pudesse fazer um reparo ou solucionar algum problema surgido. Sendo um profissional especializado, há maior possibilidade de se estar sempre trabalhando.

O conhecimento que João tem sobre os materiais com os quais trabalha mostra que ele é um profissional que procura compreender vários aspectos do seu trabalho, e não somente as atividades que executa. Uma situação na qual ele mostra seus conhecimentos pôde ser vivenciada quando seus ajudantes estavam fazendo a massa que seria utilizada para assentar tijolos. Ao serem questionados por mim sobre a mistura da massa, os dois rapazes não souberam informar em que consistia o saibro, um material que era usado. Eles sabiam apenas a proporção de cada ingrediente para a quantidade de massa que estava sendo preparada. Ao conversar com João, perguntei-lhe em que consistia o saibro, e ele fez questão de, novamente, mostrar seus conhecimentos sobre sua profissão. Ele disse que esse material consistia em terra de barranco, que podia ser arenoso e não era de boa qualidade porque poderia apodrecer

devido aos fungos ali presentes e à umidade excessiva. Mas ele também apresentou um modo de minimizar esse problema, dizendo que ao se acrescentar cal a umidade poderia diminuir.

O modo como João conduz seu trabalho aponta, em vários momentos, para sua forma de compreensão da sua profissão. Ao falar sobre os diferentes tipos de materiais que podem ser utilizados no trabalho diário, ele parece se firmar cada vez mais naquilo que faz. Além disso, também mostra que não é um pedreiro que somente realiza seu trabalho sem preocupação com o material que está utilizando. Ao saber as características do que usa no dia-a-dia da obra, ele é capaz de otimizar esses recursos e até mesmo de aproveitá-los de maneira mais eficiente.

Outra situação na qual uma questão profissional mostra como João se constitui pedreiro foi por ele relatada ao contar sobre um trabalho que realizou numa casa onde um outro profissional havia começado o serviço. Ele aponta que, muitas vezes, devido à ansiedade daqueles que contratam o serviço, o profissional, para não desagradar seu cliente, executa o serviço rapidamente, mas sem a atenção necessária, cometendo alguns erros. Segundo seus relatos, esse outro profissional, ao fazer o “hall” de entrada de uma casa, que era uma escada, colocou o gesso, mas esqueceu de passar os fios para fazer a iluminação do local. O proprietário da obra, ao perceber o acontecido, recorreu a João para que pudesse “quebrar o galho”. Para resolver essa situação, ele disse que foi até a cozinha e fez um pequeno furo na parede e passou o fio. Do outro lado, na parte externa, ele fez um buraco um pouco maior, fazendo um gancho com arame e, tateando, conseguiu “pescar” o fio, puxando-o para fazer a ligação elétrica.

Muitas vezes o trabalho apresenta situações que se constituem como desafios para o profissional. Segundo João “*nessa hora assim, tem que pôr a cuca pra funcionar...*”. Essa frase mostra o modo como ele lida com as adversidades surgidas no dia-a-dia da obra, usando os conhecimentos que possui da sua profissão e que se fazem presentes no seu trabalho. Esses conhecimentos são mostras do que é se constituir pedreiro, dos modos de fazer de um profissional que consegue se posicionar e agir diante de diverso, do imprevisível.

Muitas são as situações nas quais João mostra seus conhecimentos sobre a profissão e sobre a arte de ser pedreiro. Ao trabalhar no assentamento de azulejos, ele afirma que “*o principal do azulejo é ele inteiro*”, pois os recortes devem ficar o mais escondido possível. Além da preocupação com a qualidade do seu trabalho, ele também parece querer enfatizar a beleza existente naquilo que constrói. João sabe que a qualidade do seu trabalho está associada à aparência da obra. O cliente deve ver beleza no serviço executado, além de qualidade. A preocupação com a colocação de peças inteiras na parede pode estar relacionada

à estética da obra, pois não basta que esta seja funcional, mas também deve apresentar algo de belo. A questão do assentamento de azulejos é, de fato, uma questão de grande importância para João, pois ele trabalha todo o tempo com muita atenção, observando cada detalhe, fazendo medições a cada peça colocada. Em um outro momento ele chega a dizer que no fim no dia a cabeça está muito cansada, pois o trabalho é muito desgastante também do ponto de vista intelectual.

Mas não são somente questões relativas à prática profissional que apontam como João se constitui pedreiro. Ele também apresenta sensibilidade para admirar o trabalho executado, percebendo a beleza existente nas obras realizadas. Ao comentar sobre uma viagem que realizou a Petrópolis, João fala sobre uma igreja que teve oportunidade de observar. Ele pareceu encantado com a beleza das torres, com os detalhes da arquitetura. Além disso, comentou sobre o material utilizado e sobre a precariedade de instrumentos usados na execução da obra, feita há muito tempo. Não é somente realizando o trabalho pesado do dia-a-dia de um canteiro de obras que um trabalhador se constitui pedreiro, mas também mostrando sensibilidade para compreender a obra realizada como algo belo, como algo que foi construído por mãos humanas, enfrentando os desafios e intempéries que surgem nas mais diversas situações de uma construção. Desse modo, o trabalho executado por um pedreiro acaba por constituir-se como algo que, de certo modo, expressa aquilo que ele é e sente. É uma espécie de humanização do trabalho da construção civil, que não passa somente pela execução do trabalho, mas também pela relação direta do pedreiro com sua obra, com seu trabalho, se constituindo como parte dele.

4 – Relações profissionais e humanas

As relações humanas permeiam todo o viver. Estar no mundo é relacionar-se com ele e com os outros. Sendo assim, o cotidiano de uma obra da construção civil também está repleto de relações humanas, seja com os clientes, com os ajudantes e até mesmo com engenheiros e outros profissionais da construção civil. Pode haver também uma relação com a vizinhança da obra, já que muitas vezes o trabalho é feito num ambiente aberto. Essa vizinhança acaba se tornando parte do cotidiano da obra, algumas vezes somente observando o trabalho e outras também interferindo nele.

O trabalho de João não é diferente. Em muitos momentos ele fala sobre os diversos modos de lidar com aqueles que, de alguma forma, fazem parte do seu trabalho diário. Essas diferentes formas de relação vão constituindo João como pedreiro, pois em cada trabalho realizado há sempre algum tipo de interação se configurando, seja entre ele e seus clientes ou até mesmo entre ele e seus ajudantes. A execução de seu trabalho passa por esses modos de interação entre as várias pessoas que circulam pelo ambiente da construção civil.

Uma das falas de João que mostra os tipos de relação que ele estabelece no ambiente de trabalho é a que aponta para uma experiência que teve ao trabalhar com um engenheiro. Como ele diz, “*era uma bênção!*”, pois os dois tinham liberdade para conversar sobre as questões da obra, um complementando o conhecimento do outro. A relação entre eles parecia ser amigável, sem a imposição do ponto de vista do “mais estudado”.

João diz que, apesar de em muitos casos ser o responsável pelo projeto da obra, não se incomoda em trabalhar com projetos feitos por engenheiros. Em suas falas é possível perceber que ele parece mostrar respeito por esses profissionais, ressaltando que eles possuem o “*conhecimento da faculdade*”. Mas, apesar disso, ele também reconhece seu próprio conhecimento, constituído no dia-a-dia da obra e parece entender que os conhecimentos dos engenheiros devem se juntar ao seu conhecimento, promovendo uma integração entre eles em busca da melhor maneira de execução do trabalho.

Mas nem sempre as relações se estabelecem de maneira amigável. Em alguns casos, há certo estranhamento, devido à discordância sobre o modo de se comportar na obra ou de se lidar com o trabalho diário. Uma dessas situações pôde ser percebida quando João contou sobre um cliente, que era capitão aposentado do exército. Ele contou que esse patrão costumava chegar à obra bem cedo, antes mesmo de ser iniciado o serviço diário, permanecendo lá durante todo o dia, exercendo certa vigilância sobre os funcionários, não permitindo nem mesmo que eles conversassem. Como João disse, “... *só queria produção, produção...*”, parecendo querer desumanizar o trabalho, pois nenhuma relação podia ser estabelecida; somente a sua relação de dominação perante os funcionários.

Com essa conversa pude perceber que João aprecia a liberdade no ambiente de trabalho, para poder conversar com seus colegas enquanto realiza as atividades da obra. Ao não concordar com o comportamento do empregador ele mostra seu ponto de vista, desligando-se do trabalho por causa da vigilância constante. A decisão de trabalhar ou não em determinado serviço parece estar relacionada ao fato de o empregador ser ou não uma pessoa com a qual a relação patrão/empregado flua de maneira agradável. O poder da escolha estaria nas mãos de João, pois ele tem liberdade para decidir se permanece ou não no emprego.

A relação patrão/empregado surge em vários momentos nas falas de João. Além da preocupação com o trabalho que será executado, há o interesse em manter um bom relacionamento, pois disso pode depender a sua permanência ou não no emprego, conforme já mencionado. João destaca essa relação ao contar sobre um serviço para o qual ele e seu ajudante Leandro haviam sido contratados. O serviço consistia, a princípio, na construção de uma escada, com quatro degraus e também na colocação de cimento em uma área pequena. Mas ao começar a executar o serviço, João conta que o proprietário da obra “*chegou e inventou mais um monte de coisa pra fazer*”. Nesse caso, segundo as falas de Leandro, há interesse do patrão em explorar o trabalho do pedreiro, pois no momento em que este é contratado alguns detalhes do serviço são omitidos, para que assim o preço pago possa ser menor. Além de tudo, esse autoritarismo fere o caráter projetista de João.

Por meio dessa conversa é possível perceber certa insatisfação quanto ao contrato de trabalho, que na maioria das vezes é somente verbal. Muitas vezes o que é combinado verbalmente com o empregador não é respeitado no momento da execução do serviço. Na maioria das vezes há sempre mais serviço que deve ser executado sem ter sido anteriormente combinado. Leandro chega mesmo a dizer que isso é exploração e até sugere que deva ser feito um registro escrito sobre o trabalho que será executado, como uma forma de contrato. Essa sugestão chega a ser uma ruptura com a cultura difundida na sociedade, de que a palavra tem o valor de um contrato escrito. João comenta que o empregador “*está de malandragem*”, pois no momento em que combinam determinado serviço, e também o pagamento por ele, fala somente sobre uma parte, como que para justificar o pagamento que será feito. Mas no momento em que se começa a trabalhar, outros serviços vão aparecendo, mas o pagamento combinado continua sendo o mesmo. O empregador passa a ser visto como explorador do trabalho dos pedreiros, e estes não são capazes de se recusar a executar esses outros serviços que vão surgindo, talvez por receio de não serem contratados novamente.

Outro tipo de relação entre pedreiros e clientes que foi relatada por João está relacionada ao fato de que muitos não valorizam o trabalho desses profissionais da maneira considerada por eles adequada. Em alguns casos, aqueles que contratam os pedreiros acreditam que o trabalho é de simples execução, por parecer que a força física é a maior exigência. Ao falar sobre um trabalho para o qual foi chamado, ele mostra sua insatisfação diante do comportamento da cliente. Ele foi chamado para fazer um serviço no banheiro, onde deveria quebrar uns degraus, arrumar uns azulejos e uma porta. Ao combinar o preço que cobraria por esse serviço, a cliente reclama, dizendo que ela mesma era capaz de executá-lo.

Além disso, ela pegou uma ferramenta da qual dispunha, na tentativa de mostrar a ele que poderia executar o serviço.

A relação estabelecida nessa situação mostra que algumas pessoas consideram o trabalho dos pedreiros como algo que qualquer pessoa é capaz de executar. A cliente, ao reclamar do preço cobrado e ao afirmar que ela mesma faria o serviço, parece desvalorizar o profissional que João é, pois toda a sua formação enquanto pedreiro estaria sendo desnecessária. A cliente faz parecer que o trabalho é de fácil execução, podendo ser feito por qualquer um. Outros relatos de João também mostram sua insatisfação com pessoas que acreditam entender do seu trabalho, promovendo com isso sua desvalorização. Segundo seus relatos, muitos acreditam que o trabalho do pedreiro pode ser feito rapidamente, pois parece ser de simples execução. A maneira como muitas pessoas parecem encarar o trabalho do profissional da construção civil causa em João um sentimento de tristeza, pois faz com que sua profissão seja encarada como algo simplório, que não exige nenhuma formação, bastando apenas força física.

A idéia que muitas pessoas parecem ter sobre o trabalho na construção civil foi por João experienciada quando ele foi contratado para realizar um trabalho em um condomínio. Segundo seus relatos, nesse serviço ele teve que lidar com o advogado do local, que queria interferir no seu trabalho, dizendo entender do assunto. João o considerou como um obstáculo, impedindo o bom desenvolvimento do seu trabalho, pois, na tentativa de “mostrar serviço”, dizia-se entendedor da profissão de pedreiro. Além do advogado, João conta que o síndico também se constituía como obstáculo ao seu serviço, pois também queria, a todo tempo, interferir no seu trabalho.

Essa questão aponta para as relações de poder existentes no trabalho com os diversos profissionais que transitam pela construção civil. O advogado e o síndico se constituem como barreiras ao desenvolvimento do trabalho de João e isso parece incomodá-lo, pois eles interferem, dando ordens sobre determinadas atividades que seriam de competência do pedreiro. Talvez essa intromissão seja uma maneira que esses profissionais encontraram de mostrar que detêm certa forma de poder diante do trabalhador da construção civil. Isso seria até mesmo uma questão de valores sociais, pois muitas vezes um advogado ou um síndico possuem maior valor social do que um pedreiro, pois se acredita que eles possuam mais conhecimentos.

As relações de poder que permeiam a construção civil apontam para questões amplamente difundidas na sociedade, pois muitas vezes conhecimentos de pedreiros são desqualificados diante de conhecimentos de outros profissionais simplesmente porque aqueles

não possuem nenhuma forma de certificação. Quanto a um advogado ou a um síndico, seus conhecimentos têm alguma forma de certificação. Com isso, sentem-se à vontade para desqualificar o trabalho de um pedreiro. Além disso, João aponta para a questão de que essa intromissão seria uma tentativa de “*mostrar serviço*”, ou seja, esses profissionais querem mostrar que estão trabalhando, para assim, poder justificar o salário que recebem ou para mostrar o poder que exercem sobre o pedreiro.

Todas as formas de interação que ocorrem no dia-a-dia corroboram, de alguma forma, para a constituição das pessoas naquilo que elas são. Com João não é diferente. Suas vivências enquanto pedreiro, interagindo com os diferentes tipos de pessoas e com os vários ambientes de trabalho o tornam no pedreiro que ele é, com seu modo próprio de agir, de trabalhar e de se posicionar na sua profissão.

5 – Formas de conhecimentos

Muitas são os conhecimentos que transitam pela construção civil. Estes podem ser construídos diante das mais diversas situações vivenciadas no dia-a-dia de trabalho em canteiros de obra ou em instituições formais de ensino, como escolas e faculdades. Embora muitas vezes essas formas distintas de conhecimentos sejam dicotomizadas como práticos e teóricos, essa não é a compreensão constituída nessa pesquisa. João teve poucas oportunidades de freqüentar uma instituição formal de ensino, e por isso poderia considerar-se que ele possui pouco conhecimento teórico. Por outro lado, poderia se dizer que ele é detentor de grande quantidade de conhecimentos práticos, pois várias são as situações na sua profissão que exigem que conhecimentos sejam construídos a fim de solucionar as questões que uma obra da construção civil propõe. Mas o que parece ocorrer é um emaranhamento de conhecimentos das mais diversas formas, tantos dos chamados de teóricos quanto dos chamados de práticos, pois João é capaz de teorizar sobre os conhecimentos que constituiu no seu dia-a-dia de trabalho, desmistificando assim a dicotomia apontada. Além disso, esse conhecimento construído no seu trabalho diário possui fundamentação na sua experiência profissional. Sendo assim, conhecimentos teóricos, nessa pesquisa, não seriam somente aqueles que são constituídos em instituições formais de ensino, como se fossem externos àqueles que os constroem, bastando apenas que as pessoas fossem a eles apresentadas. Conhecimentos teóricos seriam aqueles que são construídos em instituições de ensino ou no

cotidiano, por meio das experiências vividas, e sobre os quais aqueles que os construíram soubessem teorizar, fundamentando-os.

João ressalta que quase tudo numa obra é matemática, pois a todo momento é necessário medir, calcular, estimar. De fato, essas maneiras de se expressar matematicamente são características da construção civil e o modo como João lida com essa matemática mostra o domínio que ele tem sobre ela. Mas muitas outras formas de conhecimento matemático se apresentam, de certo modo, escondidas, pois nem sempre são nomeadas como matemática. Uma questão que considero relevante no que se refere ao conhecimento é a otimização que João procura sempre fazer dos espaços nos quais vai construir. Suas visões geométrica e espacial fazem com que ele demonstre grande preocupação com o que vai ser feito daquele espaço. Suas palavras trazem aspectos matemáticos, como é possível perceber quando, falando sobre a instalação elétrica da obra ele diz que *“tem que dividir, achar os pontos...”*. A divisão presente na sua fala demonstra um conhecimento matemático de distribuição, de organização. Além disso, João diz que se interessa por fazer todo o cálculo dessa distribuição, encontrando os pontos nos quais vão ficar as caixas de distribuição e que *“... põe tudo no papel (...) Ai depois faço como um mapa.”*

Muitos desses conhecimentos matemáticos de João são constituídos no dia-a-dia da obra, pois conforme ele mesmo relatou, não teve oportunidades de estudar em escolas por muito tempo. São as situações diárias que lhe proporcionam meios de construir seus conhecimentos. Como é afirmado por ele, *“tem coisas que... é só fazendo”*, ou seja, a busca pela solução das situações vividas é que proporcionam a construção do conhecimento.

João considera o conhecimento escolar importante, pois ele ressalta que quem estuda *“fica com a cabeça mais aberta”*, podendo criar mais possibilidades de execução das atividades do trabalho, buscando facilitar o serviço. É o caso dos engenheiros, que são considerados por João pessoas com capacidade de criar novos métodos de trabalho, novas técnicas, desde que tenham disponibilidade para isso. Os conhecimentos constituídos numa instituição de ensino podem promover um melhor aproveitamento dos recursos disponíveis, um melhor uso dos materiais e a criação de novos métodos de trabalho. Mas o que é importante ressaltar das falas de João é o reconhecimento que ele tem do seu próprio conhecimento, construído no dia-a-dia da obra. Apesar de considerar o conhecimento de engenheiros de grande validade, ele também valoriza seus conhecimentos de pedreiro.

Em uma conversa, enquanto João assentava azulejos na parede, ele foi questionado sobre o trabalho que estava fazendo. A questão por mim levantada foi a seguinte: será que alguém (um profissional da construção civil) com maior tempo de escolarização, tendo

concluído um curso superior, teria um método diferente ou mais prático de executar o serviço de assentar azulejos? A posição de João diante dessa situação mostra vários pontos relevantes sobre o que parece seu modo de compreender as diversas formas de conhecimento e de profissionais que circulam pelos espaços da construção civil. Falando sobre engenheiros, ele parece acreditar que o seu conhecimento construído na faculdade, que ele chama de didático, é importante, pois esses conhecimentos poderiam ser utilizados na busca de outras formas de se executar o serviço em questão. João parece acreditar que ao estudar, um profissional da construção civil poderia se tornar mais receptivo a novas possibilidades, a novas técnicas, potencializando assim a criatividade. Talvez a importância que João atribui a essa forma de conhecimento esteja associada à possibilidade que ele traz em si de promover a criatividade, pois conforme já mencionado anteriormente, ele acredita que na construção civil deve haver mudança, e que para mudar, torna-se necessário criar outros modos de trabalhar e também de se utilizar os materiais disponíveis. Os conhecimentos dos engenheiros proporcionariam a eles e a outros profissionais da construção civil meios de criar no ambiente de trabalho. Sendo assim, parece que João valida o conhecimento dos engenheiros, independentemente da sua prática profissional.

Ao comparar profissionais que ocupam uma mesma posição, como dois pedreiros, João afirma que o fator principal é a prática do profissional. Mesmo que um pedreiro tenha estudado por mais tempo que o outro, o que João acredita prevalecer é a experiência profissional. Além disso, também afirma que, por ser um trabalho manual, o profissional precisa ter habilidade. Interessante perceber que nessa conversa João mostra como a hierarquia existente na construção civil também se reflete no modo como os conhecimentos são por ele organizados. Comparando-se pedreiros com engenheiros, os conhecimentos destes prevalecem sobre os daqueles, pois ao estudar, os engenheiros têm mais capacidade de criar, de inventar novos métodos de trabalho. Há, dessa forma, a prevalência dos conhecimentos construídos numa instituição de ensino ou em algum curso oferecido a esses profissionais. Mas ao comparar pedreiros entre si, João mostra que esse tipo de conhecimento não é tão relevante, pois a prática profissional pode ser capaz de superar a falta de determinados conhecimentos teóricos, conforme compreendido nessa pesquisa. Além de hierarquizar as funções entre os diferentes profissionais, João também hierarquiza seus conhecimentos.

Esse relato parece apontar para o modo como o conhecimento é percebido por João. Apesar de considerar o conhecimento da escola e da faculdade como válido e importante, ele é capaz de perceber que seus conhecimentos vão se construindo do dia-a-dia da obra. Ele parece perceber o conhecimento como algo que está nele, que faz parte da sua constituição e

não como algo externo, ao qual ele poderia ter acesso por meio de uma instituição de ensino. Seus conhecimentos de pedreiro vão se constituindo ao mesmo tempo em que ele se constitui pedreiro.

Esse modo de compreender o conhecimento vai ao encontro das idéias já apontadas nessa pesquisa, pois a construção do conhecimento estaria associada a atividades do cotidiano. A tentativa de solucionar as situações propostas pela realidade na qual as pessoas estão inseridas promoveria a construção das diversas formas de conhecimento. O conhecimento não seria, então, algo externo àqueles que o constroem, mas sim parte do que as pessoas são. É por meio das situações vividas que o conhecimento se constitui como parte do que as pessoas são.

Os conhecimentos do pedreiro João aparecem, então, como parte daquilo que ele é, fazendo parte de sua constituição como pedreiro. O conhecimento matemático que ele apresenta parece ter sido construído diante das diversas situações vividas no trabalho, onde muitas vezes é necessário estimar, medir, calcular. Mesmo possuindo pouca formação escolar ele é capaz de lidar com a matemática presente no seu trabalho de um modo particular, que soluciona os problemas surgidos. A falta de escolarização não se apresenta como um impedimento para a execução do seu trabalho. As experiências vividas são capazes de lhe fornecer elementos que contribuem para a construção do seu conhecimento e a construção de si.

Finalizando...

Terminar uma pesquisa, finalizar seus apontamentos. Nesse momento, as questões aqui apontadas ganham novas configurações, se (re)constituindo no turbilhão de idéias que agora permeiam meus pensamentos. Novos questionamentos surgem, abrindo possibilidades para novas pesquisas, para outros caminhos nessa busca em compreender as pessoas, seus conhecimentos e seus modos de vivenciar o mundo. Meu caminhar nessa pesquisa deixou grandes marcas no meu viver e na minha prática enquanto professora. Por meio dela tive oportunidade de vivenciar um outro modo de conhecimento, não só *matemático*, que permeia o existir. João me ajudou a perceber que nossos conhecimentos nos constituem naquilo que somos, que conhecimento não é algo externo a nós, a que se pode ter simplesmente acesso freqüentando uma instituição formal de ensino.

Ao iniciar essa pesquisa muitas eram as inquietações. Incertezas diante de uma situação que se configurava como nova, que me intimava a lançar-me ao desconhecido. A busca por modos de compreender a construção do conhecimento, o modo como as pessoas lidam com essa situação e também como sua forma de vivenciar o mundo contribui nesse processo. Esses eram alguns dos caminhos a que me propusera caminhar quando iniciei essa pesquisa. Durante o tempo em que permaneci acompanhando o trabalho de João fui percebendo que, na maioria das vezes, as respostas às minhas inquietações não me seriam dadas de maneira simples e óbvia. Os caminhos iam sendo por ele apontados de maneira sutil, mas com muita firmeza nas suas concepções. Esses caminhos nem sempre iam em direção às minhas expectativas e isso, num primeiro momento, me colocou diante de uma realidade ainda mais desconhecida. Mas aos poucos pude perceber que as falas de João estavam carregadas de uma riqueza particular, que iam constituindo a pessoa a qual ele era, com suas angústias, alegrias e incertezas, ou seja, com tudo aquilo que fazem dele a pessoa e o pedreiro que ele é.

A sensibilidade que João possui ao vivenciar seu trabalho mostra o modo como ele constitui seus conhecimentos, pois enquanto esse processo se dá, ele é capaz de perceber que há uma beleza no uso que deles se faz. Além disso, ele percebe que as obras de engenharia civil, que são construídas fazendo-se uso de tantos conhecimentos, são obras humanas, sujeitas a circunstâncias que o viver humano oferece. Seu modo de lidar com os conhecimentos revelam que essa sensibilidade poderia ser um fator importante no ambiente

escolar. Educadores poderiam promover a sensibilidade⁴ de seus educandos para que eles pudessem vivenciar os conhecimentos, percebendo que eles vão se constituindo no viver humano, nas situações enfrentadas no dia-a-dia. Desse modo, o conhecimento não seria apresentado nas escolas como algo externo às pessoas, que foi criado por algumas mentes brilhantes e que deva ser transmitido a todos de maneira mecânica e absoluta.

Além disso, essa sensibilidade poderia se configurar como geradora de questionamentos dessa forma absolutizada de conhecimento que a escola tenta, de toda maneira, difundir como única verdade. Percebendo que outros modos de construção de conhecimentos são possíveis e que isso não é um “dom” atribuído a poucos, mas algo que é inerente a todos, as pessoas começariam a compreender-se capazes de se posicionarem criticamente diante daquilo que lhes é apresentado como conhecimento. Com isso, vários outros modos de conhecimento poderiam adquirir visibilidade diante das formas predominantes, promovendo assim a valorização daqueles grupos que muitas vezes não possuem reconhecimento social ou cultural do seu modo de se expressar matematicamente diante das situações que são oferecidas pela realidade vivida.

Outro momento das falas de João aponta para a questão do diálogo entre as diferentes formas de conhecimentos que circulam pela construção civil. Ele conta sobre a experiência que teve quando trabalhou com um engenheiro com quem ele tinha a possibilidade de conversar, promovendo assim a interação de seus conhecimentos, até mesmo complementando-os. Ao observarmos o ambiente escolar, é possível perceber que nem sempre esse diálogo acontece, pois muitas vezes o educador tenta impor seu modo de pensar sobre os educandos. Em relação ao conhecimento matemático essa imposição acontece de forma bastante perceptível, pois muitas vezes a produção de conhecimento que acontece nas salas de aula é ignorada por não se encaixar nos padrões determinados pelos livros didáticos. Os modos que muitos educandos têm de lidar com questões matemáticas são rejeitadas e não se permite a articulação desses conhecimentos construídos com aqueles que são apresentados pelos educadores. Não há diálogo entre os diferentes modos de conhecimento e muitas vezes a postura adotada pelos professores é de indiferença diante daquilo que seus alunos construíram.

Apesar de ter freqüentado por pouco tempo um ambiente escolar, o modo como João lida com a questão do conhecimento pode apontar para uma maneira de compreender o

⁴ A sensibilidade, ou o tornar-se sensível a, caracteriza o cuidado que, por exemplo, um aluno deveria ter com a escola, com a ciência, com o conhecimento, percebendo que ele é parte fundamental do processo de ser-aluno. Quanto aos professores, essa sensibilidade vai em direção à compreensão dos alunos enquanto construtores de seus próprios conhecimentos e não como meros reprodutores de um conhecimento pronto, imposto a todos.

processo educacional como sendo dinâmico, onde os conhecimentos vão se constituindo no caminhar, diante das situações que nele surgem. Seu modo de lidar com os diversos profissionais da construção civil aponta para a compreensão do conhecimento como troca, como diálogo, sem a imposição “do mais estudado”.

Em suas falas, João aponta o conhecer como um desencadeador da criatividade humana. Segundo ele, *quem estuda fica com a cabeça mais aberta*, podendo assim criar novos modos de lidar com as situações que vivencia. O conhecimento pode proporcionar àqueles que o constroem um novo modo de se posicionar no mundo, buscando novas alternativas. Mas nas escolas nem sempre isso acontece. Muitas vezes o potencial criativo dos alunos é tolhido, pois ao se depararem com uma situação nova, que necessita de uma solução, os modos que eles criam para lidar com ela é rejeitado, pois têm que seguir o caminho que lhes foi apresentado pelos professores. Acredito que a escola deveria se constituir como um espaço que fosse capaz de proporcionar a construção pelos alunos de um conhecimento criativo, tornando-os pessoas mais capazes de lidar com a grande diversidade de situações do cotidiano.

Mudança também é um ponto importante no trabalho e na vida de João. Como ele mesmo diz, “tem que mudar”. E essa mudança aponta para novos modos de compreender o existir humano. Quantas são as situações em que a mudança incomoda, trazendo receios e até mesmo impedindo o agir. Além disso, muitas vezes quando deparamos com o novo nossa primeira reação é tentar encontrar nele algo de conhecido, de familiar, para não nos sentirmos tão desamparados. Mas parece que João não possui esse medo. Ele busca sempre mudar seu modo de trabalho, aprimorando algumas técnicas já conhecidas e até mesmo inventando outras. E no seu viver, o mudar também é característica. Por várias vezes ele mudou de profissão, até decidir definitivamente que queria mesmo ser pedreiro.

Já nas escolas, mudanças poucas vezes são bem vindas. Muitos profissionais da educação têm medo da mudança, pois não se arriscam em novos caminhos, em novos modos de se constituírem educadores. A educação escolar, não somente ao que se refere ao conhecimento matemático, fica restrita a mera transmissão de técnicas muitas vezes ultrapassadas e que não possuem sentido nenhum para os alunos. E não só os modos de promover a construção de conhecimentos pelos alunos resistem a mudanças. Os professores, muitas vezes, também não demonstram interesse por se constituírem profissionais mais capazes de lidar com as diferenças presentes nas salas de aula. Diferenças de modos de compreender, de modos de lidar com as diversas formas de conhecimento que ali circulam.

As maneiras que os alunos encontram de solucionar os problemas propostos pelos professores podem mostrar que outros caminhos são possíveis, que mudanças seriam bem vindas.

Diante de tudo que foi apontado, termino essa pesquisa com alguns caminhos mais definidos e fortalecidos e outros tantos carecendo de maior compreensão. O modo como compreendo a construção do conhecimento ganhou novos olhares, pois fui percebendo cada vez mais que as situações vividas é que nos constituem naquilo que somos e com isso nossos conhecimentos vão ganhando, a todo tempo, novos matizes, num processo constante de transformação. Além disso, comecei a vislumbrar o conhecer como um gerador de mudanças, pois por meio dele é possível criar novos modos de compreender a realidade na qual nos inserimos e também de interagir com ela, buscando sempre a nossa realização enquanto pessoas repletas de sonhos e vontades.

Meu retornar às salas de aula adquire novas perspectivas. Creio que não mais poderei ser a professora que fui até então, pois agora começo a compreender o desconhecido espaço da sala de aula como um vasto campo de possibilidades, onde os mais diversos sentimentos se misturam, proporcionando assim a construção das mais variadas formas de conhecimentos, que se mesclam, se fundem e se complementam. Minha prática profissional não poderá ser mais a mesma. O modo como compreendo meus alunos enquanto construtores de seu próprio conhecimento deve surgir como elemento principal no diálogo nas salas de aula pelas quais passar. Compreender o conhecimento se constituindo na interação diária que se configura nas vivências torna possível experimentar a sala de aula como um ambiente de troca contínua entre os diferentes modos de se posicionar no mundo e de interagir com ele.

Perceber que as pessoas carregam em si suas histórias, suas vivências e que esses fatores vêm com elas para o ambiente escolar me torna uma educadora mais sensível aos modos como as pessoas constituem seus conhecimentos e também como se constituem no mundo. A sensibilidade surge, então, como característica importante do meu trabalho enquanto educadora, para que assim possa perceber nos meus educandos inúmeras possibilidades. E essa sensibilidade torna-me mais crítica diante de qualquer tentativa de absolutização de alguma forma de conhecimento, seja matemático ou não, pois ela faz de mim uma pessoa capaz de perceber que o conhecer acontece a todo momento, enquanto nos constituímos naquilo que somos.

Sendo assim, termino essa pesquisa com a esperança de que novos olhares possam surgir em direção ao modo de compreender a construção do conhecimento nas mais diversas situações e nos mais variados contextos. No que se refere ao ambiente escolar, espero que cada vez mais educadores tornem-se sensíveis àquilo que seus educandos são, à sua

constituição enquanto pessoas carregadas de sentimentos e vontades, repletos de possibilidades e capazes de construir as mais variadas formas de conhecimento, sem necessidade de imposição de nenhuma delas, mas sim um constante dialogar.

Além disso, espero que os apontamentos apresentados nessa pesquisa possam indicar alguma possibilidade de novas perspectivas para o fenômeno educacional, para a sua compreensão como um todo complexo, pelo qual transitam as mais diversas formas de pessoas, sentimentos, concepções de vida e de mundo, num emaranhado do qual não é possível se desvencilhar, só se enovelar.

Essa pesquisa se desenrolou de modo diverso do esperado no seu início. Ao começar os primeiros estudos que me levaram às suas questões norteadoras, ainda estavam um tanto arraigados em mim modos de compreender o conhecimento matemático conforme era apresentado no cotidiano escolar: uma grande quantidade de técnicas e procedimentos muitas vezes pouco interessantes para a maioria dos alunos. Embora já despontassem em mim algumas críticas sobre esse modo de compreender o conhecimento matemático, ainda me sentia, de certo modo, presa a ele. Talvez por isso, a parte inicial dessa pesquisa apresente alguns pontos que remetam a esse modo de compreensão do conhecimento. Minhas expectativas enquanto pesquisadora também refletiam, de alguma forma, meu posicionamento diante das questões do conhecimento, pois pretendia encontrar situações num canteiro de obras que pudessem, de certo modo, mostrar aspectos da matemática acadêmica. Esperava que os pedreiros me mostrassem a matemática, ou aquilo que eu chamava de matemática, nas suas situações vividas no trabalho diário. Apesar de ir a campo tentando me desvencilhar ao máximo do modo de conhecimento matemático no qual me formei, vislumbrando outras possibilidades de sua constituição, havia algo nas minhas expectativas que me traía, pois eu esperava encontrar situações nas quais o conhecimento matemático se constituísse, mas um conhecimento pautado pelos meus modos de compreensão.

Ao iniciar a vivência da pesquisa de campo, senti-me um tanto perdida no início, pois minhas expectativas de pesquisadora foram, na sua maioria, frustradas. Não percebi, a princípio, nenhuma situação vivida no cotidiano da obra que expressasse aquela forma de conhecimento matemático que eu esperava ali encontrar, a matemática na qual me constituí. As situações vivenciadas na obra que estava acompanhando seguiam caminhos diversos daqueles que eu esperava encontrar. Não conseguia vislumbrar formas de conhecimento matemático acontecendo. Diante disso, mesmo diante de tantos medos, decidi mergulhar naquela vivência, sem colocar meu foco nas questões matemáticas, mas sim no viver humano.

Ao assumir esse novo posicionamento, minhas interrogações deixaram de se restringir somente às questões de construção do conhecimento matemático, mas se expandiram para questões da constituição da pessoa enquanto construtora de seus conhecimentos. Passei, então, a perceber que João, o pedreiro, constituía seus conhecimentos ao mesmo tempo em se constituía na pessoa que é. Ao falar de si, de suas tantas histórias vividas, ele estava falando de seus conhecimentos. Essa percepção me fez ver que não haveria modo de compreender somente como o conhecimento matemático se constitui nas situações vividas no canteiro de obras sem buscar compreender a pessoa que o constituiu.

Esse movimento no desenrolar da pesquisa se refletiu no texto final que dela se originou. Se, num primeiro momento, a intenção era simplesmente compreender como o conhecimento era constituído num ambiente de trabalho, após a vivência da pesquisa de campo os questionamentos se tornaram mais amplos. Percebendo que as pessoas constituem seus conhecimentos ao mesmo tempo em que se constituem naquilo que são, não há meios de procurar entender a forma como o conhecimento acontece sem compreender as pessoas como um todo complexo, sendo impregnados da realidade que vivenciam, nos seus aspectos sociais, culturais, históricos entre tantos outros. Se, os primeiros momentos da pesquisa de campo trouxeram, de algum modo, frustrações, hoje percebo que elas foram as grandes responsáveis pela mudança no modo de compreender a questão do conhecimento. Talvez se eu tivesse encontrado na pesquisa de campo aquilo que procurava, não teria sido possível vislumbrar esse aspecto da constituição do conhecimento enquanto constituição da pessoa, que, acredito eu, pode trazer grandes contribuições para minha vivência enquanto educadora.

Referências

ANASTÁCIO, Maria Queiroga Amoroso. **Três ensaios numa articulação sobre a racionalidade, o corpo e a educação na Matemática**. Campinas, 1999, Tese (doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Unicamp, p. 11 – 59.

CARRAHER, Terezinha. CARRAHER, David & SCHLIEMANN, Analúcia. **Na vida dez, na escola zero**. São Paulo: Cortez, 1988.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer**. 11ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

CHÂTELET, François. **Uma História da Razão: Entrevistas com Émile Noël**. Tradução de Lucy Magalhães, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997 [original 1992].

CLARETO, Sônia Maria. **Etnomatemática, crises do conhecimento e educação matemática**. Anais do III EMEM – Encontro Mineiro de Educação Matemática, Belo Horizonte: 2003.

COSTA, Wanderleya Nara Gonçalves. **Os Ceramistas do Vale do Jequitinhonha: Uma Investigação Etnomatemática**. Campinas, 1998, Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Unicamp.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática**. São Paulo: Ática, 1990.

_____. A História da Matemática: questões historiográficas e políticas e reflexos na Educação Matemática. In: **Pesquisa em Educação Matemática: Concepções e Perspectivas**. Maria Aparecida V. Bicudo (org.). São Paulo: Editora UNESP, 1999.

_____. Etnomatemática e Educação. In: **Etnomatemática, Currículo e Formação de Professores**. Gelsa Knijnik, Fernanda Wanderer e Cláudio José de Oliveira. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

_____. **Etnomatemática – Elo entre as tradições e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DESCARTES, Renne. **Discurso do Método**. Tradução de Eurico Corvisieri. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999 [original 1637]. (Os Pensadores).

DUARTE, Claudia Glavam. **Etnomatemática, currículo e práticas sociais do “mundo da construção civil”** – In: Educação Unisinos, Vol. 5, nº 9, Porto Alegre, 2004, p. 195 – 215.

_____. Implicações Curriculares a Partir de um Olhar Sobre o “Mundo da Construção Civil”. In: **Etnomatemática, Currículo e Formação de Professores**. Gelsa Knijnik, Fernanda Wanderer e Cláudio José de Oliveira. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

KNIJNIK, Gelsa. – **Itinerários da Etnomatemática: Questões e Desafios Sobre o Cultural, Social e Político na Educação Matemática** – In Educação Matemática em Revista, nº 36, Belo Horizonte, 2002, p. 161 – 177.

_____. KNIJNIK, Gelsa. **Exclusão e Resistência: educação matemática e legitimidade cultural**, Tese de Doutorado, Porto Alegre, RS, Ed. Artes Médicas, 1996. p.18-48.

JUNIOR, Oswaldo Giacoia. **Nietzsche**. São Paulo, 2008, Publifolha. (Coleção Folha Explica).

LARROSA, Jorge. **Nietzsche & a Educação**. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. – 2ª ed., 1ª reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984 (Os Pensadores), p. 17 – 34.

MONTEIRO, Roberto Alves (org.). **Fazendo e Aprendendo Pesquisa Qualitativa em Educação**. Juiz de Fora: Feme, 1998, p. 7 – 22.

NIETZSCHE, Friedrich. Crepúsculo dos Ídolos (ou como filosofar com o martelo). Tradução de Marco Antonio Casa Nova. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000 [original 1888], p. 31 – 33; 41 – 50.

PORTAL PAULINAS. **Dia do Pedreiro**. Disponível em <<http://www.paulinas.org.br/diafeliz/dataCom.aspx?Dia=13&Mes=12&DataComID=472>> Acesso em 12/12/2006.

VÍCTORA, Ceres G., KNAUTH, Daniela R., HASSEN, Maira N. A. **Pesquisa Qualitativa em Saúde** – Uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

WALKERDINE, Valerie. Diferença, Cognição e Educação Matemática. In: **Etnomatemática, Currículo e Formação de Professores**. Gelsa Knijnik, Fernanda Wanderer e Cláudio José de Oliveira. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

Anexos

As transcrições das conversas gravadas nas várias visitas feitas às obras nas quais João trabalhou durante o período de realização da pesquisa são apresentadas abaixo. Em vários momentos, devido à grande quantidade de barulhos que fazem parte do dia-a-dia de uma obra, não é possível compreender integralmente o que foi dito. Mas isso não se constituiu como impedimento para a compreensão das conversas como um todo. Na maioria das vezes, para representar os termos incompreendidos é usado o sinal [...].

As transcrições dos dias 28/03/2007 e 30/03/2007 se referem à primeira obra que visitei, que consistia na construção do segundo andar na casa de D. Nenê. Já as transcrições dos dias 15/05/2007, 17/05/2007 e 18/05/2007 se referem à reforma da cozinha de D. Nice.

As falas precedidas pela letra M são minhas. Já aquelas introduzidas pela letra J são de João. Em alguns momentos seus ajudantes também fazem parte das conversas. Entre eles, temos as falas de Caio, precedidas pela letra C, as de Mário, precedidas por Ma e as de Leandro, precedidas por L.

Transcrição 1 – dia 28/03/07

Durante toda essa gravação tem música no fundo, mas não é música da obra, mas sim da vizinhança. Também há muitos latidos de cachorro, quase que todo o tempo.

J: Isso aqui dá um trabalhinho bom. Desmontar o andaime, puxar ele pra cá, aí dá um certo trabalhinho.

M: Você tem que ficar levando ele pra cada parede também, né. Não tem como você fazer ele e ir carregando também, né?

J: Só no meio aí que eu vou fazer cavalete. Nas paredes laterais tem que ser assim. Esse aqui pega o comprimento todinho.

(Pausa na conversa)

M: A parte elétrica vai abrindo depois, pra fazer?

J: Tem que dividir, né, achar os pontos, da forma que dê menos volta possível.

M: Ahã.

J: Vai sair rápido trabalhar com conduíte, aí vai achando os pontos, as caixinhas pra fazer a distribuição, aí vai cortando, cortando os tijolos, né.

M: Ahã.

J: Hidráulica e elétrica...

M: É, tem a parte hidráulica também...

J: Amanhã eu vou terminar essa janela aqui, fazer duas colunas aqui.

M: Ahã...

J: Aqui também vai uma janela.

(Pausa na conversa)

M: Aqui é banheiro, aqui é a cozinha? [me referindo aos lugares na casa]

J: É. Ali, naquele espaço que sobrou ali, dá pra ela colocar um tanquinho. Aí ele joga a água lá em baixo. Aí, depois, no futuro, quando eles tiverem a cobertura em cima, aí se quiser abrir desse lado aí, aí faz uma escada por fora aí, pra ir na cobertura. Ou faz uma escada por fora lá. Aí tem opção, né.

M: Legal...

J: Aquela casa lá em baixo, que tem aquele telhado novo ali, do lado de cá, onde tá aquelas roupas penduradas...

M: Ah, sei.

J: Ali já... Ali é uma casa que ficou enorme, não conseguiram acabar, faz anos já, e ficou uma casa assim que você tem que passar todinho dentro da casa pra ir na casa de cima.

M: Ahã...

J: Você entra pela sala ali, tem que atravessar a casa todinha, ir até a cozinha...

M: Tem que ir lá no fundo...

J – Pra chegar lá em cima.

M: Isso aí é má elaboração, né?

J: Aí a filha dela casou agora a dois meses, ela queria que morasse ali, mas não tem como.

M: É, que vai ter que ficar dentro da casa dos outros... E essas coisas que começa e não termina vai estragando, vai deteriorando...

[Nesse momento chega o ajudante com café, perguntando se aceito. Agradeço, dizendo que não quero. João me diz que café é seu combustível.]

J: Outro detalhe também, você fica muito tempo olhando pra parede, vermelha. Quando a gente olha pro lado assim, tá tudo embaçado. A gente fica até zozinho.

M: [risos] Só fica vendo tijolo, tijolo...

(Pausa na conversa)

M: É bom que nessa hora pelo menos o sol vira um pouquinho...

J: No inverno também não é brincadeira não...

M: É, né...

J: Pra mim, que trabalho no tempo, inverno é um problema sério.

M: Ahã...

J: Corta tudo a gente...

M: E a chuva então eu acho que é o pior de todos...

J: Eu trabalhei no Granbery ali, que sofrimento... lá na última rua lá em cima... Um frio, mais frio mesmo... Num silêncio... Aquele lugar ali, muito deserto... Um dia parecia que era dois... Fica tudo muito parado...

M: Imagino...

[Os ajudantes perguntam a João até que horas ele vai ficar. Ele responde que já está quase parando. Isso deve ter acontecido por volta das quatro e pouco da tarde.]

J: Sexta-feira passada, eu precisava parar às quatro horas. Tinha que ir lá pra Zona Norte. Deu um problema no concreto ali...

M: Huuummm...

J: Saí daqui quase seis...

M: Nossa... É o que você falou... É imprevisível mesmo...

(Pausa na conversa)

M: Você deixa o vão pra fazer a janela e como que continua?

J: Hum?

M: Quando você deixa um vão assim, pra fazer a janela, aí você põe uma tábua, põe alguma coisa?

J: Ponho uma tábua ou uma viga.

M: Hum...

J: Tem algumas [vigas] prontas no chão ali. Mas agora esse vão aqui, por exemplo, ele é pequeno, uns trinta centímetros. Uma tábua resolve. Depois tira a tábua. Vão muito grande que tem que pôr viga.

M: Isso também é uma coisa chatinha, né, porque você tem que dar o desconto... Se você coloca a tábua de depois vai tirar, a grossura da tábua também dá diferença...

J: É...

M: Na hora de encaixar, né.

[O ajudante vem dar massa para João]

J : Não quero massa não.

C: Não quer não? Mas você falou que queria...

J [falando comigo]: O Caio brinca muito...

M: É engraçado ver esses meninos em outra situação. Na sala de aula conversam, brincam, parecem crianças. Mas aqui é outra coisa...

(Pausa na conversa)

[Ao encerrar o trabalho, João combina com os ajudantes sobre o próximo dia. Também se preocupa em deixar a obra limpa e arrumada. Ele diz aos ajudantes que devem recolher a massa que sobrou, os tijolos e também a sujeira. Fico somente observando como termina o dia de trabalho na obra. Percebo que João não participa muito dessa arrumação, mas somente determina o que os ajudantes devem fazer.]

Transcrição 2 – dia 30/03/07

No momento em que cheguei à obra, João começou a me falar sobre questões de material e de trabalho. Por isso não foi possível gravar o início da conversa. A gravação se inicia no trecho a seguir.

J: Tava fazendo o muro da casa dele,

M: Hã...

J: Por causa da umidade, né. Aí, isola...

M: Essa coisa de material é complicada, porque você tem que... é o que você falou, tem que fazer o máximo possível, dependendo do cliente, com o mínimo de recurso, né.

J: Ahã... [...] tem problema, né. O negócio do pneu, né.

M: Ahã...

J: Tem... tem uma cidade aí [...] que tem uma oficina, não sei como é que chama, não sei a palavra certa, e lá eles tem a raspagem do pneu...

M: Hã...

J: Tem o maquinário, eles pegam o pneu por causa daquele pó tudo,

M: Hã...

J: Mas aí, falou que não tá tendo quem,... quem consuma, né. É muito difícil moer um pneu...

M: É.

J: Porque eles não têm tendo quem, quem procura. Eles fizeram um teste aí pra colocar no asfalto, né...

M: Ah! Isso eu já ouvi falar mesmo...

J: Mas, não sei, parece que a pessoa não interessa, né.

M: E ia ser bom, porque além de tudo ainda ia achar uma utilidade pra esse monte de pneu que fica aí...

J: Em compensação também o asfalto feito com esse pó de pneu mesmo, ... o que ia acontecer? É... até o desgaste do pneu... [fala isso com um leve riso, dando a entender que sendo o desgaste menor, os pneus durariam mais e seria um prejuízo para aqueles que os fabricam]

M: [um leve riso também]

J: Entendeu? Por causa do atrito ali...

M: Ahã...

J: Eu pensei, falei ah,

M: Ah, tudo, tudo tem um, né? Tem um interesse por trás, né?

J: Vamo mexer com isso não, porque...

M: Vai desgastar muito pouco o pneu, vai ter muito lucro, pouco lucro...

M: Faz lá uns 5 quilômetros com esse pó de pneu,

J: [riso]

M: Só pra dizer que usou...

(Pausa na conversa)

J e M: [risos por causa das conversas entre os ajudantes]

M: João, que horas que você volta do almoço?

J: Olha, eu paro meio-dia, meio-dia e dez, e volto uma hora...

M: É que eu tava pensando em ficar direto da escola. Eu ficava na escola, eu almoçava lá... porque eu vou em casa, depois eu volto, aí dá até uma certa preguiça de voltar [um tom de riso]...

J: Tá de carro, de ônibus?

M: De ônibus. Ainda gasta, ainda.

J: Pior que gastar é a espera no ponto...

M: É. Nossa, é horrível. Que aí eu fico na escola e ainda aproveito, sempre tem alguma coisa pra fazer mesmo na escola... aí depois eu venho da escola pra cá. Aí eu fico aqui um pouco, e depois eu desço.

(Pausa na conversa)

J: Isso que é bom [se referindo às conversas dos vizinhos com ele, com os ajudantes. Pude perceber que João gosta desse contato com a comunidade na qual trabalha]

M: Já pega as conversas,

Enquanto conversávamos, João estava construindo uma parede, na qual várias paredes se juntavam como se fosse um T. João disse que nesse lugar eram necessários 7 pontos nos quais utilizava o prumo.

J: Aqui, só desse lado aqui, são 7, são 7 pontos pra fazer o prumo.

M: Hum...

J: São 7 pontos, e todos tem que, tem que pôr o prumo. Aqui já vai de novo [após assentar um tijolo, usa o prumo. Colocando mais um tijolo tem que usar o prumo novamente.]

J: Esse é um dos instrumentos mais antigos, desde a época do Egito já existia isso. [falando sobre o prumo]

[João, enquanto fazia a parede descrita acima, utilizando o prumo e a colher, começa, espontaneamente a falar sobre a maçonaria.]

J: A maçonaria, usa o prumo, a colher, o esquadro, o compasso.

M: Ah, eu já vi, tem uma loja maçônica lá na Espírito Santo, que tem um compasso e o esquadro é de ponta cabeça, assim.

J: Aquilo ali tem um significado. Aquilo tem um significado. É uma coisa muito séria. É muito séria.

M: A gente escuta o pessoal falar cada coisa, né?

J: Tava no Rio de Janeiro, aí, pra você ver como Deus trabalha, coloca um italiano de 27 anos no meu caminho. Aí, conversa vai, conversa vem, devagarzinho ele foi se abrindo as coisas comigo, aí, me perguntou porque o símbolo da nossa bandeira, “Mas por que é um triângulo?” A gente foi conversando e eu comecei a, eu peguei e comecei a entrar no evangelho com ele. Entrei no evangelho com ele, a gente foi conversando, ele levantou a calça e mostrou uma tatuagem chinesa no pé. Aí foi falar sobre a tatuagem. Aí lá vai ele, tal, daqui a pouco, aí fui conversando com ele, ele fez um desenho no chão. Fez o desenho no chão de uma mandala. Uma mandala. Aí eu falei: “Me fala sobre ela.” Aí ele começou a abrir tudo. [riso]. Da mandala, foi falando sobre [...] da mandala e partiu pra maçonaria. Aí ele insistiu de novo na bandeira de Minas Gerais. Porque Ouro Preto é a capital, né? É a capital Aleijadinho, Tiradentes, era tudo maçônico. Então eles pra dominar a área, e através do desenho deles, pintura sacra que fala, né, aí foram colocando as coisas, os símbolos.

M: Ah... Eles iam introduzindo os símbolos... Olha, que interessante...

J: São muito inteligentes.

M: É.

[Esse trecho teve algumas partes que não foi possível entender, porque enquanto conversávamos, passou na rua um carro de som vendendo sorvetes, tocando a música que é tema do Sítio do Pica-Pau Amarelo.]

[Voltando à parede em que estava trabalhando]

J: Aqui são três pontos.

J: Ô Ma [ajudante], hoje é sexta-feira, rapaz, faz uma graça aí!

Ma: Hã?

J: Hoje é sexta-feira, faz uma graça aí!

Ma: [canta alguma coisa que não dá pra entender porque o carro do sorvete ainda está passando]

J: Você nunca levou uma maçã pro professor, aí ó...

M: É mesmo...[riso]

J: Olha a oportunidade...

Ma: Essa época já passou

M: [dá uma risada] Até parece, mas professor gosta em qualquer época, não tem problema não...

J: [riso] Já passou?

M: Até parece, ué... Não é só criança que gosta de ganhar presente. Adulto também gosta, ué...

J: Os adultos são mais criança ainda.

M: Então. [risos]

J: Todo mundo, na hora que tá chegando o aniversário fica bobo, né?

M: É, é sim... [riso]

(Pausa na conversa)

M: Que solzinho. [Como a construção é sobre uma outra casa, um segundo andar, há uma grande incidência de sol. Esse dia era um dia de muito calor, o sol estava muito intenso, sem nenhuma nuvem no céu.]

[João conversa com o ajudante Caio combinando alguma coisa para o outro dia, um sábado]

M: [continua “reclamando” do calor] A gente vai fazendo uma sauna aqui já. Beleza, já vai ficando tudo magrinho...

C: É. [riso] Tá muito calor, meu Deus...

M: Nossa, tá demais, né?

(Pausa na conversa)

J: Caio, o sítio do pica-pau amarelo, quando eu estudava, fizeram um teatro lá no colégio, era mês do Monteiro Lobato, né, era Literatura, né. Fizeram um teatro, aí eu peguei, você ouviu a expressão dele ali? Mundo Paralelo. [João se referia ao carro de som que passava pela rua vendendo sorvete e no qual tocava a música tema do sítio]

[Essa idéia foi interrompida por uma situação da obra, na qual João teve que pedir a Caio para que pegasse uma madeira pra colocar num espaço onde seria uma porta, já que a viga de concreto ainda não havia secado. Pareceu-me que iriam surgir comentários interessantes, mas como houve a interrupção, não foi possível retomar o tema, porque a conversa seguiu em outra direção.]

[João conversa com Caio sobre questões da obra. Alguém canta no fundo]

(Pausa na conversa)

M: Engraçado, a gente não vê mais muita coisa com aquele outro tijolo, aquele, que não é desse tipo furado, aquele tijolo mais fininho assim. [mostra com gesto]

J: Daquele ali? [mostra numa casa que tem uma varanda com esse tipo de tijolo]

M: Não vê muita coisa com aquilo mais.

J: Olha, aqui em Chácara, Rio Pomba, mais aqui pro norte, né,

M; Hã...

J: Ainda tem usado desse. Na cidade de Ubá. Agora aqui no centro da cidade tem loja que trabalha com ele, mas já mais pra acabamento...

M: É muito difícil...

J: Pra decoração, tá vendo aquela casa lá embaixo? Dá uma olhada da varanda lá embaixo, olha pra sua direita ali, tem uma coluna feita com ele.

M: Ah, é!

J: Então, eles tão usando ele mais pra acabamento.

M: É... eu morava num apartamento que a cozinha era assim. Era horrível, porque era escuro pra caramba [riso]... Era a cozinha toda assim. Mas pra construir, levantar parede, não vê muito não...

J: É Chácara, Rio Pomba...[fala alguma coisa com o ajudante Caio] Chácara, Rio Pomba, essas cidades aí, lá ainda tem pessoas que fabrica, né, num pararam de fabricar. Aí, vendem barato, vendem num preço acessível, aí tem pessoas pra comprar, por causa do preço.

M: Ele é mais caro que o desse tipo [mostrando o furado que é usado na obra]?

J: Aqui na cidade é. Mas no interior assim é mais barato. Mas é muito trabalho, né?

M: Ah, esse aqui rende muito mais, né?

J: Agora, a vantagem, a vantagem dele, assim, o pessoal do interior aí, que trabalha com ele, fazem casa de um ou dois andares, é porque aquela terra, tabatinga que fala né? Aquele barro que dá no brejo, né, aquele barro ali, se chega e amassa ele... faz com terra mesmo... porque ele segura bem, economiza cimento, né.

M: Ahã... é porque... na minha cidade eu só vejo desse... mas aqui não. Aqui sempre quando você vê construção é com esse tijolo furado... Lá tudo é com o outro. É muito difícil você ver desse tipo.

J: Tem que ter uma mão boa pra trabalhar com ele. Uma mão muito boa... com esse aqui já é ruim...[riso]

M: Aquele lá eu fico pensando que deve demorar demais pra fazer as coisas... porque um tijolinho dever ter o que? Uns 10, 15 centímetros, no máximo.

J: Um pedreiro... Um pedreiro que trabalhar 5 horas assentando aquele tijolo, quando chegar e pegar esse aqui, [riso] rapidinho faz...

M: É mesmo [riso]. Esse aqui vai bem rápido. Agora questão de resistência. Qual que é melhor?

J: O outro.

M: Porque esse furadinho dele dá um...

J: Ah, o outro. Parede feita com ele, poxa...

M: Não cai, não [riso]... Mas esse aqui talvez seja melhor assim na flexibilidade, ele é mais flexível, né.

J: É

M: Pra uma coisa alta, assim...

J: Uma coisa... uma coisa que dá muito na construção civil... é que cada andar é um piso, né.

M: Ahã...

J: Aquele piso tem acomodação no terreno. Acomodação no terreno tem a própria química da massa, do material, que forma dilatação,

M: Ahã...

J: Que ajuda. Tem construções aí que agora eles tão usando umas barras de ferro aqui, lisa, aí, invés de fazer a obra inteira, eles dividem ela em blocos, só que é uma construção só.

M: Ahã...

J: Que divide ela em blocos. Isola, e vai colocando essas barras no meio do concreto aí une o concreto. Só que um concreto não cola no outro. Colar ele cola, pros nossos olhos tá colado...

M: Ahã, mas tem a dilataçãozinha.

J: Aí eles usam essa barra lisa, que qualquer movimento da obra, ela vai.

M: Porque acontece de obra ter problema por conta dessas coisinhas de dilatação, né, de não dar esse desconto...

(Pausa na conversa)

C: Nenhuma nuvem no céu hoje...

M: É, hoje tá triste...

[João conversa com Caio, sobre uma possível ida à comunidade]

[Conversas sobre o tempo]

[Celular de João toca, os ajudantes fazem uma graça, como se fosse alguém que o tivesse vigiando (uma namorada ou esposa ou algo do tipo). Os ajudantes dizem: Ih, já tá marcando território]

J: Trabalhei com um camarada, ele era capitão... do exercito... aposentado, né, no norte de minas. Aí ele acostumou muito é... a dar ordem, né, por causa do exército. Aí ele comprava lote aqui, construía e vendia a casa, né.

M: Hã...

J: Terminava as casas, ia embora pra Califórnia. Aí, ele, era piloto lá em Brasília, ele. Não sei se de tanto ele trabalhar nisso, aí ele começou a fazer a casa lá, chamou um pessoal pra trabalhar, e ele ficava o dia todo na obra. Vinte pras sete eu já tava lá.

[Nesse momento, a linha do prumo enroscou num pedaço de tijolo. J chamou o ajudante que estava do outro lado pra desenroscar, mas me prontifiquei pra soltar a linha, já que isso aconteceu bem próximo de onde eu estava.]

J: Aí, chegava vinte pras sete na obra, só queria produção, produção, ficava andando dentro da obra, de um lado pro outro. A gente não podia conversar não,

M: Ah, credo...

J: Você vê, quando a gente tá trabalhando a gente tá conversando, tá trabalhando e conversando. Aí, chegava na porta e hã-hã [pigarreava].

M; Nossa, que horror...

J: “Faz favor, vamo dá uma olhadinha num negocio ali” [João dizendo como o capitão falava após pigarrear].

M; Que chatice...

J: Aí, fechei a semana, falei ó “tchau”.

M: Aí não dá gosto. Você tem que trabalhar num lugar também que você tenha um pouco de alegria, né.

J: Saí fora. Quando foi esses dias, eu nessa obra aqui, ele ligou pra mim. Fui lá, falei: “Tô ocupado”.

[Caio comenta com João sobre determinada pessoa que o estava procurando pra fazer determinado serviço. Pelo que me pareceu é uma pessoa com a qual J não teria muito gosto em trabalhar.]

C: Ela perguntou se já tinha acabado lá [se referindo a essa obra]. Aí eu falei: “Th, ainda tem serviço pra caramba...”

J: Ela quer que eu vá fazer o banheiro dela. [começa falar se dirigindo a mim] Ela colocou um pedreiro lá pra fazer um banheiro pra ela, ela tem dois banheiros, o cara acabou com os azulejos, acabou com tudo.

M: Nossa!

J: Aquele azulejo decorado, né, em cada parede no canto dele, né. Acabou com tudo. Ela quer que eu vou, mas é o que eu falei, é uma pessoa difícil de lidar.

M: Ahã...

J: Aí eu desanimo... desanimo mesmo.

M: Ah, não, mas é muito ruim,

J: Tem hora que eu fico à toa em casa, mas não tenho ânimo pra trabalhar. Ontem aqui foi a maior luta aqui. O pessoal daquela casa lá embaixo, lá...

M: Hã...

J: Subiram lá e ficaram lá todo o tempo que eu tô trabalhando eles tão de olho em mim aqui.

M. Hã...

J: E aponta dedo, e cochicha...

M: Ih... credo...

J: Aqui em Juiz de Fora tem disso.

M: Que chatice... mas sempre tem. Um pra perguntar se quer ajuda você não acha não... mas pra amolar, pra criticar você acha... muita gente.

J: Aqui, ó, vou colocar essa madeira aqui, tá vendo? Pra não perder o trabalho. Porque a viga tá tudo fresca. [J se refere a uma porta, onde ele tem que continuar subindo a parede depois de deixar o vão da porta. Ele me disse, em outra conversa, que quando o vão é pequeno, como no caso do basculante que ele estava fazendo nessa outra ocasião, que poderia colocar uma madeira, mas que em lugares maiores, ele colocava a viga. Embora na situação da porta fosse necessária uma viga, não era possível colocá-la porque ainda estava fresca, o concreto ainda não tinha secado]. Segunda feira eu tiro a madeira, tirando não cai não, tiro a madeira e coloco a viga.

M: Aí põe a viga...

J: Construção você tem que [...]

M: Nossa, e assim, eu fico vendo e não imaginava que era essas coisas assim. Nunca parei pra pensar na porta assim. Eu sei que... imaginava que era difícil de fazer porque como é que você faz aquele recorte e não despenca, tudo né?

J: Mas aqui em JF tá muito difícil trabalhar, é o que eu falei, a ansiedade das pessoas...

M: Hã...

J: [...] aí o cara corre, corre, e faz um monte de coisa errada...

M: É...

J: Aí pra frente só vai dando problema...

M: E ter que desmanchar o que tá pronto é muito pior...

J: Lá no Granbery o cara vem, colocou...[quebra um tijolo] colocou o gesso, esqueceu de passar a fiação.

M: Hummmm...

J: [leve riso]

M: Nossa...

J: Logo no hall de entrada, na escada, né...

M: Ahã...

J: Escada quanto mais você desce, mais alto vai ficando o teto.

M: Ahã...

J: E tinha que colocar luz lá. Ah, o cara nervoso [...] “Ah J, quebra o galho aí”... Fui ver pra ele...

M: Aí e difícil

J: Fui na cozinha, fiz um furinho lá no canto da parede, bem discreto, pra ninguém vê... Do outro lado, do lado de fora, fiz um buraco um pouco maior, que cabia a minha mão...

M: Ahã...

J: E... fiz um gancho, peguei um arame, fiz um anzol nele, fiz um anzol, e fiquei ali, só no tato assim, até pescar o fio. A hora que eu pesquei puxei ele. Aí trouxe, abri o canto do gesso, puxou a lâmpada... Aí a gente... teve, tem que trabalhar assim... muita calma... nessa hora assim, tem que pôr a cuca pra funcionar...

M: É...

J: São coisas que... assim... não tem curso...

M: Não adianta, não tem, não tem receita não.

J: Não. É na hora ali, de você vira “magaiver” ali...

M: [riso]

J: Começa a fazer...

[Os ajudantes começam a conversar com João sobre um vizinho que tava com o namoradinho...]

[Nesse momento João me pergunta como deveria me chamar]

J: Como é que eu te chamo? De doutora, de senhora, de senhorita?

M: Eu? [apresenta espanto na voz, diante da pergunta] Michele mesmo... [riso]

J: Fica do lado de cá nesse cômodo aqui... pra você ver um pouco da comunidade [se referia a um morador da comunidade que parecia ser homossexual, que iria passar atrás de onde estávamos]

J: Tem uma luva...tem uma luva aí, de latex aí, aquilo é horrível de trabalhar com aquilo... tira o tato todinho...

M: Ah, é...

J: Protege, mas...

J: Hoje em dia, Michele o que tá acontecendo? Hoje em dia [devido às conversas dos ajudantes com um rapaz que está num terreno acima da obra, não é possível compreender totalmente o que João conversava comigo. Mas é possível entender que ele está se referindo a questões de valores, pois esse rapaz com o qual os ajudantes estão conversando parece ser homossexual. Os ajudantes o estão provocando, mas parece ser uma brincadeira comum entre eles.]

[João começou a me contar sobre como as coisas mudaram, como as pessoas gostam de falar sobre a vida dos outros. Diz que muitos não acreditam na amizade entre homens e mulheres. Além disso, me contou que tinha um amigo, que costumava ir muito à sua casa, mas que as pessoas da comunidade começaram a falar, insinuando que os dois poderiam ter um relacionamento amoroso. Diz também que gosta do interior, porque lá não existem essas coisas, que as amizades são mais verdadeiras.]

(Pausa na conversa)

J: Trabalhei numa casa, uma casa já velha, antiga, eu cheguei em casa tava todo pinicando, tudo queimando... por causa daquela poeira... tem bactéria...

M: Ahã...

J: Tem uma massa corrida também, uma massa de cobertura. A massa, ela contém amônia nela.

M: Noooossa...

J: Aí, tava trabalhando com ela. Comecei lixar e tal, começou a pinicar tudo,

M: Nossa, que horror... Acho que isso não podia ser assim. Tinham que ter um pouco mais de cuidado...

J: É que é mais barato, né... Compra material barato dá isso aí...

J: Tá vendo, Michele, eu vou brincando assim, vou levando, mas, vou conduzindo, vou dando espaço, né, vou dando espaço, [...] já vão entendendo... mas... observando aí, toda essa situação aí, do rapaz aí [se referindo ao rapaz que já foi citado], como a cultura faz, faz falta dentro de uma comunidade. Enquanto muitos tão nessa situação aí, entendeu? Falta... Ele entra... entra assim de gaiato aí...

M: Ahã... vai seguindo cabeça dos outros...

J: Problema familiar... tudo vai levando choque, choque, depois entra, não sabe como sair.

M: A gente lá na escola mesmo acaba vendo muito caso assim de... problema de falta de uma estrutura, que acarreta tantos problemas às vezes...

J: Eu fui em 98... 98 eu trabalhei numa comunidade, né... Trabalhei numa academia de capoeira, [...] aí em 98 me deram lá um certificado né? Nem sabia disso, e lá consta: Trabalhos prestados à comunidade. Tava sendo observado e nem sabia. A gente tava fluindo, mas aí, só o camarada que tinha um supermercado ali embaixo ali, que dava um apoio pra gente...

M: Ahã...

J: Não precisava nem pedir... Ele mesmo ia lá e acertava. Ele via, né. Mas o povo, o individualismo aí do bairro, o individualismo do bairro aí... A mãe de um jovem aí, classe média, tinha todas as condições né, de chegar até uma faculdade, tava lá com a gente. E a mãe dele foi, [fala com os ajudantes pra fazerem mais um pouco de massa: uma lata e meia.], então ela blasfemou...

M: Hã...

J: Blasfemou do trabalho, e tal... aí o que aconteceu aí? Ele tá aí com... acho que ele deve tá aí com uns 20, vinte e poucos anos de idade, tá lá naquela favelinha lá atrás lá...

M: Nooossa...

J: E a mãe não sabe...

(Pausa na conversa)

[João, admirando a natureza que tem no entorno da obra, se admira com a quantidade de tons diferentes de verdes que existem. Diz que em cada árvore que se olha tem um tom diferente de verde.]

[Nesse momento, João desce até a parte de baixo da obra, onde fica a casa de D. Nenê, para tomar um café. Eu permaneço na parte superior, junto aos ajudantes, observando enquanto eles fazem uma massa]

Ma: Michele, fica aí só de olho...

M: Tô de olho pra ver se consigo descobrir qual é essa mistura aí...

C: Qual a mistura aqui?

M: É.

C: É cimento, saibro e areia industrial.

M: Qual proporção?

C: É uma lata de areia, meia lata de saibro, e um terço de cimento.

M: Hã... E esse saibro é o quê?

C: Hã?

M: Saibro é o quê?

C: Ih... Agora você me apertou... [risos]

M: [risos]

C: Saibro... que que é o saibro, Ma?

M: Saibro é aquele meio marronzadinho?

C e Ma [falando ao mesmo tempo]: Ah, é, é ... tem ali naquele cantinho...

M: Aquele que é o saibro?

C: É. Tem um pouco ali embaixo [se referindo ao andar inferior da casa]. Chega ali na janela que você vai ver.

M: Isso deve ser um pó de alguma coisa, não é? O João me falou que tinha um negocio de pó de brita...

Ma: Não é pro chapisco não?

[Os ajudantes estão misturando a massa. Enquanto um vira o cimento, o outro vai colocando água.]

M: Água não mede não, né?

C [que está virando a massa]: Não.

M: Como é que sabe que tá bom?

C: Hein?

M: Como é que sabe que tá bom? Só no olho?

C: É, ué... Que quando ela fica muito mole o João não gosta de trabalhar com ela muito mole não. Mole mesmo é só o concreto. Aí pode pôr bastante água por causa da pedra.

M: Ahã... Aí a pedra segura um pouco, né...

C: Isso aqui a gente fez ontem, eu e o Ma [Se referindo a três vigas que estavam no chão, mas que ainda não estavam secas.]

Ma [risos]: Olha, a gente deu mole ali, ó. [Se referindo a uma viga que tinha uma falha, tinha como se fosse um 'afundado'.]

C: É que tinha um pau aqui, véio. Tinha um pau, aí o João me chamou... [os dois falam ao mesmo tempo e não tem como compreender o que estão falando.]

[os dois conversam entre eles sobre questões da própria obra e também sobre outra obra da vizinhança que 'foi rapidinho'.]

[Caio me mostra a casa de um colega de classe, que também é meu aluno, assim como ele.]

[João, que tinha ido até a casa no andar de baixo, volta me oferecendo café.]

[João me fala sobre umas colunas que lhe deram muito trabalho para fazer. Vai me mostrando outras coisas da obra.]

J: Tá vendo ali aquelas colunas ali?

M: Hã...

J: O trabalho que deu aquilo ali ontem... Tá vendo [...] aí, terminei a massa ali, montei essa coluna aqui, já fiz as vigas, depois [...] do lado aí fica mais fácil. Fiz a janela...

M: É, tem uma janelinha ali... Mas aí vai ser uma janela esse espaço todo aí? [me referindo a uma parede no fundo, que parecia ser um grande janelão.]

J: Não. Tem que entrar dois tijolo de cada lado.

M: Ah, tá...

J: [...]

J: Agora você quer saber sobre o saibro... O saibro é terra de barranco, né? Tem uns que é arenoso, outros já é mais pra terra, mas é um material agregado muito ruim, que ele apodrece. E se ele, assim, pegar muita umidade, muita umidade nele, que ele vem do barranco, né?

M: Ahã...

J: Tem o problema de... de fungo, essas coisa assim, porque... é [...] do pasto, do barranco, pra tirar... muita urina, né... de animal... essas coisa... aí é ruim por causa disso. Colocando cal nele, ele tira, né. (pausa) Na cidade de Chácara tem muito...

[João comenta sobre o programa televisivo Big Brother dizendo quem ele acha que vai ganhar, já que o programa está na sua fase final. Mas algumas coisas faladas merecem maior atenção.]

J: Esse Big Brother aí, isso aí não é só no Brasil, mas,... eu acho que isso aí é um sistema de pesquisa, você não acha?

M: De ficar estudando comportamento...

J: Acho que é muito a ver com, de repente até mesmo a favor do comércio... Pra ver o que eles podem colocar no comércio... Se vai ter aceitação... Eu acho que... Acho que tem muita coisa no meio disso aí...

M: É, porque eles não iam fazer também um negócio desse tamanho, né...

J: Com um prêmio desse, né...

M: Se não tivesse nenhum interesse...

J: Só pra ter audiência na televisão... tem lógica isso não... você vê que... em vários países né, aí eu creio que é uma maneira de estudar o comportamento do local pra depois... Não sei o que eles tão planejando, né, é igual eu falo, não sei se é comercial...

M: Ah, mas pros psicólogos que deve ser um prato feito aquilo lá, né?

J: É por isso que eu falo. Tem alguma coisa aí... Acho que nada, nada é por acaso...

(Pausa na conversa)

J: Toda casa, geralmente, a gente faz um assentamento em cima de ferragem, concreto, mas... aqui como os cômodos são muito pequenos, muitas paredes, e ainda vai haver outra construção em cima, aí não tem necessidade, entendeu?

M: Ahã...

J: Aí não gasta material sem necessidade...

M: Já vai fazer em cima de uma vez ou ainda é...?

J: O quê?

M: O outro cômodo...

J: Não...

M: Mais pra frente ainda...

J: E agora é, depois que colocar a laje, é colocar as portas, janelas, [...]

M: Quando for colocar a laje vem com aqueles caminhões, aquelas coisas ou...

J: Não, aqui...

M: É no braço mesmo?

J: Aqui talvez eu vou tirar uma semana, não vou trabalhar aqui não.

M: Hã...

J: Nessa semana eles contratam um pessoal aí...

M: Ah, sim...

J: E sobe esse material aí. Vai ter que subir essa areia e essa brita aí pra cima, pra quando for colocar o concreto vê se já traz dali direto.

M: Ahã... Nossa, por que senão...

J: Virar concreto lá na rua...

M: Não tem condições...

J: Não tem... Não tem lugar pra descarregar o material...

M: Ahã...

J: Pra ficar lá na rua... Não tem... O ônibus tem que passar ali...

M: É...

J: O pessoal implica pra caramba... Aí, vim subindo essa escada com lata de concreto...

M: Nossa! Não tem condições... Vai descer rolando com concreto e tudo...

J: Vô vê se consigo arrumar ali em cima, ali... Coloca o material ali...

(Pausa na conversa)

M: Aí vai terminar de subir as paredes e já coloca a laje?

J: É.

M: Aí tem que esperar secar primeiro pra depois poder mexer aqui embaixo ou não?

J: Se for laje [...] tá resolvendo aí. Se vai fazer laje que chama [...] ou se vai fazer... aquela pré montada, né.

M: Hã...

J: Tá resolvendo. Se for montada, põe ela aqui no sábado, na segunda-feira já dá pra trabalhar aqui.

M: Ó, que beleza...

M: Aí a parte elétrica e hidráulica vem depois da laje?

J: É.

(Pausa na conversa)

J: Quando você vem pra cá, Michele, você passa perto daquele bar lá embaixo, passa o bar tem uma casa que tem uma fachada de pedra, aí mais a frente tem uma outra casa... Ela tá de acabamento de cima em baixo, não sei se você observou...

M: Uma amarela?

J: É.

M: Acho que eu vi...

J: Você vem caminhando, passa o bar, aí logo o bar tem uma casa de dois andares, embaixo tem uma fachada de pedra... Aí mais do lado tem uma outra casa, que tá de acabamento desde o beiral até o chão...

M: Hã...

J: aquilo ali, foi... foi num natal...é... no ano passado que eu fiz.

M: Hã...

J: Aquilo ali também deu um trabalho...

M: É?

J: Ali eu tive que ir fazendo de cima pra baixo, aí a demora do serviço também é maior... pra poder ficar daquela forma ali. Se eu começo de baixo pra cima, normal, ia render o serviço, mas o [...] ia ficar fora, ia ficar uns pedaços assim...

M: Engraçado, né, começar ao contrário.

J: Que a gente mede, mede, faz os cálculos, mas na hora que vai colocando, vai dando diferença, e a diferença vai crescendo os milímetros, vai dando diferença. Lá tem 4 cm de massa na parede, tem lugar que deu 6, a parede [...] deu 6 cm.

(Pausa na conversa)

[João pergunta aos ajudantes se tinha acabada a massa. Eles respondem que sim. A massa havia acabado no momento certo, ou seja, a quantidade feita foi suficiente para assentar a quantidade de tijolos que J havia calculado.] Tô bom de cálculo, né? [Diz isso com um tom de satisfação, parecendo querer me mostra que era capaz de fazer os cálculos com precisão.]

M: Mas vai ficando tão, assim... acostumado que só de olhar, né, o tanto de tijolo que tem que assentar já...

J: Às vezes falha, né? [Me pareceu querer mostrar um tom de humildade]

M: Mas na maioria, acho que dá certo.

J: Michele, vou te dar uma ajuda aí. Depois você sobe ali [se referindo ao terreno que tem acima da obra], aí lá de cima tu olha aqui que vai ter uma visão melhor da obra.

M: Ah! É mesmo!

J: Aí você vai ter uma noção assim de, de distribuição...

M: Ahã... mas essa questão que você falou do desenho que você fez...

J: Hum...

M: você chegou a fazer, você fez mesmo os desenhos...

J: Primeiro eu tirei o perímetro, né? E fui pra casa. Tirei a diferença do esquadro, coloquei no papel. Aí, eu fui jogando os cômodos. Coloquei o corredor nessa posição. [mostra a posição que ficaria o corredor]. Aí coloquei o banheiro ali onde tá. Não ficou bom. Depois coloquei o banheiro pro lado de cá, não ficou bom. Aí coloquei o corredor nessa mesmo posição aqui, e o banheiro também. Nossa! Aí foi ficando cada vez pior... Aí eu comecei lá da varanda de novo. Aí essa foi a melhor opção. Agora aqui... se ficasse com dois quartos só, aí de qualquer jeito ficava bom.

M: Ahã...

M: E você sempre faz assim, o desenho, você que faz? Você sempre faz assim quando você vai trabalhar?

J: Depende, assim. Eu chego no local, igual aqui, é aquilo que eu falei, comunidade, a gente trabalha de acordo, né, com as condições da comunidade. Aí... se quiser que eu faça, eu faço. Mas... dependendo do local onde você vai trabalhar, aí não pode fazer, né? Numa área mais urbana, né, dependendo do bairro, São Mateus, Granbery, aí não pode fazer. Tem que chamar um técnico, e tem o problema do 'habit' que fala, né? Tem que tá tudo direitinho, a documentação pra ter as coisas corretas. Mas aqui dentro da comunidade, aqui não. Mas... pra mim não tem dificuldade não. Não tem não. Qualquer tamanho eu... eu, se me der a oportunidade, se me der um esquadro e uma mesa... [leve riso]

M: Você faz a sua arte ali...[riso]

J: Eu faço...

M: Que legal!

J: Eu gosto, que me ver alegre é me dar o que fazer. Parte elétrica, aqui também deve dar pra fazer a parte elétrica também. Eu ponho tudo no papel. Eu pego os cômodos tudo, faço a distribuição, vou anotando o material, aí depois faço como um mapa, né. Esse negócio de no olho assim eu não gosto não.

M: agora também se tiver que trabalhar com projeto de engenheiro, assim você também...

J: Trabalho.

M: Que, como você falou que gosta dessa parte, pra você já não é tão... fica só com o trabalho mesmo. Não e tão criativo...

J: Mas quando eu trabalhava com o Eduardo, nossa, era uma bênção. A gente chegava, trocava uma idéia, não tinha problema. Lá na piscina do Bom Pastor [clube Bom Pastor] ali, nós ficamos enrolado, lá. A gente chegou na área externa da construção e a gente ficou enrolado. Aí nós ficamos lá, mexe pra cá, mexe pra lá, falei ah, vamos fazer aqui um muro de pedra empilhada. Ele falou é isso mesmo. Foram 7 caminhões de pedra... ah, mas arreventou aquilo... dessa altura assim [mostra a altura]. Eram três patamar de pedra, aí fomos fazendo em volta, no jardim, em volta de [...] Mas o negócio ficou muito bonito. Bonito mesmo. Trabalhei muito.

M: Mas é bom também quando você pega um engenheiro que te dá também uma liberdade, pra poder... mas deve ter uns também que fala não, eu falei tá falado..

J: Ah, assim o meu negócio é o que, essa obra saiu do zero, né. Se tivesse um projeto dum engenheiro aqui, que tivesse que fazer, também não tinha dificuldade nenhuma, problema nenhum. É o que tá ali, né? Agora, se der algum problema, pára, tem alguma dúvida? Pára, pergunta, discute, porque de repente alguma coisa eu não tenho aquela visão, ele tem. Ele

pesquisou, fez faculdade, tem coisa que a gente não sabe ainda. Mas tem coisa que aqui no nosso dia-a-dia aqui...às vezes ele não...

M: Ele não tem essa experiência, né?

J: Isso aqui não vai ficar legal, o que dá pra gente fazer? É só fazer um acordo, né. A lei da compensação.

M: [risos]

[Nesse momento, João está guardando o material, juntando as coisas pra ir embora. Meus dados desse dia terminam aí porque o que houve depois disso foi somente a combinação de que dia eu voltaria]

[Depois que João foi embora, os ajudantes ficaram na obra, limpando, ajeitando as coisas para que no próximo dia de trabalho não tivesse muita bagunça. Eu fiquei junto com eles, ajudando a varrer, a juntar o lixo e a dar uma organizada na obra. Como os ajudantes me conhecem da escola, ficaram espantados ao me ver com uma vassoura na mão, ajuntando o lixo, aquele pozinho de cimento e areia... foi bastante divertido. Senti-me fazendo mais parte daquele local... daquele grupo. Foi uma experiência interessante.]

Transcrição 3 – dia 15/05/07

[João estava falando sobre a diferença entre fazer uma reforma e pegar uma obra que tem que fazer desde o chão, com desenhos]

M: É, uma coisa e você ter o papel, ter o espaço, o papel e fazer, né. Outra coisa e você ter que aproveitar o que já tá pronto, e mexer em alguma coisa...

J: Agora, às vezes você pega uma reforma, um ambiente pequeno, vai caber menos, que você tem que aproveitar o espaço, e às vezes acontece isso aí.

[João está colocando massa no teto da cozinha, que tem alguns buracos, pois, conforme ele me disse, havia uma caída no meio do cômodo. Por isso ele estava aumentando nas laterais para que o teto ficasse o mais próximo possível de reto. Ele estava falando da dificuldade de ficar jogando massa pra cima, do cansaço que isso trazia e do atraso que proporcionava à obra.]

J: Tem que fazer um alongamento de hoje pra amanhã.

M: Nossa, ficar jogando massa pra cima assim é terrível...

J: O que me quebrou um pouco essa semana foi a laje, a laje lá foi... [não terminou a frase, mas deixou no ar que a laje foi muito cansativa]

M: Aí lá vai parar um pouco?

J: É, porque tem que esperar de 15 a 20 dias, né.

M: Hã...

J: E depois vem a parte elétrica, pra fazer a distribuição, tem as caixas, né, hidráulica lá também é pouca coisa, porque tem um banheiro só,... E mexer na parede antes de ficar dando [...] porque, pra não ficar quebrando, né. Já quebra onde tem que... Agora ela deve ir indo devagar, com calma, porque essa parte foi muito pesada, né. Porque... laje, né... não tem como você dividir o material. Tem que ser tudo. Aí pesa [faz um gesto querendo dizer que o gasto de dinheiro foi muito grande].

M: Ahã...

J: Agora o restante trabalha devagar, vai por partes. Não sei também a pressa dela, né...

M: O ruim é que, não sei, se ficar muito tempo parado não vai estragando... a chuva, as coisas assim, não vão estragando... o que já tem...

J: Construção, [...] o pessoal fica com mania de rapidinho, rapidinho, num é assim.

J: Eu tinha programando que essa semana, ontem, eu já taria começando com os azulejos. Mas é como eu te falei, né, essa parede aqui eu tive que isolar, aí tem uma perda de tempo também, vai acumulando...

M: Isso aí parece que quanto mais vai fazendo mais você vai vendo... o que mais tem pra arrumar... [me refiro aqui ao teto, pois João está tentando tapar os buracos maiores que ficaram na massa].

J: Tem pedreiro que... chega aí e senta pro pau, não tá nem aí, faz uma massa só e sai. Aí vira as costas, vai embora e depois que o cliente vai ver o que ele fez.

M: Ahã...

J: Aqui em Juiz de Fora tem muito disso, a pessoa quer [...] um serviço barato, “Isso aí em dois dias você faz”. Aí não sei o que lá [João está tentando alisar o teto com um pedaço de madeira. Por isso, há um barulho constante de algo sendo ‘arrastado’, dificultando muito o entendimento do que está sendo falado. O assunto é sobre a qualidade do serviço que alguns profissionais fazem e também a pressa que muitos clientes têm em ver o serviço pronto.]

J: Eu e o Leandro (o ajudante) fomos lá no São Pedro... é... lá perto da igreja. A dona pediu pra fazer uma escada, um metro e cinquenta da largura, quatro degraus, pra cimentar o passeio, cimentar uma área lá, só que pequena. Aí ela falou: “Só três degraus dá.” Mas acabou que a gente fez cinco degraus, tiramos mais ou menos um metro de terra, porque [...]. Aí o

homem chegou e inventou mais um monte de coisa pra fazer... e começou a [...]. Se a gente desse mole, né E, ia ficar lá mais um tempo... Vai arrumando, fazendo isso ali...

L: É exploração que isso chama.

M: É...

L: Na hora de contratar o serviço que vai fazer é de um jeito, quando chega lá começa: “Faz isso aqui pra mim...” Aí você fica sem jeito de cobrar,

M: E se falar não também né...

L: Se falar não aí, acaba fazendo, mas eles acabam ganhando...

M: É sim...

L: Ficamos dois dias pro serviço de um dia, né João?

J: É... e ia ficar mais tempo ainda...

M: E receberam por um dia só?

J: Não, e na hora que eu terminei o serviço, além “deu” ter trabalhado de graça pra ele, ele veio falar: “Pô, esqueci de te falar, que era pra você ter cimentado aquele pedaço ali também...”. Cara de pau... Se chegasse e falasse, você podia quebrar o galho, arrumar aquele negocinho ali pra mim... É diferente.

M: Mas agora querer fazer os outros de bobo... aí que é ruim...

J: É diferente [...] O ruim é que começou de malandragem com a gente.

L: Na hora que você for fazer um serviço já leva um caderninho pra anotar...

M: Mas dá vontade de fazer isso mesmo. Falar: “Você assina aqui então. É esse serviço? Assina aqui.”

L: Falei com ele, isso aqui é isso aqui. Mas depois você termina o serviço e começa a inventar um tantão. Aquilo ali tem que fazer, aquilo ali também... E você fica sem jeito de falar não.

M: É, tem que falar: “Esse preço é pra esse serviço que tá aqui [referindo-me ao caderninho]. Se tiver outra coisa a gente pode negociar, né.”

J: Eles vêem você fazendo o serviço muito rápido, rápido não né? Era pra ter feito num dia. Ele viu que eu fiz mas tava ali direto, trabalhando, em ritmo de... “the flash”... Tem gente que vê a gente trabalhando no ritmo que nós tamo trabalhando aqui, né, já tinha...

[J me diz que daqui uns tempos quem vai ter que fazer yoga é ele, pois também tem que cuidar da carne, porque não é só do espírito que tem que cuidar...]

J: Isso aqui já é... isso aqui já é tração [J se refere ao movimento que está fazendo de alisar a massa que há pouco havia passado no teto, utilizando para isso um pedaço de madeira, uma ripa]. Você faz mais força com isso aqui do que carregar uma lata de areia. Engraçado, né?

M: É...

J: Não parece, né...

(Pausa na conversa)

[João e Leandro conversam sobre um amigo comum, que os atrapalha a assistir filme, porque não pára de falar um minuto. Comentam sobre fatos corriqueiros, do dia-a-dia.]

[No momento em que João e Leandro param para tomar café, eu aproveito para conversar com João, sobre como foi que ele começou a trabalhar como pedreiro.]

M: João, mas como foi que você começou a trabalhar como pedreiro?

J: Ah, eu comecei assim, eu gostava, né, sempre gostei, né.

M: Hã...

J: De ver as coisas transformando, mudando... Aí, falei, vou mexer com isso. Foi espontâneo, né? Eu trabalhei muito tempo com... com cavalo de raça, né. Era a minha paixão. [riso]

M: Animal é bom mesmo...

J: Aí comecei a trabalhar assim, fazendo alguma coisa lá em casa, depois comecei a trabalhar com meu irmão, a ajudar ele né... Eu trabalhava ajudando ele, mas falava: “Ó, eu não vim aqui pra te ajudar, não. Eu vim pra fazer.” Aí dali eu deslanchei e fui embora. Quanto mais eu fazia, mais queria fazer. Aí depois eu dei um tempo, enjoei. Fui trabalhar numa confeitaria.

M: Hum...

J: Lá também eu rapidinho peguei [o jeito]. Mas eu saí de lá de rebeldia [risos]... de rebeldia... Aí eu voltei a mexer e daí já é dez anos já.

M: Mas você foi aprendendo de ir fazendo mesmo...?

J: Foi, fazendo. Mas eu sempre procurava pesquisar também, comprava revista, né?

M: Ah, que legal!

J: Comprava revista e ficava pesquisando... Às vezes eu via alguma coisa diferente e já ia atrás fazer, questionava pra que que era... sempre curioso, né?

M: Hum... Esse seu irmão já era pedreiro... quando você começou a trabalhar com ele?

J: Era. Humrum...

M: Essas coisas de pedreiro assim muitas vezes é uma coisa de família mesmo, né... Vai passando... Às vezes o filho começa a ir trabalhar com o pai... e vai aprendendo, ou um amigo, e vão aprimorando no próprio trabalho que você vai aprendendo mesmo.

J: Vai inovando, vai criando, vai ... que nem esse material aí, pó de pedra. Alguns usam pó de pedra. Esse aí é o pó de pedra grosso, a areia é a areia industrial, o pó de pedra, se passar ela no forno, se dá uma quebra nela no forno, ela fica desse jeito aí. Bem resistente, né.

M: Ahã... E essa massa é a mesma massa pra assentar tijolo ou é mais mole um pouquinho?

J: É a mesma massa. Essa é a grossa, né. É grossa. Essa aqui é a mesma e ficou bem resistente. Depois a gente vai passar uma massa fina aí. [se refere à massa que usou para rebocar uma parede que teve que ser construída na cozinha]. A gente vai alisar isso aí [se refere ao teto]

M: Mas aí não é massa corrida não, né? É só uma massa...

J: Não. Esse negócio é bacana, tem que usar a imaginação. Você pegar um lugar pra trabalhar, começa a imaginar, a criar...

M: Essa possibilidade de criar, é muito bom mesmo... Um trabalho onde você tem essa possibilidade é muito bom. Porque quando já vem tudo pronto e você só tem que reproduzir... você não tem ânimo de fazer...

J: Não... Eu... sempre tive essa opinião: se é pra mudar tem que mudar. Ficar no mesmo eu não vejo graça. Ainda mais na construção civil, né, a questão financeira é uma coisa muito puxada, né. Às vezes a pessoa quer uma coisa nova, tem que ser novo, tem que ter mudança.

M: É...

J: Eu sempre carreguei essa opinião comigo. Tem que mudar. Quem fica no mesmo fica muito simplório, aí... É igual azulejo, igual esse pessoal. Vai pôr o azulejo, vai fazer o acabamento, tem como você fazer um desenho com o azulejo, trabalhar com as juntas tudo certinha, usar um rejunto igual o pessoal tá usando, o não convencional, o branco, tudo da mesma cor do azulejo...

M: Põe um colorido, né, pra dar um destaque.

J: Tem que pôr o contrário, né, porque senão o serviço não aparece. Fica tudo igual a parede assim, aí nem nota a parede, não nota o seu trabalho. Tem que... Quando eu viajava pro Rio [de Janeiro], nos outros lugares, eu ficava observando muito as... as arquitetura antiga, né, portuguesa, eu ficava observando. Que eles são rico em detalhes.

M: É sim.

J: Eu tava lá, naquela igreja que tem em Petrópolis, que tem naquela praça...

M: Eu nunca fui lá...

J: Em Petrópolis você nunca foi não?

M: Não... nunca fui.

J: Tem uma igreja lá na praça, que tem um açude assim enorme do lado. Tudo verde, uma praça bem grande. Aí tem uma casa que, muito vidro. Madeira e vidro. E mais pra frente tem aquela igreja. Muita ponta as torre. Muita ponta. Ela é escura, e as torres foi feita em areia. Pedra e areia. Gente, mais que coisa linda. Muito detalhe, o cara trabalhou muito ali. É uma coisa que eu fico admirando, fico impressionado de ver. Sabe, parece aqueles castelos de

filme, aqueles filmes bem medieval mesmo. A coisa mais linda e sem contar a altura. Uma torre daquela na altura que tá... eu fico assim imaginando... é... o equilíbrio, que tem a base, né, e a perfeição, né, só com nível e prumo. E na época que foi construída, né, naquela altura, se não tiver uma boa base, nível, prumo direitinho, tomba tudo, né. Na hora que quebra, quebra ela absorve a umidade muito fácil... naquela época não tinha cimento, ferragem...

M: É mesmo, né... nossa, o tanto que evoluiu... É o que você falou. Esses trabalhos mais antigos, assim, davam muito mais trabalho do que hoje.

J: Tudo é válido, eu fico assim impressionado mesmo... então é bom... assim no Brasil, sempre tem uns estados aí que valoriza, mas... aqui pro lado de Minas, em Juiz de Fora, na zona da mata, o povo aqui não dá valor... eles vê isso como um trabalho muito simplório.

M: É...

J: E não é.

M: Não é mesmo... Além de todo o trabalho criativo tem também o esforço físico... e que também não é valorizado, né... Nem pela escola esse conhecimento... às vezes a escola também não aceita com válido... Se fizer, às vezes faz... Se uma criança, o pai é pedreiro faz as coisas de um jeito. Se a criança fizer daquele jeito na escola, às vezes o pai vai ensinar alguma coisa, mas muitos professores não aceitam... não é um conhecimento... valorizado. Bom, eu vou tentar fazer isso com o meu trabalho, né. Fazer esse conhecimento aparecer aí como um conhecimento válido como qualquer outra forma de conhecimento. Vamos ver se eu consigo alguma coisa... Porque muita coisa acaba perdendo, porque...

J: Perde.

M: Né? Como não é um conhecimento que tem registro, que não tem nada escrito, que é mais passado assim, se não tiver essa valorização ele vai ficando pra trás, vai ficando perdido. Não é nem pra trás, mas vai ficando... Igual tanta coisa aconteceu, igual com os indígenas, muita coisa deles também ficou pra trás, porque...

J: Ficou...

M: Chegaram outros aí, os portugueses, falaram que não, que tava tudo errado, e ficou...

J: Com o tempo, daqui um tempo, não vai ter índio mais.

M: É... Vai virar tudo cidade, pessoas comuns...

M: Ahã...

J: E isso já tá acontecendo devagarzinho...

M: Tá! Você vê os índios hoje, tão tudo cheio de tecnologia, com internet, com celular, com tudo, né...

(Pausa na conversa)

[Nesse espaço de tempo, chega uma senhora lá na obra perguntando pela dona da casa. O ajudante Leandro está retirando um basculante da parede, pois no lugar será colocada uma janela. Só que esse basculante está todo respingado de massa, que acredito tenha caído nele no momento em que jogavam a massa no teto. Essa senhora, ao ver o ajudante tirando o basculante, pergunta se tem como limpá-lo, dando a entender que era pra João ou Leandro limparem, pois a dona da casa ia “passá-lo” pra ela. João respondeu que há possibilidade dele ficar limpo, que é só passar uma palha de aço. Daí, surgiu a conversa sobre a exploração do profissional quando está fazendo algum trabalho.]

J: Num trabalho lá no Bom Pastor (bairro), tava lá trabalhado tranqüilo, fazendo de tudo pra... pra fazer o melhor pra dona da casa lá, né. Aí... apareceu um negócio no trabalho que não tinha nada a ver com o que tinha que fazer lá, né. Tava fazendo uma instalação elétrica lá, aí tinha que quebrar uns lugares lá, [...] e eu não tava conseguindo fazer. Aí falei, né, essas pessoas, como é que fala, emergente... aí resolveu o negócio. Aí, tranqüilinho, de boa, [...] [O ajudante está quebrando a parede para retirar o basculante. Há muito barulho, e algumas partes da gravação ficam impossíveis de serem compreendidas]. Aí o dono ficou tão empolgado com o negócio que pediu pra botar umas ardósia lá na porta da casa dele. Falei, “Ah, não tem problema”, pediu numa boa, né. Eu só falei, “Ó, tira essa planta daí”, é aquela que chama coroa de cristo, né, “senão vai sujar tudo e depois ainda vai sobrar pra mim...”

M: Hã...

J: Aí ele foi lá e tirou. Arrumou um camarada e tirou e deixou lá no passeio. Tava lá fazendo o meu serviço, de repente vem a irmã dele, que ela tinha uma casa lá no final da rua... aí chega a irmã dele... “Aí, você pega aquelas plantas lá e embala, viu?”. Tava fazendo meu negócio ali e tava olhando. Aí, eu não agüentei e fui grosso com ela. Foi a primeira vez que eu fui grosso com uma mulher. Eu falei “Não vou pôr nada não”. Ela ficou doida! “Isso é seu trabalho. Vai pegar aí e embalar!”. Na maior amolação. “Pra mim você não trabalha!”. Eu falei: “Nem se a senhora pagar bem eu vou lá!”

M: [risos]

J: “Nem se a senhora pagar bem eu vou lá”. E ela tava lá falando, aí o irmão dela veio, perguntou “O que tá acontecendo aí?”. Eu falei: “Sua irmã veio aqui pedir pra eu fazer um negócio e eu nem acabei aqui ainda... Ela chegou aqui me dando ordem, querendo mandar aqui...” Aí ele falou: “Não liga não, minha irmã é meio perturbada mesmo...” Eu falei: “É, mas ela me destratou aqui...ela não tem nada a ver com o trabalho e veio aqui...” Aí ele falou: “Continua fazendo seu trabalho aí, não fica chateado não... os meninos não tá bem... ela anda meio nervosa aí...” Mas eu não tenho nada com isso, né?

M: É, você não tem nada a ver com a história, né.

J: Tem que respeitar, né? Ela me desrespeitou... Aí continuei fazendo o serviço na boa, tranqüilo... Aí terminei meu trabalho, tranqüilo, aí fui lá fora, embalei os negócios... na hora que o rapaz chegou pra embalar tava tudo embaladinho... já tava tudo pronto. Aí ele chegou e falou: “Você não precisava embalar isso aí, não era serviço seu... você já tá me ajudando muito aqui.” Aí eu falei: “Não, pra mim isso não é problema.” Depois, quando fui lá pra receber, a irmã dele passou perto de mim, aí eu não agüentei. Falei pra ela: “Já terminei aqui, vamos começar o seu lá?” [risos]

M: [risos]

J: Mas tem gente que é assim... Já passei cada uma...

M: Mas tem gente que acha que porque tá pagando pode mandar e desmandar, pode falar o que bem entender...

(Pausa na conversa)

J: No inverno começa a escurecer cedo, né?

M: É...

[João comenta com seu ajudante sobre um amigo comum que não os deixou assistir a um filme porque falava o tempo todo, comentando sobre o filme. Também comentam que esse amigo se diz profeta, predizendo as coisas que vão acontecer.]

M: Fala pra ele adivinhar quais são os 6 números da megasena e passar pra gente, né?

J: [risos]

J [contando sobre um fato que envolve esse amigo]: Esses dias, tava um frio, encontrei com ele, tava sem blusa. Eu falei: “Rapaz, com um frio desse, como você sai sem blusa?” Aí, emprestei uma camisa pra ele, falei: “Vou te quebrar um galho”. Aí fomos ver um filme. Na hora que ele foi saindo, falou: “Até amanhã.” Aí eu falei: “Aqui, deixa a camisa aí”. Aí ele: “Que isso, rapaz, amanhã eu trago pra você...”. Falei: “Não, eu te conheço...” Aí ele: “Que isso, cara, tem que doar as coisas enquanto as pessoas tá viva. Depois que morre não tem graça mais...”

M: [risos]

J: “O quê?”. Eu: “agora você me devolve essa camisa mais rápido ainda!”

M: [risos]

[O ajudante de João está retirando um basculante da parede, onde vai ser colocada outra janela. Tem muito barulho no fundo, porque esse trabalho é feito à marretada. O ajudante, nesse trabalho, deu uma marretada no dedo. João e eu o aconselhamos a colocar o dedo debaixo da torneira, pra dar uma refrescada.]

(Pausa na conversa)

M: O azulejo vai até o teto?

J: É. Por isso que eu tô acertando essa massa aqui. [João está acertando a massa do teto, tampando uns buracos maiores, tentando 'arretar' a massa do teto, como já foi falado no começo]

M: Na parede ainda vai outra massa ou só a massa de assentar o azulejo? [Minha pergunta foi feita porque a massa que havia nas paredes era uma massa um tanto grossa, com alguns caroços, que não me pareceu ser a massa definitiva que ficaria na parede] Já vai direto a massa onde vai colocar o azulejo...

J: É. Essa massa aí é muito grossa e muito porosa. Porque esse material é grosso, né. Essa parede aqui por exemplo, tava assim. [João me mostra com a mão como estava a parede, torta em alguns pontos. Me fala que a massa do teto teve espessuras diferentes, pra tentar consertar as diferenças que existiam.]

[João conversa com seu ajudante sobre uma porta que vai ser colocada, se dever ser colocada com parafuso ou cimentada.]

L: João, e o negócio dessa porta aqui, não vai parafusar?

J: Parafusar? Não, vai vir com um chumbador...

L: Mas tem que plastificar o batente, senão vai manchar a porta tudo, com cimento... Tem que plastificar... Depois que chumbar tira o plástico...

J: Vai ter que ser com cimento.

L: Se cair uma gotinha de cimento não tem jeito mais não. Mancha direto...

J: Passar um silicone também protege...

L: Isso aí mancha à toa...

[João começa a conversar comigo sobre a massa com a qual ele está trabalhando, dizendo que é uma massa boa, por causa do material usado.]

J: A gente fazendo a massa, a massa ficou bem boa... O material é bom... Teve um engenheiro que eu trabalhei com ele, ele falava que era granulometria... Ele gostava de falar nisso...

M: Granulometria...

J: Você vai graduando a massa de acordo com a necessidade do trabalho, né...

M: Hã...

J: Aqui, como colocou 2, 3, 4 centímetros, aí foi bom usar esse material...

M: Essa massa mais fina que você vai passar vai pôr o quê?

J: Hã?

M: Essa massa mais fina que... não é com esse pó?

J: Vou te mostrar ali fora... É com essa areia industrial que tão usando agora... Antes dessa areia industrial o pessoal trabalhava com essa areia que o pessoal fala areia de barranco né, que tira na beirada do rio aí, ela também é bem pastosa, super fina. Mas tá ficando complicado achar dessa areia.

(Pausa na conversa)

J: Tava trabalhando com um cara que o pessoal chama de Alemão, trabalhando lá no bairro Jardim Glória. Aí, tava fazendo um... uns pisos antigos... Aí a pessoa de frente na janela: “Ah, eu estudei isso aí na escola! Isso aí quando eu era pequena eu estudei. É sistema de alavanca!” Aí, tá só falando, eu tô vendo. Aí, ele[Alemão] deu uma parada assim, olhou bem pra ela e falou: “E a lei do silêncio, a senhora não estudou não?”

M: [risos]

J: Ele era ignorante, bruto mesmo. Eu também já tava cansando...

M: Mas é que amola...

J: Tem cada uma... [risos]

[Logo depois disso fui embora, pois J estava somente tampando os buracos do teto, tentando “acertar” os desníveis. Como já tinha conversado com ele por um bom tempo, me despedi e fui embora]

Transcrição 4 – dia 17/05/07

J: Eu perdi um bom tempo aqui...

M: Que azulejo bonito! João, posso ficar te amolando?

J: Pode.

M: Posso, né? Você faz o quê? Cálculo pra colocar? Você falou que tava quebrando cabeça aí... Como que você faz?

J: Tem que calcular a altura... tem que calcular a altura pra... que a parede possa dar só azulejo inteiro. Pra gente fazer o mínimo possível de corte em baixo no pé.

M: Ahã...

J: O principal do azulejo é ele inteiro, né. É colocar ele inteiro. Então a gente tem que medir, fazer um [...], pra não perder muito. Isso é questão de milímetro, mexe um pouquinho com milímetro já dá um problema danado. Sempre dá uma diferença. E depois a gente tira a

dimensão aqui na horizontal, né. Pra ver de que lado vai ser o corte... tem que perder um tempinho, né...

M: Aí você leva, você faz em casa... ou você faz aqui na hora?

J: Não, isso eu faço aqui na hora. Esse azulejo grande assim, pelo tamanho dele parece que ele é fácil, né. Mas ele é mais complicado do que o menor. Com o menor a gente tem mais recurso.

M: Pra cortar, assim que você diz...

J: É. Pra trabalhar com ele mesmo, pra... aqui, tá vendo? Às vezes a massa sempre dá um caroço, uma bolha de ar, aí, com o azulejo menor tem como arrumar mais fácil. Agora o maior não tem jeito.

M: É mais fácil de assentar o menor, né.

J: É.

M: Esse azulejo até que não é muito trabalhoso... porque aqueles com desenho, que tem casar o desenho é bem mais trabalhoso, né.

J: É. O problema do desenho é... é o recorte. Você perde muito no corte. Às vezes você perde, vamos supor que deu oito peças inteiras aqui, em pé, né. Aí, dependendo do desenho você perde oito peças.

M: Ahã...

J: Você vai tirar uma parte, aí vai perder...

M: É, que não tem como emendar, né?

J: Não. Aí, o que acontece, é quando dá pra fazer a parte [...] e der pro outro lado da parede, e se não der, perde. Agora, tem gente que vai fazendo. Você vê no encontro, nos quatro cantos assim, não tem, não tem encontro, né.

M: Essas coisas também não tem o que faça aprender senão a prática, né? Isso aí é só na prática, né? [me referindo ao trabalho de assentar azulejos.]

J: É o trabalho artesanal, manual, né? Vai aprendendo na prática mesmo. Tem a teoria, o lado teórico, né, mas tem coisa que... é só fazendo.

M: Mas você acha que o conhecimento da escola ajuda? Se você tiver o conhecimento da escola... você conseguiria... você acha que as pessoas conseguiriam fazer isso mais fácil...

J: Com o conhecimento...?

M: Da escola. Igual um engenheiro, uma pessoa que estudou, você acha que se ele fosse fazer isso ele faria de um jeito mais fácil?

J: Olha... é... Você perguntou com o conhecimento da escola?

M: É.

J: O conhecimento didático ele é... ele é importante sim. E muito, não é pouco não. E a pessoa acaba [...] até mais, fica com a cabeça mais aberta. Agora, ter uma engenharia, um engenheiro...

M: Se fosse um engenheiro, por causa dele ter estudado, se ele fosse fazer um serviço manual desse será que ele faria de um jeito diferente...? Com um método mais prático?

J: Olha, geralmente, o engenheiro formado, ele tem as práticas, as técnicas que ele aprende na universidade, né. Tem também os que faz doutorado, vai pra fora, faz curso, participa de palestra, assim... as próprias empresas, né, essas empresas de material, faz essas palestras, né. Elétrica, hidráulica, essa própria Quartzolit sempre faz, sempre faz, convida, então aprende e com o conhecimento dele dos estudos, né, ele próprio vai criando também, né.

M: Mas assim, por exemplo, entre dois pedreiros, um que tenha estudado e um que não tenha, você acha que faz diferença?

J: Aí depende da prática do que não tiver estudado, né.

M: Às vezes a prática supera o conhecimento da escola.

J : Isso... Vai de uma coisa também chamada dom, habilidade. Entendeu?

M: Tem esse fator também...

J: Tem esse fator. [...] Igual o mecânico, o motorista, o músico, fico assim, eu vejo coisa que eu fico... O brasileiro por si só próprio já tem essas característica nele. O Brasil é a terra das artes [riso]. Não é?

M: É.

J: Ele tem facilidade. Mas o principal de tudo na construção civil é: tem que querer, tem que gostar, tem que ter tudo isso. Ter muita paciência. Porque, olha, eu acho que é um tipo de trabalho onde a gente tem mais aborrecimento. Eu trabalhei com um engenheiro, a gente trabalhou junto por aí. Aí ele chegou lá na obra e tinham contratado um decorador lá.

M: Hã...

J: Aí o decorador chegou todo arrumado lá, e foi cativando todo mundo, né. Aí começou: “Vamo puxar essa parede pra cá, vamos fazer isso, fazer aquilo, e quebra aqui, quebra ali”, e... realmente, ficou bonito o que ele projetou, mas ele não fazia uma conta. Fazia um rabisco e dava aquilo pra gente e não fazia uma conta, não tinha nada anotado nem nada, usava só a imaginação: vamos fazer assim? As madames, “Oh, faz”. O,engenheiro foi ficando jogado. Ele foi ficando invocado, invocado... um dia ele perguntou: o que foi [...] porque a vaca faz bolo, ninguém sabe, o cabrito faz bolinho e ninguém sabe, mas construção todo mundo sabe.

M: É.

J: Aí ele pegou, falou assim: “Ó, eu to indo embora , depois vocês olham aí, não volto mais aqui” e não voltou mais lá não. Foi lá pro clube Juiz de Fora jogar carteadado, e tá até hoje jogando lá. Comprou três táxis, tem três táxis na praça aí, e fica por conta disso. E ficou chateado, não quer mais não. Eu tento incentivar ele, ele “Não, não, eu falei pra você, minha opinião é uma só, pode ficar pra você.” Então, construção civil tem muito isso. Entendeu?
M: É... a pior coisa que tem é gente que não entende e vem querer dar... pitaco no trabalho. Nossa, isso é terrível.

J: Então é... construção civil tem muito isso. Igual mesmo numa grande empresa, igual quem trabalha na Petrobrás, aí chega lá em tem todas aquelas regra, né. Aí não tem como ninguém saí fora das normas. Pro restante, que trabalha por conta aí, é muito aborrecimento.

M: É...

J: Condomínio... Fui fazer um trabalho num condomínio, o pior pitaco que você encontra: o advogado do condomínio. Ele começa a inventar um monte de palhaçada pra fazer o dele, né?

M: Pra mostrar serviço, né...

J: Aí ele começa, que entende disso, entende daquilo, então aí é o primeiro obstáculo: o advogado do condomínio. Ele faz de tudo mesmo pra arrebentar. O síndico quer levar o dele também... É um atrapalhando o outro. Então aí já tá uma barreira... Tem que ter muita habilidade pra conseguir sair... Isso também não é em todo lugar. Em outros estados é diferente. É bem diferente... mas na minha cidade maravilhosa aqui...

M: [riso]

J: Terra de maçon, terra de maçon...

M: Mas a maçonaria não foi pedreiro, engenheiro que fundaram?

J: Isso aí é enganação... é enganação...

M: Porque até o que a gente tava conversando aquele dia dos símbolos que eles usam, o esquadro, o compasso...

J: Os símbolos não representa necessariamente a construção civil, né. O esquadro, esquadrejar, o compasso o círculo, a marreta pra quebrar... entendeu?

L: E a pirâmide?

J: A pirâmide dá os três pontos... Na nota de um dólar, tem uma pirâmide que eu acho que ela tá incompleta... ela tá incompleta... Aquele símbolo na nota de um dólar, na parte do livro de Daniel, fala sobre isso. Entendeu? Eles usam todos os símbolos. Na nota de um dólar tem esse símbolo. [...] Mas a maçonaria vem desde a época do Egito.

M: Mas eu acho que a gente aprende na escola alguma coisa que foram os pedreiros, os engenheiros que...

J: Isso é que tem que disfarçar, né. Tudo é... questão confidencial, né.

M: Que é todo um segredo que mantém a maçonaria, né.

J: Exatamente. É uma potência, né? ... Você vê as pessoas vão lá e assinam, marca três pontos ali, é maçom.

M: Isso eu já ouvi falar mesmo...

J: Um cumprimento na mão... Se você tá numa festa, na sociedade, o cara vem e te cumprimenta. Aí, se você for, ele já vai saber, porque tem o cumprimento correto, entendeu?

M: Ahã...

J: Se você não responder ele já vai saber que você não é. Então ele já sabe como vai te tratar. ... Nós vivemos num mundo muito cheio de mistérios, né. Cheio de perigo.

[Mudando de assunto]

J: Aqui estufou um pouco, tá vendo? [me mostra um azulejo que ficou um pouco estufado]. O azulejo nunca vem perfeito.

M: Ahã...

J: Aí é onde eu falo pra você que tem que ter um pouco de habilidade.

M: A única coisa que assim, que você usa pra medir é esse...[me referindo ao material que João usa pra ver se os azulejos estão ficando à mesma distância uns dos outros. Consiste em uma cruz de plástico que é colocada na junta dos azulejos.]

J: Isso é pra dar a junta, né.

M: Esse negocinho aí?

J: Esse espaçador ajuda. Porque antes fazia com prego, com pedaço de madeira, né.

M: Ahã...

J: Mas é o que eu falei, né. Vem um né e faz uma coisa...

M: Porque aí não tem jeito de usar prumo, essas coisas, nada né?

J: Não. Aqui é a marca né, e o ponto de nível. ... Eu comentei contigo sobre o negócio do tijolo, não comentei? Do pó de pneu?

M: Humhum.

J: eu não desisti ainda não. Eu tenho um desenho lá de uma máquina, um desenho de uma máquina. Pra moldar tijolo, aquele tijolo maciço.

M: Hã...

J: Aqueles tijolinhos que você me perguntou. Aqui era deles a parede. [se referindo à cozinha que está reformando]. Eu fiz, aí o carinha da oficina disse que ia montar. Ele tem solda, tem tudo lá. Até hoje tô esperando...

M: Você que inventou a máquina?

J: Desenho, alavanca...

M: Ah! Você jura?

J: É mesmo...

M: Nossa, que legal!!!

J: Alavanca pra prensar, um pedal pra sair da forma, né...

M: Hã...

J: Entendeu? [riso] Mas acabei deixando isso de lado lá... A de tijolo eu fiz dois. Fiz com isopor, com pó de pneu. Aí deixei ele secando lá, rapaz... Uma película de menos de um centímetro, de massa em volta, mas o negócio virou pedra. Aí depois peguei e joguei água em cima dele, joguei bastante água pra ver como absorvia. Tranqüilinho. Por causa do pó de pneu, né...

M: Nossa, João, se você conseguisse alguém pra investir nisso aí, você ainda ficava rico.

J: Lá em [...] o Paulo do sítio, quando ele viu ele ficou doido, cara, mas ele não quis me ajudar. Aí depois disso, lá em Belo Horizonte, um cara começou a fazer pra ele mesmo, né. Ele tava com uns problemas de contenção lá no muro dele, e na casa dele tava entrando muita umidade. Aí ele pegou e fez um negócio desse, fez uns blocos desse aí. Falei, "Ó, demorei".

M: E se você começasse a fazer assim pra uma obra em que você fosse trabalhar...? Será que não...

J: É, isso aí é o seguinte: primeiro passo: tinha que conseguir um depósito de isopor, um lugar que tivesse o refugo, né. Segundo passo, é conseguir... conseguir a raspa do pneu, né. O restante é areia, saibro, coisa minha, né.

M: Ahã...

J: E um espaço pra fazer a forma. Precisava de um espaço, um quintal... Um espaço mínimo de uns 10 por 10, 10 por 5, um espaço assim. Aí pra gente poder montar o quadro, de madeira...

M: Você faz de quantos em quantos?

J: Pode fazer tijolo do tamanho desses aqui. 40 por 30, 10 por 20... Uma demão só dá pra fazer 100 de uma vez.

L: Os de bloco com um saco de cimento você faz 60 blocos. Deve fazer uma média de uns 3000 tijolos por dia.

M: Nossa...

[J me fala sobre uma reportagem que viu na televisão na qual um engenheiro falava sobre vários usos do pó de pneu na fabricação de tijolos e outras atividades relacionadas à

construção civil. Me diz que não anotou o site no qual tinha as informações e me disse que se eu tivesse oportunidade, era para verificar.]

M: E essa idéia da máquina, você começa a bolar, assim, vai fazendo...

J: É aquilo que eu disse, quando você me perguntou a respeito do engenheiro. O que aconteceu? O engenheiro estudou bem a matemática, não só a matemática como a física também, né. Então ele dentro da construção civil se ele tem uma facilidade e a disponibilidade pra criar... então aí vai juntando, né. Ele vai mudando o jeito de trabalhar, aí vai juntando...

M: Você estudou até quando?

J: Ai...

M e J: [risos]

J: Agora você me pegou! Agora me pegou, cara...

L: Faz tanto tempo que nem lembra...

M, J e L: [risos]

J: Eu tirei a quarta série e aí parei de estudar um tempo,

M: Hã...

J: Tive uns problema em casa, né. Uns problema em casa, aí fica meio complicado, né. Aí tive a oportunidade de fazer o que eu gostava: mexer com cavalo de raça, né.

M: Humhum...

J: Aí fui pra dentro, aí fiquei quatro ano parado, aí depois fui fazer o ginásio, integral. Fui fazer o integral, mas também não tive muita paciência... [riso] Aí parei. Aí parei e... eu não tive pai. Eu nasci e meu pai morreu. Fui criado pela minha mãe, né. E ela com problema de saúde, e foi muitas coisas, sabe. Desequilibrou a gente. O emocional, sabe...

M: Imagino...

J: Aí, meu irmão mais velho é que continuou.

M: Seu pai era pedreiro?

J: Não. Meu pai era lavrador. Aí ele veio pra cidade trabalhar na rede ferroviária. Aí ele acidentou lá. 30 dias de nascido...

M: Nossa...

J: Então, aí foi uma vida muito complexa pra mim, sabe.

M: Ahã...

J: Aí, tive que partir pra dentro. Igual meu irmão mais velho estudando, o pessoal achando que ele... porque era o mais velho ia puxar, né? Puxou não.

M: É esse irmão que você disse que começou a trabalhar com ele?

J: Não. Esse irmão foi estudar, né. Foi pro exército, depois saiu também... E eu sempre sozinho na luta, né. Sozinho na minha luta. Aí eu fui pegando aqui, pegando ali, aí depois parei de mexer com cavalo e fui pegar na construção. Aí fui pegando, pegando, me envolvendo... Aí larguei a construção e fui pra confeitaria... uma época. Aí fiquei lá um tempo, e...

M: Seu negócio é criar mesmo, né? Aposto que na confeitaria você devia ficar inventando coisa também...

J: Eles não queria que eu saísse não, mas a rebeldia...

M: [risos]

J: Aí voltei pra construção de novo, tava numa época boa quando eu voltei, na época do Collor, né. Na época do Collor o campo tava bom mesmo, aí voltei. Voltei e mandei mesmo. Aí, resolvi fazer o supletivo. Fiz o supletivo. Fiz a prova do estado e passei em História, Geografia... Aí depois fui pra Ciências, Português, Matemática. Aí chega lá um professor muito ruim, um sujeito ignorante, passava a matéria no quadro: “Ó, o conceito é esse.” Eu ficava olhando pra ele. “Professor, esse é o conceito, mas tem um princípio aqui... você só falou do conceito.” Ele virava as costas. Aí eu fui desanimando. Aí, Português era uma professora daquelas antigona, da época do Machado de Assis...

M e J: [risos]

J: Colégio de freira, né, aí, era danado. “Não me dei bem dessa vez.”. Só a professora de Ciências que eu me dava bem. Aí comecei a me desenvolver bem. Aí, fiz a prova... Cara, sabia que até hoje eu não voltei lá pra ver se eu passei na prova? Eu fiquei tão chateado com o professor que nem voltei lá mais. Nem sei se eu passei em Ciências, mas eu fiz a prova. Aí peguei e parei. Parei como todo bom adolescente, todo jovem, empolgado, tava com dinheiro no bolso, né? Já acha que tá pronto pra encarar a vida...

M: É...

J: Aí joguei tudo pro alto, e fui me aventurar. Aí foi meu erro. Perdi dez anos da minha vida. Perdi dez anos da minha vida, Michele. Aí, como eu não tive pai, pensei que o negócio era ter uma família. Hum, hum. Coloquei minha vida todinha em cima de uma pessoa. Quase me levou à morte.

M: Nossa!!!

J: Não é fácil não, Michele. Tem um colega meu que falou que a vida é uma caixinha de surpresas, e é mesmo.

M: Mas é mesmo. Nossa senhora...

J: Eu entrava no banheiro pra ninguém me ver, mas como eu chorava... Eu falava: “Deus, por que você tirou meu pai? Se meu pai tivesse aqui, eu tinha estudado, isso não tinha acontecido...” Aí eu falava com meu irmão mais velho: “Se ele tivesse aqui eu tenho certeza que ia estar na universidade, se meu pai tivesse aqui”. Minha tia conta as histórias dele, né, o que ele pensava... Aí eu ficava questionando Deus: “Por quê? Por quê?”

M: Mas nessa época você não era muito de igreja ainda? Você ia à igreja, assim...

J: Não ia não. Às vezes, se tinha um evento e me convidava eu ia. Eu criança e meu irmão do meio, convidava a gente e a gente ia. E a gente tinha uma facilidade porque a gente chegava lá e entrava, a gente ajudava, mas acabava aquilo ali... Eu e meu irmão era o maior barato.

M: Hã...

J: Chegava final de semana, ele: “Vamo sair João. Vamo embora!”. A gente ia aí pelas ruas, ia passeando nos bairros, onde que tinha uma festa [riso].

M: Já iam correndo? [riso]

J: A gente era cara de pau mesmo. O famoso penetra.

M: [riso]

J: Meu irmão era danado. A gente não ficava sem festa não. Eu gosto de contar essas histórias... Meu irmão falava: “A gente não vai ficar sem festa esse final de semana não. Não vamos mesmo.” Aí, então tá, vamos embora. A gente chegava no bairro aí tinha aquela festança, a gente ia chegando, chegando... Meu irmão era esperto. Era criança mas era esperto. Chegava: “Oi boa noite, tudo bem? Quem que tá fazendo aniversário aí? Eu esqueci...” “Não, não á aniversário não. É um noivado.” “Ih, rapaz, acho que entrei na rua errada... Mas já que eu to por aqui mesmo, como é que é o esquema aí?” E quando vê já tava lá na cozinha... [risos] Tem aqueles caras da Globo, os Cara de Pau? Num ganhava da gente não.

M e J: [risos]

J: Mas, então, foi essa vida aí, sabe. Essa vida aí. Essa vida que foi acontecendo assim. ... Acho que pelo fato de eu não ter tido um pai, pela vida de esforço, eu larguei tudo por um projeto: queria ter uma família que eu não tive, entendeu? Aí acabei [...] podia ter esperado mais um pouco. Aí, fui sugado. Fui totalmente sugado. Aí foi embora todas as oportunidades que eu tive, de fazer cursos... Eu tinha começado a fazer um curso de pátina... alguma coisa eu peguei, outras não. Aí, tava indo bem, sabe? Aparecia um monte de oportunidade eu pegava e jogava tudo por alto. Aprendi a ser independente muito cedo.

[João começou a assentar os azulejos de baixo, deixando um espaço embaixo para o recorte. Nesse momento, ele tinha completado a penúltima fileira de baixo pra cima e iria conferir se

suas medidas tinham ficado corretas, ou seja, se o espaço que tinha ficado em cima daria um azulejo inteiro.]

J: E agora, Leandro? Agora que a gente vai ver, né? Agora, hein?

M: Tem que ficar encaixadinho aí, né?

J: É agora...

M: E essa medida que vocês fazem ainda tem que fazer esse desconto do... do que seria o rejunto...

J: Graças a Deus! [Alegria de João ao constatar que o espaço era exatamente o necessário]

E: Deu?

J: Deu, com a folguinha que eu queria lá em cima.

E: Ficou show.

J: Olhando assim a olho nu você não percebe nada de errado assim no teto, né.

M: Ahã...

J: Nessa ponta aí, nessa laje aí, ela desceu. Aqui ela subiu. Lá naquela ponta lá ela subiu.

M: Aqui no canto só que dá pra perceber que tá um pouquinho mais alto. Só aqui, mas o resto, não dá pra notar nada...

J: Ali naquele canto tem quase quatro centímetros de massa... Ali eu vou ter que tirar quase um centímetro no azulejo... Não percebe, né?

M: Não.

J: Isso fica na cabeça direto, né.

M: Mas um errinho... é fatal mesmo... Você falou numa outra obra que você fez, que você começou o azulejo não foi de cima?

J: Foi. Foi ali na frente ali.

M: Mas geralmente começa assim, de baixo?

J: É. Igual eu tava te falando, fui me envolvendo [J resgata a conversa que estávamos tendo sobre a idéia que ele tinha de construir uma família e acabou sugado por um relacionamento], fui parar no Rio de Janeiro, entendeu? Fui parar no Rio de Janeiro, larguei emprego, larguei tudo... Aí no final das contas, sabe igual a gente vê em novela, em filme? Fui largado na rua da amargura. Perdi tudo, Michele. Perdi tudo. De uns dois pra três anos, eu tô recuperando tudo, tô recomeçando... As pessoas são muito malignas, muito malignas. A gente não acredita, né.

M: É... mas tem muita gente ruim nesse mundo...

J: Abri mão de tudo também, abri mão de tudo, pra cuidar do espírito. Pra cuidar do espírito e da alma, senão eu ia morrer.

J: É igual eu te falei, eu sou [...]

(Pausa na conversa)

[J conversa com o ajudante Leandro]

[J me explica sobre a formação de bolhas de ar atrás dos azulejos. Me diz que se isso acontece, os azulejos começam a estufar e podem se soltar. Ele me fala isso como que para justificar os tantos tapas que ele dá no azulejo ao assentá-lo.]

J: Vou te contar uma boa também, mais uma da construção civil.

M: Hum...

J: É a dificuldade, né. Quando os caras foram colocar o cimento na laje lá, [João se refere à laje a qual eles colocaram na outra obra onde comecei minha pesquisa] a massa ficou boa. Primeira dificuldade: as fotos não saiu. Aí falei com os caras pra ir na terça-feira, não foram. Ontem não foram. Falei vamos cancelar isso. Jogar areia na laje, nada. Aí hoje eles foram. Aí vamos lá, vamos fazer, foram de manhã, fizeram um pedacinho lá, deixaram cheio de buraco, onze hora foram almoçar, até agora não voltaram. [isso devia ser por volta das 3 da tarde].

M: Que isso...

J: É difícil... Foram almoçar e ficaram...

L: Os cara não tem responsabilidade não.

M: Não tem mesmo... Querem as coisas tudo na moleza...

L: Tão acostumados, né, a ter...

M: Mas tem uma hora que tem que começar a correr atrás, né.

J: Tu lembra que uma vez eu comentei contigo que esse pessoal não tem cultura, que o bairro precisa?

M: Ahã...

J: Mas... Fazer o quê, né? Esses políticos, o presidente do bairro, cada um só pensa na sua idéia. Tava conversando com o dono da loja de material de construção ali, a respeito disso. “Ah, não tem que ter nada mesmo não! É só esse funk, não tem que ter lugar nenhum.” Falei: “Você só fica falando de funk, eu tô falando de cultura...” “ Eu falei pra ele assim: “As pessoas aí de nome no bairro poderia até lutar por isso, né. Fazer alguma coisa pra comunidade.” “Tem nada”. “Você prefere vê o povo morrendo de droga aí, né?” Aí é difícil, né.

M: Mas a gente vê cada coisa, né... ali na escola... E às vezes pede ajuda à família, e não tem retorno nenhum. Eles acham que a escola que tem que dar conta de tudo. A gente faz reunião, chama pai, chama mãe, pede pra colocar os meninos pra estudar em casa, uma hora por dia que seja... nada.

L: E pior que muitos pais nem vai.

M: É. Os pais dos que mais precisam ir, daqueles alunos que dão mais problema, não vão. Já tá tão descomprometido que já deixou pra lá mesmo, que nem vai atrás.

L: É um investimento que não tem retorno, né.

M: É agora que é o tempo deles estudarem e os pais não dão incentivo...

L: Não incentiva, não obriga...

M: Ahã...

J: É aquilo que eu falei, as famílias tão tudo desestruturada... Mãe, pai, não respeita mais ninguém... É mãe que não respeita pai, pai que não respeita mãe... Tá tudo ilusão aí. Só vai em casa pra tomar banho, e já vai pra rua. Não tão nem aí.

M: E adolescente com tanta coisa à disposição: televisão, internet, vídeo game, vai querer ficar estudando se não tiver um pai e uma mãe pra ficar cobrando em cima?

L: É verdade...

M: Não fica de jeito nenhum...

J: O filho vê a mãe desrespeitando o pai na frente dele, a mãe desrespeita o pai... Aí vai criando um choque, né. Aí vai querer só rua mesmo...

(Pausa na conversa)

[João começa a falar sobre alguma experiência que teve num grupo de capoeira e a conversa se encaminha pra professor, por causa do mestre que ele diz que teve.]

J: Uma vez que eu tive lá na academia, o mestre chegou pra mim e falou assim: “Ó, não basta ser mestre não, tem que ter dom, tem que ter habilidade, entendeu?”. Ele falou “Não basta saber não.” Então, pra ser professor, tem que ser dura, mas aquele duro com amor.

L: É bom aquele tipo de professor que gosta de passar aquilo que ele sabe.

J: É bom. O cara te dá uma dura mas é porque ele tá vendo que... que vai fluir, né?

M: Que vai pra frente, né.

J: Isso é bom... Eu lembro até hoje, cara, [...] me levou lá no [...] no Manoel Honório. Aí chegou lá, todo mundo foi pra educação física, eu troquei de roupa pra ir pra educação física, ele me chamou lá e “Não, vem aqui pro pátio”, me chamou de metido, falou assim comigo. Falou “Vem cá”. Cara, ele me deu uma seção de exercício, eu tava quase morrendo já, aí eu falei “por que você tá fazendo isso, mandou eu ficar só repetindo? Fazendo esse monte de negócio repetitivo aqui? Não to agüentado isso não.” “Cala a boca, vai fazendo aí.” Mas eu falei: “Tudo repetitivo, pra que isso?” Ele falou: “Vai fazendo”. E lá tô eu fazendo. A hora que chegou os caras da roda, aí ele falou “Pode ir”. Aí eu fui. Ele pegou, rapaz, mandou todo mundo entrar na roda pra cima de mim, cara. Mandou vir um atrás do outro. Saía um, vinha outro, saía um vinha outro. Depois ele mandou ficar dois e lá de fora ele me olhando assim...

Aí ele falou assim: “Lembra do exercício” [leve riso]. Ah, rapaz, na hora que eu lembrei do exercício, aí eu entendi, cara... aí eu entendi...

L: Era pra você olhar pros quatro cantos.

J: Cara, eu peguei todos aqueles exercícios que ele fez eu passar, olhei ali, fiz ali, e resolvi. [nesse momento, João encosta num fio de uma tomada e leva um pequeno choque, nada que tenha causado alguma coisa, além do susto] Ai, caramba! [voltando ao assunto] Aí peguei, me dei bem, aí ele me chamou lá e falou: “Aí, rapaz, não falei pra você que pra ser mestre não precisa só saber? Tem que raciocinar rápido, ter visão, [...] quando eu cheguei aqui e olhei, já vi tudo que ia acontecer aqui dentro”. Entendeu? Foi onde ele falou: “tem que ter visão.” Apreendi muito com ele, viu...

(Pausa na conversa)

J: Quando eu tive no Rio de Janeiro, um tempo, como te falei, me envolvi com uma pessoa lá... foi meu erro. Rio de Janeiro acabou. Lá não é um bom lugar pra você ter filho. Fico me perguntando o que que vão fazer lá, com a juventude, com as famílias, se tivesse um filho lá... [...] As meninas da faixa de idade do Caio (seu antigo ajudante que é meu aluno), algumas que ainda têm um acompanhamento da família ainda estuda. E lá pelo menos o governo lá ajuda.

M: Hã...

J: Os colégios, livro, incentiva, né. Pelo menos tem essa vantagem lá. O estudante tem uma carteirinha, e eles apresenta os documentos na empresa de ônibus, aí eles apresenta a carteirinha, entra pela porta da frente... e mochila, uniforme, tudo eles dão. Pelo menos tem essa vantagem. Mas às vezes não tem condições de estudar, devido a tanto tumulto na família, a gangue, guerra de gangue, droga, hoje tá com o Manuel, amanhã tá com o Mané, aí é muita coisa...

M: É...

J: É... algumas meninas chega numa idade já abandona o colégio... entra também já na bagunça... e por aí vai... esses meninos na idade do Caio já tá tudo na bagunça...

M: É triste né.

J: Uma experiência muito grande que eu tive. A lei do cão.

M: Mas o Rio de Janeiro é um lugar que eu não tenho vontade de ir de jeito nenhum...

J: O centro do Rio, né e baixada fluminense que é pior. Agora o estado do Rio, o estado, as cidades lá, tem muita cidade boa lá.

M: Ah, sim...

J: O Rio de Janeiro em si...

M: Ah, lá na capital eu não tenho vontade de ir não, de jeito nenhum... Passar naquelas linha amarela, linha vermelha...

J: [risos]

M: E tomar bala ainda?

J: Ih, já andei muito ali. Andei muito.

[João começou a me falar sobre sua experiência nos trens no Rio de Janeiro. Disse que entravam os camelôs, depois os pivetes, depois os malandros com sua mesinha de carteados. E entra na conversa e diz que no Rio de Janeiro ninguém fica sem dinheiro.]

L: Você vê, ninguém fica sem dinheiro naquele Rio de Janeiro. Vê o mais pior tá com dinheiro.

J: O Rio tem essa vantagem. Tudo que você faz lá dá dinheiro. O povo lá é um pouco sofrido, mas é um povo trabalhador... Mas tudo que eles tem de trabalhador também tem de covardia..., entendeu?

[João, ao colocar a última fileira de azulejos na parede, chegando no teto, vê que alguns azulejos vão ter que ser cortados um pouquinho, questão de milímetros, para que encaixem no desnível que tem no teto. Ele já tinha me dito que o teto era um pouco problemático, pois tinha uma caída no centro. Não foi possível tirar toda a diferença somente na massa. Sendo assim alguns azulejos teriam que sofrer um leve desgaste para que pudessem encaixar no espaço. João estava comentando isso com seu ajudante Leandro.]

M: Quem entende é outra coisa... Eu tô olhando e pra mim tá tudo ótimo... [me referindo à questão apontada acima].

[João pede a torquês para Leandro para que possa fazer o corte no azulejo pra tirar a parte necessária para que encaixe no espaço próximo ao teto.]

J [após terminar de cortar o azulejo]: Eu não gostava muito de matemática não. Eu até me saía bem, quando eu estudava, as coisas que a professora passava, eu me virava e dava o meu jeito. Mas não era fácil não... E hoje, tudo é matemática. Tudo. O que eu mais lembro é da fórmula da [...] [J está lixando o azulejo que ele acabou de cortar. Por isso não dá pra entender]. Português eu era bom, a única coisa que eu dei upa foi redação. Conjugava aquele monte de verbo, substantivo, mas na hora da redação... não gostava de escrever não. Quando começa aquela coisa de Machado de Assis então...

M: Machado de Assis é difícil mesmo... não dá pra entender o que ele fala não...

J: Falei “Não vai dar esse negócio pra mim não”. Uma vez a professora pediu pra gente fazer uma redação. Ela ensinava, mas na hora de fazer a redação o tempo ia embora e não

desenvolvia. Sempre gostei de ler, de escrever, mas com calma, né. Aí ela ensinou o método lá. Fazia bem o método, mas depois, [riso] não deu resultado mais não.

(Pausa na conversa)

J: Tem outro detalhe também: ilusão de ótica. Você sai, olha de longe, dá uma olhada...

(pausa)

J: Isso tem que pensar tudo antes de fazer o serviço, tem que calcular tudo. Puxei o defeito pra cá, aí coloquei a porta aqui, porque aqui é um canto morto, né. Assim ninguém vai perceber isso aí. Mas seu eu não olho isso e começo a colocar azulejo na parede, vem fazendo, fazendo, chego aqui, aí não tem mais jeito.

(Pausa na conversa)

M: Nossa, gasta muita massa, né?

J: Gasta... O azulejo... isso aqui é cerâmica, né... o azulejo mesmo, é... você chega na loja lá e “Isso é azulejo”, não é azulejo. O azulejo é uma massa branca, o peso dele é bem menor, a massa branca é mais macia... Com esse aqui gasta mais massa, porque ele é mais pesado, então tem que pôr bastante massa pra segurar.

M: Pra fazer aquele cantinho vai ter que cortar o azulejo tudo? [Me refiro a um lugar onde há uma coluna e, pra tirar a quina, João fez um preenchimento, mas o espaço que ficou é menor que uma peça de azulejo.]

J: Vai. Aquilo lá é uma coluna. Eu fiz aquela quina pra não ficar um corte.

[João, com a ajuda de seu ajudante está medindo um azulejo que vai ter que ser cortado, pois bem no meio do lugar onde a peça dever ser encaixada tem uma caixinha de energia. Primeiro João mede na parede, no sentido do comprimento, a distância necessária, onde vai ter que ser feito o corte. Depois mede no sentido da largura. Com um prego ele faz a marca no azulejo, que será cortado depois de ser assentado]

J: Fui uma vez lá no Granbery, fazer um trabalho, aí a dona me chamou, né. Eu fui consertar o banheiro pra ela, que lá tinha dois degraus. Um do lado de fora e um do lado de dentro do box. Não sei qual que era o problema lá, acho que eles tava cansado. O degrau tinha uns trinta centímetro de altura... e também pra trocar uma porta que não abria direito por causa do armário. Ela me chama lá pra quebrar esses degraus, corrigir o azulejo que tinha quebrado, né... Aí pega: “Quanto você vai cobrar isso aí?” Pedi uma merreca, cara. Pedi uma merreca pra ela por esse serviço. Não pagava nem o transporte das ferramentas. Aí ela foi lá na cozinha e buscou uma marreta dessas maior aí.

L: De dois quilos?

J: Ah, de um tamanho assim... “Ah, deixa eu te mostrar minha marretinha aqui. Deixa eu te mostrar minha marretinha... Não, tá muito caro. Isso aí eu quebro. Não dá nem um dia de serviço.” Ah, eu queria ver a intimidade dela com a marreta... [riso] Eu falei, “Ah, a senhora pode ficar à vontade aí.”

L: Igual uma [...] que pediu pra abrir uma porta pra ela, ela me pega um pedaço de pau e despenca bordoadada... [risos]

J: Mas é essas coisas que você encontra por aí, Michele.

M: É...

J: É isso que a gente vai encontrando por aí... Tá vendo aqui? Aí já corta no lugar. É só ter um pouquinho de paciência...

M: Aí corta com o quê?

J: Com a [...]. Ah, é cada uma... que a gente vê por aí...

(Pausa na conversa)

J: Tem lugares aí, Michele, no setor imobiliário, essas construtoras, que a pressa de entregar imóvel, né, eles pegam assim e joga isso na parede, nem vê se ficou direito, e pronto. Aí depois passa uns seis meses que o cara tá morando lá, começa a desgrudar tudo. Tem um conhecido meu, que dois em dois anos vai lá em Toronto, no Canadá. Ele falou comigo: “Ó, J, vai perseverando, no jeito de trabalhar”, que no futuro ele vai dar um jeito de me levar pra fora, pro exterior. Gente que precisa lá pra trabalhar... porque as pessoas só vai construindo, construindo, e chega um tempo que tem que haver as reformas, né?

M: Ahã...

J: Então a pessoa que tem a habilidade... quem tá acostumada a só pegar assim essas obras e tocar pra lá, né, não tem jeito... Às vezes o cara estudou, tem tudo a teoria, né, mas quando chega na prática ele não sabe onde começa nem onde termina. Dá um problema ele não sabe como resolver, entendeu? Aí ele me disse: “Ó, J, não desiste, vai perseverando...” Portugal mesmo já tá reformando lá. São muito antigas as construções lá, né.

[João, conversando comigo enquanto íamos descendo pelo bairro, retomou esse assunto. Como eu não estava mais gravando, não registrei tudo que ele me falou, mas lembro de boa parte da conversa. J me dizia que atualmente, há uma tendência a ser fazer mais reformas do que construções de fato, pois não há mais espaços para construções. Trabalhar em condomínio, em locais onde há sempre a necessidade de se arrumar alguma coisa seria uma tendência no setor da construção civil, segundo sua análise.]

[João e seu ajudante estão decidindo por onde começarão a colocar os azulejos em outra parede, pois J havia acabado de completar uma parede. Eles fazem a análise para ver de que

lado vai ficar o recorte, pois isso é bem observado por João, para que fique o menos visível possível.]

J: Você chegou a ouvir a respeito da fábrica de bombons aqui no Brasil que... que hoje ela trabalha com um compressor na mesa de produção?

M: Não.

J: Que eu achei engraçado... Na fábrica de bombom, tava tendo muito... muito bombom menor, às vezes torto, e outros vazio, só a embalagem. E nas caixas, os cliente tudo reclamando... Aí eles não sabia como que achava o problema... porque tava acontecendo aquilo. E tinha uma faxineira que trabalhava lá direto, e ela sempre observando... e tal... Ela tava trabalhado lá dentro e observando tudo o movimento da fábrica...

M: Hã...

J: Aí, passou muito tempo procurando, chamou o técnico lá e nada... Aí ela viu que esse negócio da fábrica tava ficando preto, era o emprego dela também, né.

M: Ahã...

J: Ela foi lá, falou com o diretor e pediu a ele uma oportunidade. Aí desfizeram dela... Aí ela pegou e chamou outro gerente lá e falou: “Olha, quero ajudar a resolver esse problema, mas vocês não querem... Vou começar a procurar outro emprego já!” Aí o cara foi lá viu que o negócio era muito sério. Aí deram a oportunidade pra ela, levaram ela lá na produção, aí ela: “Senta aí.” Puxaram uma cadeira lá e ficaram olhando a banca, a esteira, né. “Fica olhando aí.” Ficaram olhando, olhando... “Eu não tô vendo nada.” Ela falou: “Que isso! Vocês não tão vendo?” “Não.” “Continua olhando.” Deixou eles bastante tempo e eles não via nada. Aí ela foi lá e buscou um compressor, buscou um compressor e colocou do outro lado da esteira, colocou uma mangueira assim e travou, abriu o compressor assim com pouco ar, né? Aí a esteira vinha e o ar só soprando reto, né. Aqueles bombons que tava vazio, só a embalagem, ou tava menorzinho assim, saía com o vento. Tirava ele da esteira. [riso]

M: Olha só! Era mais leve, né, aí o ar empurrava... Que interessante...

J: E ela ficava ali, só observando, ela foi entendendo, observando, aí quando ela viu o problema, ela solucionou ele. Aí hoje eles trabalha assim. Aí deram uma promoção pra ela lá... Quando eu ouvi essa história, uma coisa eu também aprendi. Aí quando o pessoal sai aí pra fazer um serviço, alguma coisa, eu fico observando, devagar... Se der pra resolver na hora tudo bem, se não der, fico observando.

M: Essa coisa de querer fazer tudo na hora, correndo, às vezes não da certo, não. Tem que ter calma, né.

J: Um amigo meu, o cara e inteligente pra caramba, tava fazendo um negócio, que não tava dando certo. Aí foram lá e sopraram um negócio no ouvido dele. Ele pegou a humildade dele e ouviu, ouviu a opinião. Ele pegou... como é que eu posso dizer... um técnico formado, né, um técnico, um cara bem estudado mesmo no ramo, né, e um leigo, colocou os dois pra trabalhar juntos, entendeu? O que um não tinha o outro tinha, entendeu? E os dois foram se unindo, ali, e começou a acontecer aquelas idéias, entendeu? Além disso o cara trabalha em casa, faz o seu horário...

M: Mas é. O conhecimento teórico só não resolve tudo. Resolve algumas coisas, mas o conhecimento prático às vezes resolve muito mais.

J: Eu acho o maior barato aquilo, sabe. O cara trabalha a hora que ele quer, trabalha na firma ou trabalha em casa, né, e a produção do cara vai embora... Tem muita idéia. O cara com a mente limpa, né, tranqüila, o cara cria, né. Quando não tem pressão, horário, a mente do cara pode pegar a estrada... Não tem medo de perder o emprego... [João está assentando os azulejos, e fica dando vários tapas neles para ficar bem assentado. Nesse momento, me diz que tem um martelo de borracha para fazer esse serviço, mas que prefere mesmo a mão.]

(Pausa na conversa)

[João faz uma medida da parede, parecendo que quer fazer um cálculo.]

J: Um e vinte... Vamos ver aí, Michele. Multiplica pra mim aí... tá com calculadora aí?

M: Não, eu faço no papel...

J: Dois e dezenove vezes... quanto tem aqui, que aquela hora a gente mediu?

L: Três e oitenta e quatro...

J: Três e oitenta e quatro menos dez...

L: Três e setenta e quatro...

J: Três e setenta e quatro, depois a gente desconta esse corte aqui em cima...

M: [Estou fazendo a conta $2,19 \times 3,74$] Deu 8,1906.

J: Então, a massa aqui, dividido por 2, contando o tanto de areia que você colocou... Deu 8,19. Então, deu uma média de 4 metros. Tá vendo, cada massa dessa aí deu uma média de 4 metros. Tá dentro do padrão... dentro do padrão...

J: Maravilha... só vou ter que tirar um dedinho aqui... [J se refere a um azulejo que tem que assentar num canto, conversando com o ajudante.]

(Pausa na conversa)

[Nesse momento João se retira da cozinha que está sendo reformada e eu fico sozinha com Leandro, conversando com ele sobre as questões da obra]

M: Aqui também vai colocar tijolo de vidro? [Tem um lugar na cozinha que, pra melhorar a

iluminação, serão colocados 6 tijolos de vidro. Faço a pergunta me referindo a outra abertura, onde será colocada uma janela]

L: Não. Aqui é uma janela de alumínio... Tijolo de vidro é só ali mesmo... Vai entrar aqui uma janela de alumínio, uma ali, outra aqui, ali a porta.

M: Aquele tijolo de vidro é tão caro, né?

L: É bem puxadinho mesmo...

M: Fica muito bonito, mas é muito caro...

L: Deve tá uns doze reais cada um...

M: E agora tem uns coloridos também, né...

L: Tem.

M: Eu não cheguei a ver não... Só vejo do transparente mesmo...

L: Mas sempre teve, o azul, o vermelho... Mas o branco é bem melhor porque clareia mais o ambiente.

M: É... Também combina com tudo...

L: Os coloridos fica mais pra enfeite, né...

[Nesse momento, são 3:30 da tarde e João chama o ajudante para tomar um café]

J: Eu trabalhei... sempre fui louco pra aprender a dirigir, a pilotar, sou apaixonado por isso... até hoje não fiz auto escola ainda. Essa viagem pro Rio, acabou com as coisas... Aí, trabalhei numa empresa de ônibus, como auxiliar de mecânico...

M: Hã...

J: Pra ver se dava uma oportunidade lá... minha paixão, pilotar um ônibus daquele... Quando eu vejo esses ônibus modernos aí... eu fico doido... [riso]

M: [riso]

J: Eu já viajei muito, é muito gostoso... pegar uma estrada com um veículo possante... Aí eles me jogaram prum setor ruim pra caramba... Aí não, não é isso que eu quero. Sempre agitado, sempre ansioso, né. Aí eu falei: olha, não quero isso aí. Ficar desanimado aqui dentro não dá. Aqueles ônibus chegava de viagem do interior, aí, quer dizer a graxa, mais a poeira, além de mexer naquelas engrenagens, com óleo quente, aquilo vinha e queimava na pele da gente... aí falei, vou voltar pra cimento mesmo que é bem melhor...

M: Cimento você lava e acabou... [riso]

J: Fiquei dois meses e saí fora...

[João e Leandro estão usando uma mangueira com um liquido dentro pra medir a altura dos azulejos ao mudar de uma parede pra outra. Usam essa mangueira como um nivelador]

M: Isso aí é pra ficar no mesmo nível?

L: É por causa da altura, né. Porque tá partindo daqui pra cima, aí tem que ficar no mesmo lugar.

J: Se não fizer isso, for no olho, quando chegar na outra parede tá torto, entendeu?

M: Aí quando fica na mesma altura o líquido é porque tá no mesmo nível?

L: É...

M: Hã...

J: Sempre dá uma diferencinha, uns dois milímetros...

M: Você coloca a sua primeiro aqui, João, você coloca a sua primeiro e depois põe a de lá?

J: Não. Tem o ponto de partida, né.

L: Começa aqui, porque o ponto de partida é esse. Aí ele marca lá.

J: Onde a marca para é que eu tenho que bater, entendeu? O ponto de partida é lá... Ele é que tem que comandar lá. [João refere-se à ponta da mangueira que está com Leandro, que está marcando na parede onde já tem o azulejo. Então, o ponto de partida seria um lugar que já tem a altura definida.]

J: Se bater errado lá, erra aqui.

M: Por que que dá certo será?

L: Porque a água fica na altura certinha da outra...

J: A água pode... confere aí que acho que ficou meio torto aqui... A água, devido a ser líquido, né, ela nivela.

M: Mas não pode tampar a ponta não né?

J: Não.

J: Tem que pôr a régua e conferir com ela agora.

J: Olha como é bom ter conhecidos... Um amigo meu, engenheiro elétrico, encontrei com ele, ele falou pra marcar um dia pra ir lá no escritório dele, ele montou um escritório agora, ele foi professor do SENAI muito tempo em São Paulo, Juiz de Fora, agora ele montou um escritório... escritório não, uma firma, ele me convidou pra gente ver se trabalha junto...

M: Que legal...

J: Setor de matemática... [riso]

M: [riso]

J: Cálculo... é muito. Rede predial, né, tem muito cálculo... Um cara bacana.

J: Fui trabalhar com um cara aí, um português, ele tava separado da esposa dele, problema com advogado... Pediu pra fazer uma fachada na entrada do prédio, porque ele tinha que dividir o prédio com ela, né. Chegou lá, fazendo o serviço tranquilo, beleza, na porta dela, né. Aí, se desse problema era pra cima dele, né. Aí ele mandou chamar o advogado. O homem

chega lá, bravo: “Qual é rapaz? Te dei o trabalho achando que ia terminar logo isso aí, mas é só esticar linha pra lá, linha pra cá...” Rapaz, eu fiquei [João conversa com o ajudante, pedindo que lhe dê prego e martelo. Ele está tentando arrumar um azulejo que ficou um pouco ‘aberto’, usando um prego pra segurar]. Só sei que é muito difícil, cara. Trabalhando há 10, 15 anos nesse ramo, Michele, dá pra formar pra guru, [riso] entendeu? Formar pra guru...

M: [risos]

J [para o ajudante]: Me dá aquele martelo de borracha pra eu bater aqui. [João bate com o martelo] Acho que fechou um pouco.

L: É, fechou.

J: Fechou um pouco?

L: Bota a junta aí.

J: Fechou um pouco?

L: Fechou.

J: Um ou outro sempre abre mesmo. Não tem jeito não. Tá bom, tá com uma folguinha mínima.

J: Michele, vamos tomar um cafezinho?

[Pausa para o café]

[Nesse momento, João e Leandro vão tomar um café que a dona da casa preparou. Eu também tomo um pouco de café e como um pedaço de bolo.]

[Voltando ao trabalho João percebe que um azulejo, que havia colocado no dia anterior, estava ‘aberto’. Pediu ao ajudante que o retirasse com cuidado para arrumar]

J: Esse aí abriu, hein, cara... Esse aí abriu... Vai ter que arrancar ele pra poder mexer... Esse penúltimo aqui. Depois você arranca ele pra mim, raspa ele, que eu já vou colocar de uma vez.

[J me parece muito preocupado com a qualidade do seu serviço, mesmo que para isso ele perca um pouco de tempo. Faz tudo com bastante calma, sem pressa, mas muito atento a todos os detalhes, para que tudo saia o mais perfeito possível]

J: Nossa, a hora voou...

M: É mesmo...

J: Cara, que é isso... A profecia tá se cumprindo... Os sinais... No final dos tempos o tempo seria abreviado...

[João fica conversando com Leandro, enquanto trabalham. João continua colocando azulejos e Leandro vai ajuntando o material, mexendo a massa, servindo João. As conversas ficam mais voltadas para fatos corriqueiros, comentários sobre alguns amigos, nada sobre o trabalho.]

J: Michele, todo trabalho profissional tem isso aí: o material, tá vendo?

M: Ahã...

J: Tem que controlar, pra não ter desperdício, essas coisas...

M: É...

[Após essa conversa, João vai encerrando as atividades do dia. Eu espero que tudo esteja finalizado para ir embora na companhia de João e Leandro, descendo pelo bairro]

Transcrição 5 – dia 18/05/07

J: Michele, você foi privilegiada... Você falou que nunca foi ao Rio, né, mas tá aí no clima...

[João se refere à música que o vizinho está escutando: um samba]

M: É... O pessoal tá animado... Mas aqui em Juiz de Fora, quando eu vim pra cá, eu estranhei muito. Porque assim, pra mim, quando eu vim pra cá, o pessoal daqui falava carioca...

L: É, o pessoal de Belo Horizonte fala que aqui em Juiz de Fora é carioca do brejo...

M: Ahã... E como lá no sul de Minas tem muita influência de São Paulo, puxa mais o sotaque pro lado de lá... Então, quando eu vim pra cá, nossa senhora... “Por que esse povo tá achando que é carioca?” Mas hoje em dia eu já tô acostumada. Quando eu vou pra lá eu fico achando estranho o sotaque de lá. Não é que eu acho estranho, mas eu fico reparando, né. Eu nunca tinha reparado...

J: Ah... Eu gosto do sotaque gaúcho, né, do sul, e do espanhol... Italiano também eu gosto...

[João e seu ajudante Leandro estão tentando arrumar um azulejo que está sendo colocado em um lugar que não possui sustentação (em volta de uma porta, no lado esquerdo desta). Para isso, João coloca um prego debaixo do azulejo, para tentar segurá-lo]

J: Muita calma nessa hora... Vou tentar pegar um ponto aqui pra ajudar... Tá abrindo pra lá, por causa da espessura da massa, entendeu?

L: Você bota ele na cabeça aí em cima, escora ele...

J: É melhor... aí, menino!!! Distribuído, né... Vamos distribuir... Ficou bom...

L: Ficou...

J [conversando comigo agora]: De manhã essa parede ali tava tortinha... Tive que desmanchar tudo...

M: Ah...

J: Um pouquinho que você vacila já era... Metade dela, lá da porta até aqui no meio.

M: Enquanto vai dando pra colocar inteiro é uma beleza. O negócio é na hora que começa a ter que tirar, cortar, aí que...

J: Aí que é...

L: Acabou o pagode?

M: [risos] A minha gravação vai ficando com fundo musical... É uma beleza... Igual da outra obra lá, eu ia... tem que transcrever tudo, né, eu vou ouvindo e escrevendo tudo, né. Aí tem hora que entrava música, passarinho cantando, é uma beleza... Cachorro latindo... [risos]

L: [risos]

J: Tá vendo aqui, Michele... [João se refere ao azulejo que está assentando, que precisa ser cortado para encaixar no lugar certo. Ele faz a medida utilizando o próprio azulejo, sem usar nenhum material. Ele coloca o azulejo no lugar que deveria ficar sem o corte e marca com um prego] Me dá um prego aí, Leandro.

M: Tem coisa que é só no olho mesmo, né...

J: É a marcenaria, o cara trabalha na manha, esse é um trabalho que não precisa de conta... [João, usando a máquina própria, corta o azulejo e vem colocá-lo no lugar. Depois de um pouco de trabalho, ele e seu ajudante conseguem colocar os azulejos que faltavam em volta da porta no lugar.]

J: Dá saudade, sabe. A gente vai prum lugar e acaba acostumando... Eu trabalhava na Baixada (fluminense)... [João diz isso por causa da música que o vizinho está ouvindo: um samba]

M: Igual eu... já acostumei tanto aqui em Juiz de Fora também, que se eu tiver que sair daqui... eu vou embora triste...

J: Mas você ainda tá dentro de Minas. Mesmo que tenha diferença, ainda é Minas.

M: É...

J: Rio Grande do Sul, ali aquela região, se você vai pra outro lugar já tem aquele sistema. Minas também. Rio, qualquer lugar do Rio... Agora, quando você vai pra outro estado mais longe... Um estado que tem jeito estranho é... nordeste. Nordeste, Paraná... Paraná não, é sul...

M: O Pará...

J: É, o Pará... Esses lugares assim é como se fosse outro país, né. É muito estranho... Mato Grosso, também, é um pessoal esquisito pra caramba...

[Nesse momento Dona Nice, a dona da obra, chama João lá fora. Suponho que seja para fazer o pagamento, pois esse dia era uma sexta-feira.]

[Dona Nice brinca dizendo que eu vou acabar mudando de profissão, que vou virar ajudante do João. Daí, ele começa a me falar sobre a construção civil]

J: No ramo da construção civil, o tempo inteiro se você quiser fazer tem serviço. Tem serviço o tempo inteiro. Geralmente na construção civil, cada um puxa prum lado, prum setor. E tudo é válido... Talvez o cara não consegue fazer isso, mas de repente em outro setor ele vai render mais... Então, é... lá no Bom Pastor, quando eu trabalhei lá, tinha um servente lá que, era ajudante lá, que que ele fazia, chegava no fim da tarde tava tudo organizado. Ele organizava a obra todinha, as ferramentas, deixava tudo organizado. Sexta-feira, quatro hora da tarde, tava tudo super limpo. Você não via uma madeira, não via nada no chão... Ele organizava tudo. E quase não via ele trabalhando. Tava trabalhando, “Cadê o cara?”, ninguém percebia. Quase ninguém percebia e quando você olhava, o cara fez. Tem lugar, tem setor...

J: Ontem a gente tava falando sobre especialidade, evolução... Devido a área que compreende condomínio, hospital... bom, hospital hoje em dia não pode parar, né, principalmente particular, né...

M: Ahã...

J: Hospitais aí, não param, aí tem bastante trabalho. Se você tiver... se tiver por exemplo especialidade em alguma coisa você consegue trabalhar, fazer um trabalho. Eu lembro que teve três rapazes que fizeram curso de mergulho... Olha a cabeça deles, fizeram um curso de mergulho, foram arranjar emprego, aí descobriram uma cola, uma cola própria pra se colar dentro da água. Passa ali na hora ela cola. Aí descobriram, foram pesquisando aquilo tudo ali, hoje eles trabalham em São Paulo, naqueles grandes clubes. Às vezes dá um problema na piscina, você não pode esvaziar uma piscina daquelas, aquelas piscinas lá de 20 por 30 metros, de competição, de academia, né, eles vão lá, mergulha, faz o trabalho que tem que fazer, sem esvaziar nem nada, sem tirar a água...

M: Olha, que beleza...

J: Tira o quê? 3 mil, 5 mil... E paga, né... Então, é bom...

[J e seu ajudante estão transferindo a altura de uma parede pra outra, usando a mangueira com um líquido colorido dentro. João comenta sobre seu amigo, o qual ele e o ajudante chamam de Profeta. Ele conta um sonho que esse amigo teve com ele, que seria uma previsão. Eles acham graça da situação]

[João, seu ajudante e eu conversamos sobre assuntos como televisão, festas de aniversário, sem relação com o trabalho]

M: João, você tem alguma técnica, alguma coisa pra colocar azulejos ou vai colocando assim...

J: É aquilo que eu te falei, todo o trabalho artesanal, né, aí vai da [...], mas a técnica entra aí, né, é muita atenção, atenção, prumo, nível, alinhamento, e durante o trabalho você tá

raciocinando, né. Toda hora tem que estar medindo, tem que medir assim... Porque igual a maioria do pessoal trabalha, pega uma parede e joga, não quer saber pra que lado vai dar o recorte... Aí pega outra parede e “Ah, vou começar dali” e vai, entendeu? Isso é o que faz o pessoal tudo aí. O cara pega de pra trabalhar de empreitada, né, chega, quer fazer as coisas correndo e vai fazendo. Aí um recorte fica pra lá, o outro ali, e vai fazendo assim sem direção... Ele quer colar o azulejo na parede.

M: Ahã...

J: Então, o que exige é muito raciocínio, tem que ficar calculando...

M: É... em cima do espaço...

J: Você já tem que estar pensando lá na frente o que vai acontecer... Então tem que ter muita paciência, calma... Eu podia tá correndo, fazendo isso aqui mais rápido, mas eu tô tentando cada vez mais me aperfeiçoar... Tô perdendo um pouco de tempo? Tô...

M: Mas tá ganhando em qualidade do trabalho.

J: É. Então eu tô tentando me aperfeiçoar, porque quando o campo melhorar, tô tentando aperfeiçoar a técnica... Igual eu sempre digo. A gente vai trabalhar num local, a pessoa não tem aquela paciência, né, não sabe alguns macetes, né, acaba perdendo o próprio trabalho, né, aí é onde a pessoa se enrosca, né. Tem gente que às vezes pede o trabalho, ou às vezes pede ou cobra serviço. Se souber fazer é bom pra ele. Se não, aí complica, né. Um conhecido aí, foi reformar uma cozinha pra uma senhora, no Manoel Honório, aí comprou aquela argamassa de primeira, aí fez isso aqui [João me mostra como a pessoa fez, passando somente massa no azulejo pra assentar, sem colocar massa na parede]. Fazia isso aqui e colocava o azulejo na parede.

M: Não passava essa massa [na parede]...

J: “Ah, isso aqui segura, segura. Isso é massa de primeira qualidade.” Ele não queria nem saber. Aí as juntas ficaram assim tudo torta. Aí pegou, falou “Quero acabar isso pra ir embora”. Falei “Caramba...”. É uma coisa meio triste, sabe.

M: Ahã...

J: A pessoa quer trabalhar sério mesmo, fazer um trabalho de qualidade, com material de primeira, perde, né.

M: Essa peça maior assim é mais fácil de colocar, né? [Me referindo ao azulejo que estava sendo assentado, cujas medidas eram 43cmx33cm]. A chance de dar erro é menor... Você vê mais fácil, né... Aqueles menores assim não dá...

J: Pra trabalhar os menores é melhor. Esse aqui, se você aperta aqui a ponta de lá levanta. Então você tem esse problema. Você tem que trabalhar de acordo.

M: Mas eu acho que pra entortar, esse entorta menos que o outro, né?

J: É. Cada material, né, tem que procurar ter uma certa habilidade, pra aproveitar... Tem que ter muita noção também... noção de distância... de espessura, né... Você olha assim já dá pra ver, se tem que encher mais um pouquinho... Tem uma série de detalhes, né. Chega à tarde a cabeça tá...

M: Imagino... E o corpo também, né?

J: É. Os movimentos aqui são muitos.

M: E um movimento repetitivo...

J: Muito repetitivo...

J: Fui trabalhar lá... Me chamaram pra trabalhar lá, pra ajudar, na fábrica de doces. Tinha que fazer um paredão de 11 metros de comprimento por 8 de altura. Que loucura, como trabalhei... E os caras lá tudo apavorado, eu falei “Calma aí, calma aí, vamos pensar antes de fazer, né. A gente pega o trabalho e tem que pensar primeiro.” Fomos lá, preparamos, aí peguei uma régua igual essa aqui (João me mostra a régua), aí fui lá em cima, alinhei, coloquei o prumo, tudo direitinho, do outro lado, e pronto, “Agora a gente só trabalha na linha”. Né? O cara não precisa ficar igual maluco não. Tá doido. Precisa ver que loucura os caras trabalhando lá. Trabalhei dois dias lá só também, só pra ajudar, né. Eu não gosto muito de trabalhar pra esse pessoal de empreiteira, não.

M: Acho que o problema é a questão da liberdade pra fazer, né? Do seu jeito... tem que ser do jeito que eles querem, do jeito que acham que tem que ser, né.

J: E eu quero também segurança. Ficam tão apavorado, tem que usar capacete, cinto de segurança, chega na hora fica tão apavorado com o tipo de trabalho que a ferramenta atrapalha.

M: Ahã...

[João começa a mexer uma massa, comentando que aquela massa é muito forte]

J: Tem uns azulejos aí, você já viu Leandro? Lançaram um azulejo aí de um metro e cinquenta por um e cinquenta e o outro era de um metro por um metro. O esmalte dele é de primeira. Coisa mais linda...

M: Um metro... nossa senhora... se esse aqui você já falou que aperta de um lado, empena do outro, nesse aí vai precisar de quatro pessoas, uma pra ficar em cada canto...

J: Trabalhar com ele não é mole... Se você coloca na parede tem que ficar muito perfeito...

M: Ahã...

J: Mas é muito bonito, cara...

M: Ah, deve ser...

J: Mas também tem um menor, de 50 por 50, de granito, que também é muito bonito. Meio verde, a coisa mais linda. Esse já é um preço mais acessível...

(Pausa na conversa)

J: Você já assistiu aquele filme O coronel e o lobisomem?

M: Não, esse eu não vi.

J: Nacional, com Selton Melo. Você ri muito. Tem muita argumentação também. É meio teatro, né. Tem muita coisa engraçada. Tem que prestar atenção em cada detalhe. Tem muita fala. Quase uma hora e meia só de fala. É direto mesmo. Ah, mais a gente ri muito. “O coronel e o lobisomem...”

M: Esse eu não vi. Vi aquele “Lisbela e o prisioneiro”.

J: Engraçado que esse filme falam que é de Juiz de Fora, das fazendas de café aí. Uma fazenda enorme que tem aí, que é citada no filme.

M: Hã...

J: A história mesmo, essa história de lobisomem, esses causos que tem aí...

M: É, tem muito...

J: Tem uma hora lá, que o coronel tinha fama de valente, né, aí apareceu, falaram que era o lobisomem, aí todo mundo foi lá procurar ele. Aí o coronel chamou ele. “O senhor não era militar, agora tá com medo?” “Ah, eu vou!” Aí ele levou o companheiro dele, aí o companheiro ia na frente e ele ficava escondido. Na hora que ele tava bem escondido apareceu uma onça atrás dele. Aí um colega dele que veio por trás dele matou a onça. Aí ele... o funcionário dele que era puxa saco, né, o cara era puxa saco, pra dar moral pra ele, chegou lá e falou que era o coronel que tinha matado a onça. É muito engraçado... [risos] As cenas são muito bonitas, a fotografia... os lugares...

(Pausa na conversa)

J: Minhas perna tá queimando...

E: Também tô cansado, cara...

M: Sexta-feira feira é dia...

E: Aí começa a aparecer dor aqui, dor ali...

[Ao colocar o azulejo em uma parede, começando pelo lado direito, sobrou do lado esquerdo um espaço de mais ou menos 2 centímetros. Eu perguntei ao João se seria necessário recortar o azulejo pra colocar lá]

M: João, naquele cantinho ali, vai uma tirinha ali ainda, de azulejo?

[J responde balançando afirmativamente a cabeça].

M: Dessa finura, né? [mostra com os dedos] De um centímetro, né?

J: É, tirando a folga ali, um centímetro e meio mais ou menos. Tem que pôr... Só se você comprar o azulejo primeiro, calcular, botar tudo na escala, aí depois fazer o cômodo de acordo com a medida.

M: Ahã... pra não dar recorte...

J: Aí dá.

M: Ah, mais acho difícil. É mais fácil o contrário mesmo, que todo mundo faz, né. Pode é depois de pronto tentar comprar uma peça que encaixe mais ou menos, né.

J: Fui trabalhar uma vez numa casa, Michele, era duas crianças e três adolescentes. Aí, o pai viajava. Chegava lá de manhã, cara, já ligava aquele som... Corre daqui, corre de lá, aí começava aquela brigaiada com os irmãos, um batendo no outro, puxando o cabelo, “Não bate na minha irmã”...

M: Mas cinco filhos...

J: Chegava lá pra mim: “Ó, João, não repara, não...” “Não tô reparando, não”. Alegria pura, alegria pura... [risos] Um dia a mulher cismou de lavar a casa. Ficou tudo no meio da água, encheu a casa d’água. “Ai, ai, ai...” Aí tá lá, foi puxar a extensão da geladeira, descalça, garrou lá. Cara, a mulher começou a entortar toda, as criança rindo, cara,

M: [risos]

J: Criança, sabe como é, né... Vendo a mãe deles entortar lá, as criança começou a rir... dando tudo gargalhada... Aí eu falei não vai dar tempo de chegar lá no padrão, que era na rua...

M: Hã...

J: Peguei o alicate e cortei o fio...

M: Que loucura, gente...

J: E a mulher se estribuchou no chão... com a criança rindo...

M: Nossa senhora...

J: É desse jeito, Michele. Essas coisas que a gente encontra por aí.

[Logo após essa conversa, João começa a conversar com seu ajudante sobre a colocação da pia. O que ele pretende é quebrar o menor número possível de azulejos para a colocação dessa pia. Para isso, eles fazem alguns cálculos, de cabeça mesmo, para ver onde ficaria melhor a pia.]

J: Ficar em pé cansa, né?

M: Cansa mesmo...

J: Uma vez lá na Doceria Brasil, o cara trabalhando lá, trabalhava lá na cozinha, ficava descascando coco. Quebrar o coco, rachar no meio, com formol você tira ele... fazer o possível, tirar ele inteiro. Se você leva ele no forno já solta a casca. Aí quebra num monte de

pedaço pequeno. E descasca tudo na mão. Com aquela faquinha pequena, vai cortando tudo na mão. Aí o cara fica doido, né. Chega dia de quinta-feira, que era dia de produção, aí tem que descascar o coco tudo pra fazer o recheio dos bolos, né... Quatro sacos de coco... uma pilha. Aí o cara fica doido. Ele ficava um pouco na perna direita, ia trocando... O cara fica lá. Colocavam pra trabalhar dia de domingo lá. E lá é dois forno industrial, um calor... Rapaz, não sei como conseguia trabalhar lá não. Deu duas horas da tarde o cara encostou na parede assim, dali a pouco colocou o pé no alto, aí o cara: “O, o que negócio é esse de colocar o pé na mesa? É uma cozinha, cara.” Ele tava com o pé na mesa, cara [risos]. Não é fácil não...

[Logo após essa conversa, o telefone celular de João toca. É um amigo dele, que quer que ele vá ver o serviço de uma mulher no bairro Santa Cecília]

J: [Ao falar sobre a conversa que teve com o amigo no telefone] Ele quer que eu vá lá na casa dela, lá no Santa Cecília, mas ir oito horas da noite, não da não... Lá em Santa Cecília? Dois ônibus? Vou chegar lá, ela vai estar cansada também, que ela trabalha na Tribuna de Minas, o dia inteiro também... Ah, não fui não. Aí liguei pra lá e falei: “Não deu jeito de ir aí, no dia que tiver de folga eu vou, né?” De dia é melhor... ainda mais pra fazer os cálculos, tudo direitinho, né.

M: De dia é melhor mesmo...

J: Ela tá fazendo uma transformação na casa dela, porque... ela perdeu o esposo dela esses dias aí... a carreta tombou em cima do carro dele, morreu na hora.

M: [espanto]

J: Aí ela tomou um choque...

M: Poxa...

J: Acabou tudo, né. E ela é nova, deve ter uns 32 anos... Aí ela quer fazer uma mudança lá, né...

M: É bom que distrai um pouco...

J: É bom sim. [João falando sobre esse amigo que ligou] Tem um cara que tá amolando ele aí... esses meus amigos... Tô cercado... [risos] Sou daquelas pessoas à moda antiga [risos]

L: Ele deve querer ir lá naquela dona lá no Granbery.

J: Da porta, né?

L: Da porta...

J: É... mas não vai dar não.

L: Ele quer que a gente desenrole pra ele pintar, né?

J: É...

L: É isso aí...

[Pelo que me pareceu, esse amigo do João é pintor e quer que ele faça um serviço em determinado local para que assim ele possa pintar]

J: A gente rola, rola, rola e cai sempre no mesmo lugar... Um dia ele foi lá em casa, foi lá em casa um dia, aí eu fiz uma comida lá, fiz aquele sopão caprichado com carne, cenoura... Aí ficou naquele sofá velho que tem lá, né... Ah, mas dormiu igual criança.

L: A comida pesou! [risos]

J e M: risos

J: Eu fiquei observando assim, fiquei olhando... é... eu fico feliz, sabe... a gente ter uma condição de, sabe?

[J fica mexendo na massa]

J: Aqui em Juiz de Fora, tinha, uns tempo atrás, Michele, tinha festa de inverno, tinha a festa das nações e uma outra que eu não lembro o nome. Fazia ali no bairro Bom Pastor, era muito bom... Era a festa das nações e a festa de inverno. A festa de inverno fazia lá no Tupi, no campo do Tupi. A festa das nações fazia no bairro Bom Pastor. Aí ficaram levando pro parque de exposições foi perdendo a graça. Entendeu? Porque algo que começa num lugar tem que ir sempre. Aí foi perdendo a graça. Aí depois veio essa festa country, essas coisas aí. Aí foi perdendo o clima, a essência, né.

M: Mas é. Essa festa country mesmo de country não tem nada. Só lá tem os rodeios, tem essas coisas, mas... os shows, as coisas que tem, não têm nada de country...

J: Não tem nada...

M: Sertanejo...

L: Festa country tinha que ser só sertanejo.

M: Também acho.

L: Mas eles coloca axé, coloca pagode...

M: É...

J: É o que eu falei: tá perdendo a essência de tudo...

L: Aí eles acaba que tumultua as coisas, porque os sertanejo já é uma coisa mais devagar, né... Canta lá um Leandro e Leonardo lá, no caso o cara até morreu, aí o pessoal fica naquele clima. Aí entra uma outra mais badalada, aí já começa a brigaiada, aí fica uma coisa aquilo lá...

M: Mas eu ouvi falar que ontem morreu uma moça lá...

L: Morreu...

M: Que ela foi pular de um brinquedo lá, né... Que absurdo...

L: E teve Daniela Mercury...

M: Ivete Sangalo... foi a Ivete Sangalo... Que ela tem a ver com festa country?

L: Não tem nada a ver...

M: Nada a ver mesmo...

J: Agora pega o sertanejo aí e tenta enfiar aí pra você ver...

L: Eles não deixam... Eles não deixam cantar não...

J: Mas eles vêm faturar aqui. Eles não é bobo... A festa de inverno quando era no Tupi, ali perto da Benjamim, lá atrás no campo deles, a festa de inverno ali era uma beleza... uma maravilha. Aí levou pra lá (acho que João se referia ao parque de exposições) perdeu a graça.

M: Essa festa das nações eu ainda cheguei a pegar, mas lá no parque de exposições. Mas foi um ano só que eu acho que teve. Depois não teve mais.

L: Foi em 99 ou 2000.

M: Acho que foi em 2001... Foi o primeiro ano que eu tava aqui. Depois não teve mais.

J: E outra coisa também. É... perdeu a essência em tudo, porque o pessoal só monta barraca pra faturar, não faz nada pra atrair o povo...

L: Você paga um absurdo no ingresso e ainda chega lá dentro as coisas é a mais cara do mundo...

M: Tudo é caro mesmo.

J: Então, não tem nada pra distrair o povo. Aí o pessoal vai pra rua. Aí tem que sentar em barzinho, ou então, quem tem carro, fica andando pra baixo e pra cima, pra baixo e pra cima... Entendeu? Não tem nada.

L: Verdade.

J: Aí o pessoal desce e sobe o morro, desce e sobe o morro...

M: Ficar andando... pelo amor de Deus... Já trabalhou a semana inteira... [risos]

J: Mas eu não tenho paciência pra ficar sentado numa mesa lá. Entendeu? É isso aí. Sei lá. Em vez de ter um lugar diferente pra gente...

L: Senta na mesa já tem que pagar o garçom...

M: É... Tem que pagar os 10 por cento...

J: Lá em Chácara, numa exposição uma vez, foi aquele Beto Cauê. Aí tinha um colega meu que fazia animação vestido de palhaço no final. Cheguei lá ele tava todo enrolado. Ah, eu troquei de roupa, fui ajudar. Fiz uma algazarra lá... as crianças lá ficou doido... aí ficou maluquinho... Trabalhei com ele uns tempos, aí depois o cara foi lá pegou jogou água lá, fez um barro, falou "Quem quiser pode brincar aí à vontade. Tem banheiro lá embaixo, pra depois limpar. Quem quiser participar vamos colocar um prêmio aí." Pegou um leitão, lá. E mandou a galera pegar o leitão, cara. A criançada pulou dentro... Todo mundo correndo atrás do porco

pra pegar ele. Quer dizer, uma coisa legal... A preocupação, tinha lugar pra tomar banho, então vamo embora. Todo mundo sujo de barro... Dá pra distrair, né?

M: É...

J: Me diverti muito lá... Teve um baile lá, cara, aí eu tinha uma jaqueta, cara, invocada, cheguei lá todo mundo ficou cismado comigo, achando que eu era civil [policial civil]. Eu entrei na minha, tô lá curtindo a festa, chega uns cara lá, pegando as meninas à força, beijando as meninas à força... [mudando de assunto] Graças a Deus! Acabou! [João diz isso ao assentar o último azulejo inteiro da parede na qual estava trabalhando. Agora só faltam os recortes]

[Nesse momento chega na obra seu amigo, com o qual tinha falado ao telefone algum tempo atrás]

[Como não perguntei o nome dessa amigo, vou denominá-lo de P em alusão à brincadeira que João fez, chamando-o de Profeta 2]

P: E aí, João. Esqueci minha chave lá no serviço... saí do serviço, falei, vou chegar em casa, descansar um pouquinho... hã... Não tem como descansar...

J: Você tá onde?

P: Tô lá no Barbosa Lage...

[João e P começam a conversar sobre a cozinha na qual ele está trabalhando, contando o que ele fez, como era antes...]

[Ao terminar o trabalho daquele dia, João me diz que se eu quiser perguntar qualquer coisa, se quiser falar alguma coisa, que ele estava à disposição. Eu disse que retornaria na próxima semana, que faria um estudo do que eu já tinha e que perguntaria se surgisse alguma dúvida]

P: Você tá estudando?

M: É, eu tô fazendo uma pesquisa, da universidade... aí tô amolando o João, aqui...

P: Você é arquiteta?

M: Não eu sou professora, de matemática. Eu dou aula na escola aqui do bairro.

P: E tudo aqui tem a matemática, né?

M: É, por isso que eu vim pesquisar aqui, porque tem muita matemática mesmo...

P: Tudo aqui é matemática, não tem como você fugir...

M: Não tem mesmo...

P: É incrível, né, a matemática...

M: E tem tanta dificuldade na escola, né...

P: Hum... Nem me fala! Eu tenho minha calculadora lá quietinha...

M: Mas é muito mais prático... [risos]

P: Já sofri muito quando era criança. Eu tinha uma professora, ela era meio brava, ela pegava na orelha da gente mesmo. Eu tenho um problema na orelha, quando tá muito frio minha orelha trinca.

M: Hã...

P: Desde criança... “Tem que aprender na varada...”

M: Que isso...!!!

P: Era. A gente usava um shortinho assim, azul, aí ela dava umas varadas na perna... era... o negócio era feio...

M: Nossa!!! Hoje em dia se a gente relar a mão num aluno...

P: Antigamente...

L: Eu lembro direitinho... Uma vez uma professora deu uma reguada na minha cabeça...

P: E a gente quando era criança tinha muita dificuldade, há quanto tempo atrás? Hoje eu tô com 43... Eu tava na faixa dos 8, 9 anos, já tem tempo, né. E ela fazia todo dia. Arrumava uma laranja, um laranjão arrumado, falava alguma coisa, já levava...

M: Hoje em dia não pode fazer nada disso...

P: Ih... eu sofri muito, você nem imagina...

M: Se bem que tem hora que dá vontade... [risos]

P: Também não é fácil não... quando eles começa mesmo a...

M: Ahã... A bagunça, a agitação é normal. O ruim é a falta de educação. Isso é que é triste.

P: É...

L: Tem uns que não respeita mesmo...

M: Não. Não respeitam mesmo...

P: Você é mineira?

M: Sou, do sul de Minas.

P: Hã... Naquela região que faz divisa com São Paulo?

M: É.

P: Ah!!!! Agora dá pra entender...

M: [risos]

[Creio que P se referia ao meu sotaque...]

[Depois dessa conversa, João terminou as atividades daquele dia]